

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Marta Isabel Ricardo Marecos Duarte

**VOZES CONSOANTES, VOZES DISSONANTES.
PINA E MELO E A CULTURA LITERÁRIA DO
SÉCULO XVIII**

SUJEITO AUTORAL, POLÉMICA E POÉTICAS

VOLUME 2

**As Rimas de Francisco de Pina e Melo
Primeira, Segunda e Terceira Parte**

**Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa,
orientada pelos Professores Doutores Paulo Jorge da Silva Pereira
e José Eduardo Franco e apresentada ao Departamento de
Línguas, Literaturas e Culturas da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Dezembro de 2020

Marta Isabel Ricardo Marecos Duarte

VOZES CONSOANTES, VOZES DISSONANTES.

Pina e Melo e a Cultura Literária do século XVIII:
sujeito autoral, polémica e poéticas

VOLUME 2

**AS RIMAS DE FRANCISCO DE PINA E MELO,
PRIMEIRA, SEGUNDA E TERCEIRA PARTE**

**Tese de doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, orientada pelos
Professores Doutores Paulo Jorge da Silva Pereira e José Eduardo Franco e
apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Bolsa Individual de Doutoramento: FCT SFRH/BD/101304/2014

Dezembro de 2020



Francisco de Pina e Melo (n. 1695), moço-fidalgo da Casa de Sua Majestade, descendente dos Pinas de Aragão. Gravura assinada por H. de Leth (1726), colada na folha de guarda do manuscrito d'As Rimas de Francisco de Pina de Mello (BNP, cód. 3568, 1726).

Objetivos e critérios gerais

A edição do autógrafo d’*As Rimas de Francisco de Pina e Melo, Primeira, Segunda e Terceira Parte* (1726), que foi por uma única vez alvo de edição impressa, sob a supervisão do poeta, em 1727, pretende ser um contributo para a divulgação da poesia de Pina e Melo, neste caso, as suas primeiras composições conhecidas, dando a conhecer melhor a estudiosos e ao público contemporâneo em geral a lírica da época. Assim, conscientes da importância de atualizar a sua grafia de acordo com a norma atual, procurámos, no entanto, fazer uma prudente modernização dos textos em língua portuguesa, salvaguardando os aspetos fonéticos, morfológicos e sintáticos, de modo a preservar o estilo característico do autor. Quanto aos textos em espanhol, optámos por fazer uma atualização integral, segundo a norma vigente, preservando, porém, aspetos morfológicos epocais, de modo a respeitar a construção original do verso. No final do volume, apresentamos um índice geral das composições da obra.

Assim, as alterações que realizámos (e respetivas exceções) enquadram-se nas normas de transcrição apresentadas em seguida.

Normas de transcrição

1. Vogais

- i) Substituição da representação da semivogal *y* por *i*, em vocábulos como *mayor* e *culpay*;
- ii) Regularização da grafia das vogais e ditongos nasais de acordo com a norma atual (ex. *manhã* > *manhã*; *prisoens* > *prisões*), optando por preservar realizações de que se verificam alternâncias (ex. *nuves* / *nuvens*);
- iii) Atualizámos as formas masculinas e femininas do artigo indefinido *hũ* > *um*, *hum* > *um*, *hũa* > *uma*;
- iv) Atualização da representação dos ditongos nasais (*alcanção* > *alcançam*);

- v) Atualização da grafia dos ditongos orais, grafando com *i* e *u* as semivogais (*idea* > *ideia*, *curraes* > *currais*, *Deos* > *Deus*, *deo* > *deu*; *vio* > *viu*). Respeitámos também algumas realizações de eventual cariz regional, de que se constata variação, e, sublinhe-se, cuja intervenção se apresenta significativa do ponto de vista fonético (*quexa/queixa*, *bejar/beijar*; *cuda/cuida*; *madexa*). Mantivemos as ocorrências da segunda pessoa do singular do verbo *ir* (*vás*), não sujeitas a variação;
- vi) Atualização da grafia dos ditongos orais crescentes (*agoas* > *águas*; *fragoas* > *fráguas*);
- vii) Atendendo ao critério do relevo fonético aludido na alínea v, procedemos à preservação de determinadas formas arcaicas, com ou sem variação no texto: *cousa* (coisa), *outo* (oito), *dous* (dois), *enveja*, *envejado* (inveja, invejado), *enveste* (investe), *destimida* (destimida), *distilar* (destilar), *álemo* (álamo), *Himyneu* (Himeneu), *antilóquio* (antelóquio), *ajeolham* (ajoelham), *desmerone* (desmorone), *desemporado* (desamparado), *contino* (contínuo), *encalma* (acalma), *quási* (quase), *Alencastro* (Lencastre), *Vetrúvio* (Vitrúvio). Em algumas destas ocorrências inserimos, contudo, nota de rodapé indicando a respetiva forma atual.

2. Consoantes

- i) Supressão do *h* inicial (ex. *he* > *é*), em posição intervocálica (*ahi* > *aí*) e nos dígrafos helenizantes (*lethargo* > *letargo*; *scilas* > *cilas*; *sciencia* > *ciência*); substituição do mesmo por *i*, nas formas conjugadas do verbo *sair* (*sahe* > *sai*; *sahão* > *saiam*);
- ii) Simplificação das consoantes dobradas (*estrellas* > *estrelas*; *difficuldade* > *dificuldade*; *opprime* > *oprime*; *setta* > *seta*; *succede* > *sucede*; *innundação* > *inundação*);
- iii) Normalização dos grupos consonânticos em posição medial, segundo o uso moderno, eliminando para tal a consoante etimológica (*himno* > *hino*; *augmentar* > *aumentar*; *assumpto* > *assunto*; *prompto*

> *pronto*; *fructifico* > *frutifico*). Por sua vez, no que respeita ao grupo *sc*, mantivemos formas como *nacer*, *acrecentar*, *crecer*, *decer*, que se observam ainda hoje em diversas regiões de Portugal. E optámos também pela manutenção do *p* de *Egipto*, por se encontrar em posição de rima. De um modo geral, nas palavras em posição de rima, o intuito de conservação sobrepôs-se, nesta edição, ao de modernização;

- iv) Substituição do dígrafo *ch* por *c* nas oclusivas velares (ex. *monarcha* > *monarca*);
- v) Normalização da representação das consoantes fricativas segundo o uso moderno:
 - a) a fricativa labiodental surda passa a ser representada por *f* (ex. *triumphos* > *trunfos*);
 - b) as fricativas alveolares são representadas de acordo com as várias formas atuais: *azas* > *asas*, *socega* > *sossega*, *cançada* > *cansada*;
 - c) a fricativa palatal surda será grafada com *s*, em *quiz* > *quis*, *poz* > *pôs*; e *x*, em *escogitando* > *excogitando*;
 - d) a fricativa palatal sonora será grafada como *g* ou *j*, em *regeitas* > *rejeitas*, *magestade* > *majestade*, *sogeito* > *sujeito*;
- vi) Conservação da dupla grafia nas formas em que se verificam ocorrências metálicas do grupo consoante + *r* (ex. *preverter*, *postrar*, *bragado*);
- vii) Preservação de outras realizações populares ou arcaicas: *teriaga*, *reposta*, *enlabuzado*, *alcoba*, *assovio*, *dize*, *infelice*, *alvergue*.

3. Aspetos morfológicos

- i) Separação e união das palavras de acordo com o uso atual (*já mais* > *jamais*; *em quanto* > *enquanto*; *com tudo* > *contudo*; *outravez* > *outra vez*);

- ii) Desenvolvimento das abreviaturas (*q~ > que*), excetuando formas de tratamento (*Exmo.*);
- iii) Distinção das interjeições *ó* e *oh*, a primeira com função de invocação e a segunda nos enunciados que traduzem espanto, alegria e desejo;
- iv) Manutenção de formas que denotam processos de redução silábica (*inda, mui, ofrecer, emprender*).

4. Diacríticos

- i) Atualização do uso de acentos, preservando a forma monossilábica da 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos dar (*dem*), ter (*tem*) e ver (*vem*);
- ii) Introdução de apóstrofo para assinalar contrações (ex. *dalma > d'alma*);
- iii) Regularização do emprego do hífen nas formas oblíquas átonas dos pronomes pessoais em posição enclítica (*acabarme > acabar-me; fazello > fazê-lo; darlhe > dar-lhe*) e mesoclítica (*ser me há > ser-me-á*).

5. Maiúsculas, pontuação e itálicos: mantivemo-los na generalidade, tendo assumido algumas vírgulas e pontos finais que foram acrescentados ao original (pelo poeta ou segunda mão), quando são introduzidos no impresso.

6. Edição de 1727 e “errata” da mesma: introduzimos detalhes aqui inseridos, em palavras onde falta uma letra, por exemplo, assim como algumas correções que estão presentes quer na errata quer no impresso. Em nota de rodapé ou através da introdução de uma ou mais letras dentro de [], damos conta da intervenção feita sobre o texto do manuscrito.

7. Outros sinais: Introduzimos [...] para significar espaços no original, onde faltam palavras ou números, e “Sic”, em nota de rodapé, para indicar situações

“tal qual” no original, em que se verifica algum lapso ou realização vocabular que não se encaixa no sentido do texto.

**AS RIMAS
DE FRANCISCO, DE PINA, DE MELO,
MOÇO FIDALGO
DA CASA DE SUA MAJESTADE.**

PRIMEIRA, SEGUNDA, TERCEIRA PARTE.

**OFERECIDAS
AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR
DOM
GABRIEL, DE ALENCASTRO, PONCE, DE LEÓN,
DUQUE
DE AVEIRO, E DE BANHOS.**

[ii]

Ao Excelentíssimo Senhor
Dom Gabriel de Alencastro, Ponce,
de León,
Duque de Aveiro, e de Banhos.

Exmo. Senhor

Não se avaliam os obséquios pela pompa da oferta, sim pela devoção do sacrifício. Pequena vítima é esta comparada com a grandeza de V. Ex.^a, com a minha vontade, e obrigação. O magnânimo espírito de V. Ex.^a, e a minha impossibilidade podem desculpar a pobreza do tributo.

A V. Ex.^a como esplendidíssimo descendente daquele único herói na majestade, nas obras, e no ânimo, podia ser só digno da sua sublime compreensão um livro, que delineasse todos os objetos da heroicidade, para ver nele um epítome das suas ações, e de todos os soberanos progenitores de V. ex.^a. Contudo não havendo no pensamento de V. ex.^a mais que imagens generosas, para descansar de tão excelsa fadiga é que ponho nas suas mãos esta numerosa cítara, temperada com diferentes consonâncias para fazer mais deleitável a melodia. E afinada, debaixo do patrocínio de V. Ex.^a, logrará a mesma ventura, que a Arpa de Anfião, e a Lira de Orfeu.

Tão longe está este divertimento de vexar a magnanimidade, que a acredita. Alexandre trazia sempre no seio a *Ilíada* de Homero, Augusto [III] o Plectro das Musas, Francisco de França o saltério de Apolo, e o grande Dionísio de Portugal suas mesmas célebres poesias.

Quando não bastasse tão seguida autoridade, sobraria a prerrogativa de ir entre estas o Genetlífico da Sr.^a Dona Teresa de Jesus, ilustríssima sobrinha de V. Ex.^a.

Finalmente, sejam estas Rimas (pela grande parte que me toca) a primeira pública demonstração de rendimento, na posse de seus estados, com o alvoroço de ver a V. Ex.^a reduzido ao seu antigo, real, e verdadeiro domicílio que o Céu prospere a V. Ex.^a; em competência da Eternidade.

Montemor o Velho [...] de [...] 172 [...] ¹

B:A:M:D:V:E:

Francisco, de Pina, de Melo.

¹ A informação não é referida no manuscrito. No impresso (1727), por sua vez, está patente a data de 20 de janeiro de 1726.

A QUEM LER

Amigo, ou inimigo, benévolo, ou maligno, cândido, ou refochado Leitor; sejas qualquer que fores, pois tanto se me dá da tua benevolência, como da tua inimizade. Já levo o estômago feito em que esta minha obra há de parecer mal à maior parte dos que a virem; porque os menos são aqueles, que se arrebatam deste soberano dote da Poesia; e ainda estes tem inventado outra seita de versificar, não só alheia do meu génio, mas ainda totalmente estranha da mais veneranda antiguidade. Pretendi com todas as minhas forças seguir este caminho, para os modernos tão inculto, que o não conhecem, ou por desprezo ou por dificuldade.

Bem sei que por ele me acharei solitário; e também conheço que no nosso [iv] século para subir ao bifronte cume vale mais a sociedade, que o esforço, mas deitei-lhe as contas que é melhor ir só, que mal acompanhado. Dirás então para que exponho estas Rimas no teatro público do Mundo, se não ignoro o seu desagrado? Não te quero responder; porque eu não fiz este Prólogo, nem para desculpar a minha resolução, nem para captar a tua benevolência. E assim poupamos a impertinente superfluidade de gastarmos o tempo em perguntas, e repostas.

É certo que se tu fores daqueles *crine ruber nigerore, brevis pede, lumine laesus* que nenhuma desculpa te há de contentar, se justificares com a tua presença a filiação de Apolo, hás de saber o que custa – Ler, notar, escrever, borrar, e escolher – Enfim nós estamos em parte onde podemos ser conhecidos. Eu pelo engenho, tu pela condição. Não nos faltarão defeitos. Bem vês logo que é melhor calarmo-nos ambos. E ainda que tenhamos os Poetas aquela ilustríssima, e antiga herança de sermos sempre maiores, que os Críticos – *Aristarco, maior Homerus erat* – eu cederei esta envejada prerrogativa, com tanto que justifiques a tua autoridade. Isto é: ensinando-me com o exemplo – *Si doces ex Templo, doces exemplo*.

Vale.

[1]

AS RIMAS
DE FRANCISCO, DE PINA, DE MELO;
MOÇO FIDALGO DA CASA DE SUA MAJESTADE.
PRIMEIRA PARTE.

*Preposição*²

Soneto i

Aqueles, que de Amor estão feridos
Meus versos leiam só; que os meus cuidados
Não podem cabalmente ser louvados,
Senão de corações compadecidos.

Por isso busco a frase dos gemidos,
Pondo de parte os termos levantados;
Os que às mágoas não forem costumados
Cerrem os olhos, fechem os ouvidos.

Como pode avaliar o que se sente
Quem se vê, tão distante da agonia,
Que toda a sua vida andou contente?

Leia meus versos, pois, dê-lhe valia
Aquele só, tão triste, e descontente,
Que nunca visse o rosto da alegria.

² No autógrafo pode ler-se o título “Anabola”, riscado e substituído por “Preposição”, com tinta diferente. A letra é similar à de Pina e Melo. Tal como propomos no cap. IV da dissertação (separador “As *Rimas I, II e III*: organização e conceção do livro, secção 3, “Marginália”), ao abordar as anotações à margem no manuscrito, no impresso o autor optou pela correção. Trata-se possivelmente de emenda do próprio poeta no manuscrito, decorrente do comentário aos títulos redigido pelo crítico, no início do fl. 1, que analisamos no referido passo do nosso trabalho. Todos os títulos de sonetos, em seguida, evidenciam este tipo de ocorrência. O número, que igualmente figura no impresso, foi também introduzido *a posteriori*, pela mesma mão.

*Fragilidade do alívio*³

2

Se me ponho quieto, e pensativo,
Com memórias a ideia fatigando,
Sobra à Morte o andar excogitando
Para acabar-me a vida, outro motivo.

Antes de tantas lástimas cativo,
Por tantos casos míseros passando,
Não sei como em meus males contemplando,
De pego tão profundo escapo vivo.

Só tenho algum alívio enquanto dura
A quimera de um vago pensamento
Que aéreas esperanças me assegura:

Triste alívio! infeliz contentamento!
Que para sustentar minha ventura,
Não tem mais cabedal, que o fingimento.

³ Astochia.

[2]

*Glória instantânea, e fugitiva*⁴

3

Não fui eu, nem podia ser quem teve,
Entre os braços o bem, que mais queria,
Sem dúvida o desejo mo fingia
Com alguma ilusão, ou sonho leve.

Só pareceu que o tive em ser tão breve,
Pois apenas cuidei, que o possuía
Quando em fumo subtil se desfazia,
Como à vista do Sol o faz a neve.

Que menos me daria a Sorte escura,
Que o trágico sucesso desta história,
Sendo sempre em meus males tão segura?

Ficou a perda enfim, fugiu a glória,
De modo que nos longes da ventura,
Se desfalece a vista da memória.

⁴ Dialogismo.

*Débil natureza da felicidade*⁵

4

Vendo Amor que esta fé, este cuidado
Nunca em seguir seu giro foi violento,
Quis dar-lhe um prémio ao seu merecimento,
Por se ver de uma vez desempenhado.

Com um rosto divino, um doce agrado,
Que era glória imortal do pensamento,
Pagava o seu serviço, a cujo intento
Tinha já posto manso o duro Fado.

Desanda nisto a roda da ventura,
E descompondo a fábrica da dita,
Segue outra vez seu curso a infausta estrela.

Resta agora que intente a Sorte escura
Que eu tenha dentro n'alma sempre escrita
A mágoa, sem remédio de perdê-la.

⁵ *Alcôsis.*

[3]

*Destino do despenho*⁶

5

Não bastava, ó Amor, teres-me presa,
Com suave violência, a liberdade,
Mas arrancar-me agora inda a vontade,
Sem valer-me a justiça da defesa?

Isto a tão temerária, escura empresa
Que é evidente a fatal calamidade,
Bem que leve a subtil sagacidade
A vista pronta? a prevenção acesa?

Ora tenho entendido que imaginas
Em deitar-me somente, onde não saia,
Porque de todo veja esmorecer-me?

Pois escapar do mal para as ruínas,
É desejar que eu suba, porque caia
Em parte, que não possa nunca erguer-me.

⁶ *Prosfonema*.

*Loucura do pensamento*⁷

6

Que intentos são os teus, ó pensamento,
Para que, com tão doce simpatia,
Arrebates a louca fantasia
Ao mesmo resplendor do Firmamento?

Quebra a insana altivez de tanto alento,
Que na altura esmorece a idolatria:
Bem conheces que as asas da ousadia
Movem sempre as tragédias do escarmento.

Que oprimas, pois te peço esse alarido,
Que ergue a ideia, porque se não me engano,
Cuido que certamente vás perdido.

E possa te servir de desengano,
Que as mesmas direções do teu sentido
São os mesmos caminhos do teu dano.

⁷ Meteorismo.

[4]

*Maior tormento do alívio*⁸

7

Pela sombra de um bosque se metia,
Seguindo o giro de um inculto atalho,
Fido, um triste pastor, sem que agasalho
Tenha no desamparo, em que se via.

Cada vez mais turbado discorria,
Vendo sem esperança seu trabalho,
Cuja história no tronco de um carvalho,
Por ser o último bem, deixar queria.

Já no tosco papel as letras grava
A vacilante mão, quando arrebenta
O pranto, com que a árvore regava.

Com as águas a planta mais se aumenta,
E juntamente a dor, que aliviava
No mesmo desaforo se acrescenta.

⁸ Paradoxo.

*Trabalhosa fadiga do acerto*⁹

8

Duvido de uma glória, e certifico
Um estrago se a logro, e neste aperto,
Desafogando o mal, não sei se acerto,
Ou reprimindo o bem, se o frutifico.

Só sei que nem comigo o comunico,
Nem na minha alma o trago descoberto,
Antes em outro espírito o converto,
Antes com forma alheia o falsifico.

Que hei de fazer em tão extravagante
Objeto, como agora me convida
Amor, neste sucesso que me ordena?

Há mais infausta sorte! que um instante
Que hei de ter uma glória em minha vida
Há de vir tão confusa com a pena?

⁹ Diaporesis.

[5]

*Última desesperação do cativo*¹⁰

9

Só pode ser vingança, ou ser castigo
De algum crime, ó Amor, que eu tenha feito,
Queres seja n'alma, ainda aceito
Quem eu tratava já como a inimigo.

Não bastava eu andar sempre contigo
Às tuas leis, tão pronto, e tão sujeito,
Mas ainda de mim mal satisfeito
Meter-me em maior dano? em mais perigo?

Pode haver mais injusta tirania?
Pois eu, mas que me acabe, e me destrua,
Não hei de consentir nesta violência.

Quero ver, já deposta a cortesia,
Se para se vencer a força tua
É necessário mais que a resistência.

¹⁰ *Analysis.*

Imaginando já que não podia,
Segundo andava frouxo o pensamento,
Dar outra vez a Amor consentimento,
Vejo que me enganava a fantasia.

Pois da vontade a isenta rebeldia
Já vive atada, em doce rendimento,
De uns olhos ao suave movimento,
De um canto à soberana melodia.

Andei fugindo sempre deste engano,
E não bastou o crédito do risco
Para salvar do estrago a cauta ideia.

Mas quem lhe há de escapar, se é tão tirano,
Que nos olhos tem posto um Basilisco?
E na voz tem metido uma sereia?

¹¹ Neoterismo.

[6]

*Simpatia de prisão amorosa*¹²

11

Quando cuidei que o vínculo pesado
De teu jugo já tinha sacudido,
Ó impio Amor, agora mais rendido
A teu carro fatal me vejo atado.

Achaste outra vez pronto meu cuidado
Lutámos, e venceste; louco hei sido:
Se eu tantas vezes fui de ti vencido,
Como te esperei no campo armado?

Se livre me encontrar desta aventura,
Eu te prometo, Amor, que a seta fina
Não tenha aonde empregue o movimento.

Temperem-se os incêndios da loucura;
Que onde tem feito calos a ruína,
Não pode ter lugar o vencimento.

¹² Apotasis.

*Naufração merecido*¹³

12

Livre o destino, apenas do naufrágio,
Segunda vez o golfo ousado tenta,
Porém logo ameaçou outra tormenta,
De repetido horror, novo presságio.

Nela engolfado está: será contágio
Das águas, ou da tábua, que o sustenta?
Mas lá vai; quem lhe acode? em vão se intenta,
Que agora só lhe serve algum sufrágio.

Digno castigo, enfim, de um atrevido,
Que ao engano das ondas cristalinas,
Nem a mesma experiência o persuade.

Fique embora nos mares submergido
Quem, vendo a praia cheia de ruínas,
Vai tentar outra vez a tempestade.

¹³ *Anianaclassis*.

[7]

*Acérrima porfia da tristeza*¹⁴

13

Que me quereis tristezas? acabar-me?
Pouca glória buscais ao vosso alento;
Eu já ando de sorte em meu tormento,
Que a Morte só podia consolar-me.

Vede vos que fazeis em maltratar-me?
Quanto mais que este fraco vencimento
Tomou por sua conta o pensamento,
Pois ele tem jurado de matar-me.

Com que sem tempo vem vossa porfia;
E mais eu cuido que se frustra a empresa,
Ou seja de outro, ou vossa a tirania;

Que é tão infausta a minha natureza
Que para nunca ter uma alegria,
Nunca me há de acabar uma tristeza.

¹⁴ Epicherema.

Fartai-vos penas; levantai o braço
Da vossa sem-razão contra meu peito,
Tão costumado à dor, ao mal tão feito
Estou, que do tormento vida faço.

Assolai, destrui, torcei o laço
Desse horror com quem tendes, tão sujeito,
Que vive consolado, e satisfeito
Na miséria do susto, e do fracasso.

Consumi; porém vossa ingrata
Nunca intente matar-me, que se o intenta,
Todo o vosso troféu se desbarata.

Porque este meu martírio me sustenta,
Com tão novo milagre, que o que mata,
A mim como remédio me alimenta.

¹⁵ ~~E~~trapelos.

[8]

*Esquisita ideia do Fado*¹⁶

15

Quando me ponho a ver minha tristeza,
Cuido mil anos tem meu sentimento,
E se olha para vós o pensamento,
Sempre encontra maior vossa beleza.

E inda vai minha dor, e a natureza
Da vossa bizzarria em crescimento:
Com que se há cousa igual a meu tormento,
Só pode ser a vossa gentileza.

Em vez da temporal voracidade
Gastar a perfeição, e a desventura,
Aumenta a pena, estende a divindade.

Ora veja o que o Fado conjetura?
Quer fazer uma nova eternidade
De meu mal, e da vossa fermosura.

¹⁶ Entimesis.

Não se pode encontrar destemperança
No mais profundo horror da contingência,
A que eu hoje não faça resistência,
Sem temer os acasos da mudança.

Eu vivo do rigor de uma esquivaça,
Sustento-me da morte de uma ausência,
Sofro um crime, afago uma indecência:
Pode haver de outro mal, outra esperança?

Não pode havê-la não, que a ingrata sorte,
Se a houvera, a tivera conduzida
Aonde fez tão grandes fundamentos:

Cortejo a tirania, douro a morte,
Desestimo o descanso ultrajo a vida:
Não sei que haja mais casta de tormentos.

¹⁷ *Paramologia*.

[9]

*Retiro malogrado*¹⁸

17

Que alívio, ó passarinho, conseguiste
Em me vires cantar aqui de frente?
Aonde estou contando a esta fonte
A causa da tristeza, que me assiste?

Se tu, para me ouvir, quando me viste,
Tão aflito, e mortal, deixaste o monte,
Como podes gostar de que eu te conte
Os suspiros, e as lágrimas de um triste?

Fuge, fuge de mim, que o meu quebranto
É tão novo, que a história, que me ordena
Ao Mundo há de servir de grande espanto.

Quando não, ó sonora Filomena,
Ou transforma em soluços o teu canto,
Ou muda em alegrias minha pena.

¹⁸ *Parenesis.*

Alma do campo, espelho desatado,
Sonora fonte, que no seco estio,
Com as águas perenes, que te envio,
Só é que tens o curso dilatado.

Se acaso inda te for propício o Fado,
Que chegues algum dia a seres rio;
Não te esqueças então do que te fio,
Quando houveres de entrar no Mar salgado.

Lá dirás (olha bem o que te entrego)
Ondas, penhas; se as vossas semelhanças
Quereis ver, em diversa natureza.

Sabei quem são nas margens do Mondego
Lise; e Fido; e perdi as esperanças,
De teres mais mudança, e mais firmeza.

¹⁹ *Parábola.*

*Fuga proveitosa*²⁰

19

Não hás também agora de vencer-me
Que eu hei de resistir-te, Amor tirano,
Que é isto? sempre entende o teu engano
Que há com novas astúcias de render-me?

Imaginas que para esmorecer-me
Basta oferecer-me um rosto soberano?
Pois não, Amor, que o velho Desengano
Não faz mais que avisar-me, e repreender-me.

Se alguma cousa dele necessitas,
Eu sou bom portador, podes dizê-lo
Que eu farei quanto tu me encomendares:

Mas que queres que tanto assim me gritas?
Que espere? Não Amor, que o meu desvelo,
Só se salva em fugir dos teus altares.

²⁰ Metatesis.

Afeto é já, o que era urbanidade;
Já o ídolo n'alma tenho aceito:
Viu-se nunca que as aras do respeito
Lograssem sacrifícios da vontade?

Pois esta é de Amor a falsidade,
Livre entrei, mas atado a seu preceito,
Com tanta injúria estou, que me deleito
De que tenho perdida a liberdade.

Não há mais injustíssima violência
Que me prenda à traição, que a fantasia
Me arraste sem nenhuma resistência,

E ao tempo que me vexa, e me injuria,
Que queira que eu lhe faça a continência
De lhe louvar também a aleivosia?

²¹ *Idolomania.*

Em um ponto me alegro, e me entristeço,
Choro, e rio, ousa, e temo, vivo, e morro,
Calo, e grito, contemplo, e não discorro,
Parto, e fico, não vou, e me despeço.

Lembrando-me de mim, de mim me esqueço,
Ora fujo, ora torno, paro, e corro,
Já atado, já solto, preso, e forro,
Lince, e cego, me ignoro, e me conheço.

Eu mesmo me acredito, e me desminto,
Eu mesmo agravo o mal, e peço a cura,
Eu mesmo me consolo, e me ressinto.

Saiba, pois, toda a humana criatura,
Que, para escapar deste labirinto,
Há de fugir às mãos da fermosura.

²² Aporon.

Triste vida! os impulsos do cuidado,
Se confundem nas vias do tormento;
Sem que ainda em tão largo sofrimento
Haja esperança mais, que a deste estado.

Neste tempo, em que estou, e no passado,
Não houve nem um só contentamento;
Tudo se tem entregue ao sentimento:
Parece que o dispõe assim o Fado.

Não resta mais que expor à sorte crua
A vontade, de todo o bem perdida,
Para que ma desfaça, e ma destrua.

Porém por mais que esteja enfurecida,
Que mais pode fazer, que a força sua
Não tenha executado em minha vida?

²³ *Trenodia*.

*Traidora inquietação da Femosura*²⁴

23

Tu Ninfa ingrata, quando mais altivo
Me viste no zénite de meu descanso,
Pondo os olhos em mim, com rosto manso,
Mudaste a cinza morta, em raio vivo.

Assopraste, e fugiste ao fogo ativo,
Para não te queimar, segundo alcanço,
E por mais que me apresso, grito, e canso,
Nunca apanho teu passo fugitivo.

Ó traidora, ó cruel, detém a planta
Mais fugaz que meu bem; onde encontraste
Ideia tão mortal, e cautelosa?

Não se pode sofrer violência tanta:
Ou põe-me no sossego, em que me achaste,
Ou espera, ou não sejas tão fermosa.

²⁴ Anafanosis.

Adeus pátrio Mondego: nova guerra
Agora intenta pôr-me a ingrata sorte,
Mas para me vencer, ou dar-me a morte,
Não sei com que motivo me desterra.

Basta aquele, que o mudo peito encerra,
Para tremer à força de seu corte:
Salvo se ela imagina que eu sou forte,
Mas então ser-me-á toda a terra.

Porém já não inquiri a fantasia,
Com que me arrasta, sei que hoje me lança,
Rio amado, da tua companhia.

Adeus; fica-te em paz: nesta mudança
O que te peço é só, que aquele dia,
Que sabes, tenhas sempre na lembrança.

²⁵ *Eclipsis.*

*Apartamento*²⁶

25

Claras Ninfas, que agora estais brincando,
Sobre o manso cristal, que ides abrindo,
Tanto as alvas areias descobrindo,
Como a doce corrente encapelando.

Já indo-vos nas ondas mergulhando,
Se estão n'água mil círculos fingindo,
Já dos páramos côncavos saindo,
Vem os louros cabelos gotejando.

Vinde cá, porque quero as despedidas
Fazer daquele trato, que me destes,
Tão doce, que está sempre na memória.

Adeus: e se estiveres divertidas,
À sombra dessas árvores agrestes,
Contai umas às outras minha história.

²⁶ *Diastasis*.

Adeus falsa: eu me vou, lá fica cheia
De despojos a rústica campanha:
Tudo triunfo é teu, logra a façanha,
Enquanto eu vou buscando a terra alheia.

Alivia, diverte, e enfim recreia
Tão imenso rigor, ira tamanha;
E esses estragos míseros apanha
Que estão deitados na tingida areia.

Glória, dita, descanso liberdade
Tudo tens despojado; mas que espero
Que em meus males estou tão divertido?

Adeus tirana; e sabe que a impiedade
Faz pouco em me ausentar, pois considero
Que quanto hei de perder, já está perdido.

²⁷ Epanodos.

[14]

*Perpétua companhia do martírio*²⁸

27

Nesta montanha, aonde assina as horas
O mostrador brilhante das esferas,
Entre a bruta vivenda destas feras,
Não se ouvem mais que vozes gemidoras.

Tudo tristeza infunde, inda as canoras
Aves, por entre as sempre verdes heras,
Não cantam às floridas primaveras,
Mas apenas à entrada das auroras.

E para maior mágoa sempre existe
A insofrível lembrança, repetida
Daquele bem passado, e mal presente.

Ora haverá tormento, inda mais triste,
Para andar consumindo-se uma vida,
Que sofre de contínuo o mal ausente?

²⁸ Theorema.

Tâmega, que esta serra vás rompendo,
E esses penedos ásperos quebrando,
Com furioso sussurro caminhando,
Com escumosa pressa descendendo.

Tu abrandas, e eu estou endurecendo
Cada vez mais as penhas; eu chorando,
Tu rindo, eu mortal, tu blasonando,
Eu enfim acabando, tu correndo.

Mas inda que tão longe a Providência
O nosso estado pôs, isto não tira
Haver em nós um trato permanente.

Haja entre nós fiel correspondência,
Tu me darás influxos para a lira
Eu águas te darei para a corrente.

²⁹ Paragrafe.

Lembrado estarás tu de que algum dia,
Instrumento infeliz, lira canora
Me aliviavas sempre aquela hora,
Que a ânsia de meus males me afligia.

Bastava o doce acento da harmonia,
Para expulsar a pena logo fora,
Porém hoje com nada se melhora
Esta eterna cruel melancolia.

Tem decretado a lei da escura sorte
Que já nenhum alívio possa tanto,
Que em tamanha desdita me conforte.

Saia a voz, pois em mísero quebranto,
Celebre como cisne a minha morte,
E seja o fim da vida, o fim do canto.

³⁰ *Psalmédia*.

*Obséquio*³¹

30

Um peregrino, ó doce Mançanares,
Hoje chega a pisar tua ribeira,
Recebe, pois, a vítima estrangeira
No Cristal de teus líquidos altares.

Pode ser que se o culto me aceites
Eu te dê uma fé, tão verdadeira,
Que sempre esteve firme, sempre inteira,
Entre o horror das desditas, e pesares.

Mas tu não quererás um sacrifício,
Cheio de ânsias, de lástimas, e mágoas,
E sempre na desgraça permanente.

Pois tão torpe oblação tem mais indício
De poder desluzir as tuas águas,
Do que de acreditar tua corrente.

³¹ **Stoicismo.**

[16]

*Consequência forçosa da saudade*³²

31

A todo o tempo (ai triste!) a toda a hora
Na ideia aquele horror se me afigura,
Do instante, em que perdi minha ventura,
Por ordem da Fortuna roubadora.

Ah lembrança cruel! e inquietadora!
Ah glória fementida! e mal segura!
Noite, nunca até'li de menos dura!
E manhã nunca mais madrugadora!

Ditas de tanto tempo em um minuto
Ficarão para sempre destruídas,
Não sei para que é ter felicidades.

Porém se o alento foi tão resoluto
Que da morte escapou nas despedidas,
Cuido que o não fará nas saudades.

³² Anamnesis.

Quando vejo este alegre movimento,
Com que se rompe o Céu, se orvalha o prado,
Oh que triste que fico! Oh que lembrado
Daquele tão infausto apartamento!

Quando vejo que põe ao firmamento
A sombra, com semblante carregado,
Cuido que alegre estou, pois meu cuidado
Me traz, não sei que glória ao pensamento:

Ora pode inventar a tirania
Mais nova extravagante subtileza
Para a minha mortal melancolia?

Chegou a preverter-me a natureza;
Entristece-me a causa da alegria,
Alegra-me o motivo da tristeza.

³³ Anticatalage.

[17]

*Hino*³⁴

33

Salve pátrio Mondego venerando,
Que sobre o cristalino, e doce peito
Partindo as largas cãs, metes respeito
A todo o império undoso de teu mando.

Como velho, e cansado vens buscando
Este alegre país, tão satisfeito,
Que tecendo do campo um verde leito,
Parece que estás nele repousando.

Aqui venho outra vez; que o meu destino
Maior pena, e rigor inda me traça,
Que trazer-me por partes estrangeiras.

Perdoa-me sequer por peregrino,
De tornar outra vez minha desgraça
A infamar, com meu mal, tuas ribeiras.

³⁴ Xenofonia.

Nunca cuidei suavíssimo Mondego,
Depois de tanto mal, tanta ruína,
Que essa líquida estampa cristalina
Fosse já de meus olhos doce emprego.

Mas enfim a bejar outra vez chego
Este campo, esta areia, esta divina
Habitação: ó pátria peregrina,
Merecedora de imortal sossego!

Ora vem me esse influxo respirando,
Porque este mal, aonde me consumo,
Deixe de ser tão pronto em meu martírio.

Mas que loucura estou imaginando?
Tão cheio de esperança me presumo,
Que inda cuida em descanso o meu delírio?

³⁵ Paralogismo.

Depois de tanto tempo mal gastado,
E em contínuos trabalhos consumido,
Segunda vez me vejo reduzido,
Aonde o objeto está de meu cuidado:

Que diferente tudo! que mudado
Meus olhos estão vendo! ou meu sentido
Mo finge, ou é verdade que hão perdido
Todas as cousas seu primeiro estado.

Esta não é a fonte, nem é esta
A campanha, os currais, os arvoredos,
A serra, o rio, o mato, nem a gente:

Mudou-se o vale, o monte, e a floresta,
Mudaram-se também estes penedos;
Só meu mal está firme, e permanente.

³⁶ Hemeresios.

Consuma a labareda, extinga o vento
Fingidos rasgos, simulada tinta,
E nas fráguas do incêndio se desminta
O culto, que se deu ao fingimento.

Arda a mentira, ponha-se a tormento
O engano, e a traição que a pena pinta
Em perjura eloquência, fique extinta
Na pira do abrasado monumento.

Promessas vãs, palavras sem firmeza,
Nacidas de fantástica jactância,
Ardei; inda que eu sou quem me consumo.

Ardei; eis aqui vossa natureza;
Que a validade, a leveza, a inconstância
Não podem pertencer senão ao fumo.

³⁷ *Apostrofe.*

Aonde estão, perjura, as seguranças
De sempre seres minha? onde a certeza
De nunca te mudar? onde a firmeza?
Onde as promessas? onde as esperanças?

Que da lâmina eterna das lembranças
Apagasses com tanta ligeireza
Tanto amor? tanta fé? tanta fineza?
E há quem tenha no Mundo confianças?

Acabe, acabe o incauto entendimento
De tirar das prisões de tanto engano
A engolfada paixão do pensamento.

Quebre, rompa³⁹ o cordel tão desumano;
E ao depois, como autor do rompimento
Acolha-se ao altar do desengano.

³⁸ *Dialage*.

³⁹ Correção assumida no impresso: “rasgue” surge riscado.

*Melhora perigosa*⁴⁰

38

Gravemente adoeceu minha ventura,
E esgotada de todo a medicina,
Por último remédio, determina
Deixá-la à discrição da sorte escura;

Porque às vezes também consiste a cura,
Como a douta experiência nos ensina,
Em não curar-se o mal; e assim destina
Fazê-lo com a dita a desventura.

Mas apenas se viu convalescente
Quando logo a fatal necessidade
A pôs no horror do estrago antecedente:

Triste ventura, quem te persuade
A achar remédio algum, se és tão doente
Que é a mesma melhora, a enfermidade?

⁴⁰ *Metafora.*

Em perpétuo silêncio sepultado
Tinha o discurso aquele bem perdido,
Mas quando estava em paz o meu sentido,
Moveu-se nova guerra ao meu cuidado:

Foi o caso; que tendo-se engolfado
Em um sonho; de glórias revestido
Aparece esse objeto fermentido,
De trémulas imagens fabricado.

Confuso acordo ao estrondo da vitória,
Pois rendem outra vez o pensamento
Doces lembranças da passada glória:

Da ideia é tumba o sono; e meu tormento
É tal, que contra a astúcia da memória,
Não lhe vale o poder do esquecimento.

⁴¹ Catafora.

Debaixo deste choupo corpulento,
Que está fazendo sombra à relva mole,
Antes que a noite o manto desenrole
Conversemos um pouco, ó pensamento.

Que à pressa o tempo gira! que violento!
Com que estrago, e ruína a planta bole!
Despedaça, destronca, traga, engole,
Até dar o final acabamentoo.

O instante, o minuto, o quarto, a hora,
A madrugada, a sesta, a tarde, o dia,
O mês, o ano, o século devora.

Só eu te faço eterna companhia,
Nem se consome a dor, nem se melhora,
Deve ser imortal minha agonia.

⁴² Phrontisterio.

[21]

*Solilóquio*⁴³

41

Já que o Sol pouco, a pouco se desmaia,
E meu mal cada vez mais se desvela
Enquanto a pena, a ânsia, a mágoa vela,
Quero aqui estar sozinho nesta praia:

Que bravo o Mar se vê! como se ensaia
Na fúria! e contra os Ares se rebela!
Como se enrola! Como se encapela!
Parece quer sair da sua raia.

Mas também que inflexível, que constante
Aquela penha está à força dura
De tanto assalto, e horror perseverante!

Ó empolado Mar, penha segura,
Sois a imagem mais própria, e semelhante
De meu fado, e da minha desventura.

⁴³ Antiteton.

Que grande fado, ou trágico destino
Se vem aqui trazendo em busca destas
Públicas sirtes, cilas manifestadas,
Perdido o pensamento, errado o tino?

Se vês cheio esse pórtico ferino
De peles hirtas, escarnadas testas,
Se vês nadar em sangue essas florestas,
Que esperas que não foges Peregrino?

Pragueja o monte, as árvores maldize
Somente; olha não faças mais demora,
Que temo que não tenhas quem te avise.

Mas se queres saber quem aqui mora,
Eu mesmo to direi; vive aqui Lise:
Não queiras mais notícia; vai-te embora.

⁴⁴ Gorgoforon.

*Mudança existente*⁴⁵

43

Esse pomposo ardor, traje moderno,
Ó tronco, que essa verde copa lança,
Deve toda a pacífica bonança
Dos tempos, ao solícito governo.

Veste o Verão, o que despiu o Inverno,
Nunca o mal, nunca o bem contigo cansa;
E no contínuo giro da mudança
Tens seguro o verdor, o curso eterno

Só comigo esta firme variedade
Perde o costume, estraga o senhorio,
Deixando-me da Sorte à liberdade.

Passa o húmido Outono, o ardente Estio,
O dia, o mês, o ano, passa a idade,
E eu triste, nu, prostrado, seco, e frio.

⁴⁵ Apotesis.

Viste estalar o Ar? o Golfo viste
Inchar-se contra a esfera? o mato agreste
Ser tragado das chamas? atendeste
Em gargantas rasgar-se o Averno triste?

Em pedaços de fogo presentiste
Quebrar-se o Céu? cruzar do Norte ao Leste
Fatal cometa? e a máquina celeste
A tanto estrago que tremesse ouviste?

Pois não seria de menor efeito,
Menos ruína, nem menor tormenta
O ardor, que me sufoca alto respeito.

Mas antes mais terrível, mais violenta
Seria aquela causa, que meu peito
Calado encobre, mísero sustenta.

⁴⁶ Sinerisis.

*Desempenho devoto de perigoso naufrágio*⁴⁷

45

Salve mármore ilustre, e soberano,
Que avultas com esplêndida estrutura
A cândida, e magnânima figura
Do sagrado, e devoto desengano.

Um naufrágio em louvor do rosto cano
Destas nobres paredes dependura
A fadiga, o trabalho, a desventura,
O medo, a sombra, a ânsia, a dor, o engano.

Rotas prisões do mísero alvedrio
Ficai, servi agora de ornamento
À prudência, à razão, à liberdade.

E abra os olhos o cego desvario,
Já que tanto custou ao pensamento
Acertar o caminho da verdade.

⁴⁷ *Charisterta.*

INVETIVA

Desordenada tarea del tiempo

46

Traidoras horas, que con fuerza impia,
Arrebatando al tiempo en paso lento,
Tardas siempre pasais en mi tormento,
Siempre ligeras en la gloria mía.

Que de balde os detiene el alegría!
Que en vano os apresura el sentimiento!
Pues huyendo a la prisa del contento,
La pereza con mi dolor porfía.

Yo no sé qué solicita eficacia
Os incita; yo no sé qué desventura
Os detiene en rebelde contumacia.

Imagino que el cielo hacer procura
La eternidad del Evo en mi desgracia,
El estrago del tiempo en mi ventura.

[24]

Da Manhã

47

Acende ó branca Ninfa, a luz sagrada,
E ao Céu correndo a fúnebre cortina,
Traz a tocha da chama matutina,
Dos tímidos mortais, tão desejada.

De derretido aljôfar adornada
O duvidoso raio determina;
E depois brandamente ao Mundo inclina
Os assopros subtis da madrugada.

Espalha com a roxa claridade
A alegria cabal do humano alento,
Pondo a esfera em risonha suavidade.

E continua o curso a meu tormento:
Todo o Mundo te espera com vontade,
E eu te recebo só com sentimento.

Do Meio-dia

48

Sobe ao ponto brilhante, ó Febo ardente,
E o divino licor da pura fonte
Banhe a circunferência do horizonte,
De ardor enchendo o Céu, de luz agente.

No trono do Zénite teu rosto aguente
Como o vale abatido, o excelso monte,
E com igual distância se remonte
Dos distritos da Aurora, e do Ocidente.

Parte a diáfana luz do claro dia,
E na frágua de nítidos fulgores
Arda toda a redonda monarquia.

E eu coberto de míseros horrores,
Cheio de uma mortal melancolia
Fuja as luzes, profane os resplandores.

59

Da Tarde

49

Vem, ó benigna tarde; e em torno gira
O abrasado esplendor da clara esfera,
E ao florido matiz da Primavera
Docemente o Favónio lhe respira.

À ígnea calma com que o Ar suspira
As lisonjeiras auras acelera;
E no fresco dos zéfiros tempera
Os acendidos campos de safira.

Guia o brilhante Apolo ao lento ocaso
E refresca, abatendo o ardor esquivo
As métricas alturas do Parnaso:

Depois vem; e verás meu peito ativo,
Tão ígneo, que na chama em que me abraso
Ardo morrendo, e abrasado vivo.

Da Noite

50

Deita, ó noite funesta, o negro manto
Pela aérea, e terrena arquitetura,
E influa de teu rosto a pompa escura
Nos medrosos mortais confuso espanto.

Do sepultado Febo ao fogo santo
Receba o pardo círio a chama impura,
E expulse a imagem da mortal figura
O mal sofrido horror do eterno pranto.

Infunda, pois, teu rosto entristecido
Silêncio infausto em toda a redondeza,
Desperta a treva, o lume adormecido.

Alegre eu só; que é tal a natureza
De um tão triste, infeliz, como afligido,
Que descansa entre as sombras da tristeza.

[26]

A Fílis rindo, e chorando.

51

Dous belos acidentes tem a Aurora,
Com que a luz de seus raios enriquece;
Num instante se alegre, se entristece,
Ao mesmo tempo ri, ao mesmo chora.

Assim querida minha, assim que agora
Vosso divino rosto me parece;
Quando se anima, quando se humedece
De alegre ardor, de chuva brilhadora.

Fermosa sempre estais, sempre indeciso
Neste extremo o discurso fica enquanto
Da alegria, ou tristeza vem o aviso.

Adorado feitiço amado encanto,
Qual há de ser a luz do vosso riso,
Se até brilha o cristal do vosso pranto?

62

Depois de custar porfiada conquista
o desdém de Anarda, fazendo um favor
se pôs a chorar

52

A aguda ponta, o afiado gume
Do martelo importuno da porfia,
No penhasco fatal da tirania
Bate já por ofício, ou por costume.

Nem aonde se queime, ou se perfume
A oferta da proluxa idolatria
Lança a penha, mas antes dura, e fria
Consome o incêndio, ou sufoca o lume.

Com tudo de abrandar-se agora trata,
Bem que aguado o favor me representa
Pois em pranto, e em soluço se desata.

Inda a ira no alívio se sustenta;
Que se o desdém se ri, quando me mata,
Deve o favor chorar quando me alenta.

63

[27]

A Clóri, fazendo anos.

53

Creces teus anos, creces juntamente
Teus dotes naturais, e os da ventura;
Basta, pois, Clóri a tua fermosura
Que a idade pelos círculos se aumente.

Por ela passa o tempo reverente;
Pois vives de seu dano tão segura
Que o curso, que à beleza desfigura
A está fazendo em ti mais permanente.

Ditosa luz de influxos soberanos,
Cuja eterna especial felicidade,
Vive isenta a caducos sacrilégios.

Quem pode numerar melhores anos?
Se o movimento que acrescenta a idade,
Os estragos transforma em privilégios?

Lauso ausente, forcejando por não mostrar
o retrato de Amarílis, queimou-se em uma
vela quem o quis ver.

54

Parece agravo, mas em Lauso há sido
O não ver o retrato alto conceito;
Pois para contemplar um tal sujeito
Mais digna é uma potência, que um sentido.

Injúria fora, tendo-se imprimido
O belo original dentro no peito,
Deixar-se estar o gosto satisfeito,
Mais que no verdadeiro, no fingido.

Castigue pois com tanta diferença
O Fado aquela rústica jactância,
Que tomou tão sacrílega licença!

Queime-se a mão, que teve esta arrogância;
E saiba que inda os visos da presença
Sabem vingar agravos da distância.

65

[28]

Lise coberta com um véu, e chorando.

55

Cobrir-se o Céu, turbar-se a esfera pura,
E esconder-se com chuva o vago ambiente,
Pode ser para o Mundo, e para a gente,
Talvez felicidade, ou desventura.

Dádiva pode ser se a fermosura
Do campo rega a plácida corrente,
Castigo pode ser, se é tal a enchente
Que desce com fatal desenvoltura.

Assim querida minha quando vejo
Esse rosto, entre sombras escondido,
E as lágrimas por ele de sobejo,

Ao pular dessas lágrimas, duvido,
Se vem murchar as flores do desejo,
Se vem regar os Campos de Cupido.

66

Fileno muito desvanecido por enjeitar
Lésbia a Fábio, e aceitar o seu rendimento.

56

Fileno essa risonha bizzarria,
Com que de Lésbia aplaudes a fineza,
Causa deve de ser desta tristeza,
E é efeito talvez dessa alegria.

Mas deixa andar o tempo; que a porfia
Fará o seu dever na natureza;
Se neste Mundo pode haver firmeza
É a mudança que faz em cada dia.

Tu cuidas que estarei muito envejoso
De gozares de Lésbia o novo agrado,
Pois sabe que estou menos cuidadoso.

Entende que é melhor o meu estado;
Pois basta erguer-se o tempo proceloso,
Para eu me ver feliz, tu desgraçado.

67

[29]

Nise na presença incontestável, nas cartas
amorosa; e no meio desta correspondência
deixou a Fábio, dizendo-lhe que arriscava
muitos lucros no seu trato.

57

Nise: esse novo modo extravagante,
Não to quero negar, me desespera;
Já piedosa, cruel, benigna, fera,
Umaz vezes esquiva, outras amante.

A cada passo enfim, a cada instante
O levíssimo gênio se te altera:
Quando te escrevo, acho-te uma cera,
Quando me falas, acho-te um diamante.

E agora por remate do conflito,
Me despedes, dizendo ser ingrato
A teu lucro o favor, que solicito:

Ora dou-te a lisura de barato;
Que amor que se firmava por escrito,
Não podia deixar de ser contrato.

Nise, depois de dar uma prenda de
azeviche a Fileno, vendo-a depois quebrada
na sua mão, lha tornou a pedir.

58

Este infausto azeviche hoje quebrado,
Sendo com tanto susto possuído;
Na cor, retrato de meu fado há sido,
No fim, da minha dita foi treslado.

Mas que dita, se como imaginado
Fosse assim este influxo sucedido!
Pois se a cópia da estrela se há partido,
Ter-se-á o original despedaçado.

Que injusto pois será, ó Nise bela,
Quando a fortuna a cópia debilita
Tornar-te agora dar a causa dela.

Debalde teu desejo a solicita;
Pois se tenho na mão a minha estrela,
Loucura fora dar a minha dita.

Ao Músico de Trácia

59

Ora enfim lá chegou o fino amante
Da outra banda do Mundo, cujo intento
Pondo ao som do suavíssimo instrumento,
Já tem aberto as portas de diamante

Soa a divina voz; e ao mesmo instante
Deixa Ixião, e Sísifo o movimento,
Cloto o fuso, Tisífone o tormento,
O trono, e o cetro o indómito Tonante.

Consegue, pois, o rogo o que pedia,
Porém faltando à lei que recebera,
Perde outra vez a amada fermosura:

Ó triste, soberana melodia,
Quem cuidara que em ti se conhecera
Igual à suavidade a desventura.

Amarílís igualmente suspendía con
la hermosura, y con el canto.

60

Suspensa el alma ignora adonde asista,
Al alto exceso de prodigio tanto,
Pues no sabe del uno, y otro espanto
Cual hace mayor fuerza o más conquista.

Igualmente no hay pecho que resista
Del rostro, y de la voz al dulce encanto;
Que tanto obliga el eco de tu canto,
Como arrebatata el aire de tu vista.

Fina, pues la porción del alma pura,
Reparte su fiel naturaleza,
Entre tu armonía, y tu hermosura.

Y por timbre mayor de la fineza,
Ofrece aquella parte a la dulzura,
Consagra estotra parte a la belleza.

[31]

Cayó a los pies de Clori un Cupido de diamantes.

61

A tus pies se ha prostrado, el labio miente,
Se ha rendido, esto sí, o Clori bella,
Aquel gigante Dios, cuya centella
Quema el supremo Olimpo, el Orco ardiente.

Mas tu bello dominio solamente
Sus vencedoras armas atropella;
Y un átomo de nieve el rayo cella
De toda aquella fragua omnipotente.

Mal le pudo valer al Dios rendido
El buscar en materia tan constante
Su ser, para no ser de ti vencido;

Que en ti el natural desemejante,
Ni a un cupido alienta otro cupido,
Ni a un diamante labra otro diamante.

72

A una Rosa nacida entre dos peñascos

62

Flor reina: tu en los montes? que locura?
Que quieres siendo halago del Aurora,
De Venus vena, de las flores Flora,
Entre peñas en esta sierra dura?

Piensas que te ha de dar esta espesura
La duración, que en los peñascos mora?
Que poco entiendes, si tu ser ignora
Que es muy breve la edad de la hermosura.

Aunque Reina del prado, eres esclava
Del tiempo, que atropella tu belleza,
Vuelve, pues, donde el nácar blasonaba.

Mas nace en el rigor de la aspereza;
Pues solo para hermosa te faltaba
Que hija fueses también de la dureza.

73

[32]

Lúcio Flaco senador Romano, estando vestido
com a toga consular, e brigando um galo seu com
outro de um vizinho, por enveja deste ser
mais valente lhe cortou a cabeça

EPITÁFIO.

63

Aqui em líquida púrpura banhado
Jaz esse campeão, tão destemido,
Que só dá voz ao bárbaro ruído
Deixava o régio bruto amedrontado.

Da emplumada soberba desasado
Cadáver se estirou: quanto há podido
A tua espada não, mas o vestido
Da toga com que, ó Flaco, estás armado!

Porém não chore ao galo infausta sorte
A piedade da lástima vesinha⁴⁸
Que o golpe foi suave, não foi forte:

Foi seta que atirou uma avesinha;
Mas deixemos perífrasis, a morte,
Ó peregrino, deu-lha uma galinha.

⁴⁸ Vizinha.

A uma estátua de Baco, em cima
de uma pipa de água, com uma caneca na
mão, que o escultor delineou rindo, e hoje
com os golpes que lhe tinha dado
o tempo parecia chorando.

Hino

64

Salve, ó tu sanguexuga da goteira,
Salve grão padre Baco, salve a fofa
Barriga enchouraçada, que se estofa
No enlabuzado horror da borracheira.

Ó perpétuo cabide da picheira,
Que razão pode ter quem de ti mofa?
Sendo eterno centúrio da galhofa?
Sendo autor contumaz da dormideira?

Rindo te pôs o artífice, e o caminho
Dos anos maquinou na sua frágua
O choro, que hoje tens nesse focinho.

Indigno te é o gozo, e digna a mágoa;
Deves ao tempo mais, faltando o vinho,
Que deves ao escultor, sobrando a água.

[33]

A Fábio que trazendo uma cabeleira
muito má, tropeçando em um alguidar de
sonhos, lhe caiu no tacho aonde se estavam fazendo.

Deram-se os consoantes.

Vexame.

65

Essa nojenta, fétida = peruca,
Que nos bens de raiz se te = hipoteca,
Tão pouco encobre as máculas da = creca,
Como na força dos anéis = caduca.

Quando vejo estirados pela = nuca
Cabelos, em quem já lhe deu a = breca,
Parecem-me, ou vapores da = enxaqueca,
Ou fumos, com que o cérebro = trabuca.

Neles se embrulha a ideia, vista e = boca,
E tropeçando o pé, num tacho = fica
De sonhos a estirada = maçaroca.

Mas se avista de fumo a = certifica,
Para outra vez ser sonho, e não ser = coca,
Lhe foi o azeite o óleo da = botica.

Tremeu o Mar quando Vasco da Gama
ia na conquista do Oriente.

66

Rompendo golfos de escumoso argento,
Por incógnitos climas se derrama
Esse espirito grande, cuja fama
Não cabe nas abóbadas do vento.

Onde o sol tem nativo luzimento
Pretende descobrir, que o Fado o chama
A ação mais digna de triunfante rama
De nobre, e de imortal merecimento.

Lá desde a eternidade adormecido
Esse mar, nunca de antes navegado
Jazia em torpe sono submergido;

Eis que lhe vem rasgando o horror sagrado
O Gama invicto, acorda estremecido,
E fica absorto, trémulo, pasmado.

77

[34]

Ao nome do Augustíssimo Rei Senhor Nosso
a tempo em que todas as potências de
Europa procuravam a aliança de Portugal
para declararem a guerra.

67

Com alta ideia, ó ínclito Monarca,
O Fado sabiamente prevenido
Vos fez, por Quinto, o nome conhecido
Da Bética, à Etiópica comarca.

Quando na Europa mais se acende a Parca
Então ao régio som desse apelido
Sujeito fica quanto se há medido
Da ardente Espanha, à fria Dinamarca.

Não sem justa inferência, pois movendo
O Luso céu, Planeta neste Mundo
Da pia Cristandade ficais sendo.

Por Quinto, pois, e filho do – Segundo –
Do caduceu prudente estão pendendo,
Fugindo estão do estoque furibundo.

78

Desceu um Leão a beber em uma
Fonte, e apenas chegou a ela se secou.

68

O Rei dos bosques com diadema altiva,
Fabricada entre as jubas da melena,
Descendo ao vale, sequioso ordena
Extinguir uma fonte de água viva.

Mas ela vendo a cólera nociva,
De tal sorte seu curso desordena,
Que quem foi fonte, é já morta açucena,
É mármore, quem foi prata fugitiva.

Forçoso parecia, que o perigo
Com as leis naturais não corresponde,
Quando o medo os espíritos enxuga.

Pois inda estando à vista do inimigo
Um cadáver de prata o sangue esconde,
Um tímido cristal suspende a fuga.

79

[35]

Ao mesmo assunto

69

Com língua de cristal, com voz de prata,
Em torcidos pedaços derretida,
Por entre os seios de estação florida,
Cristalina serpente se desata.

Maltratando inda o mesmo que retrata
Corre, tão docemente fermentada,
Que ou mordendo uma flor lhe alenta a vida,
Ou lambendo outra flor a desbarata.

Eis que baixa um Leão, susto do monte,
E irado da traição, lançando um grito,
Não foi muito que tudo esmorecesse.

Suspende-se o cristal, cala-se a fonte;
Porque vendo tão claro o seu delito
Não sabia a corrente que dissesse.

Deitava um Leão de pedra, com grande
fúria, e ruído um chorro de água pela boca.

70

Essa imagem feroz, que esteve obrando
Mão douta, a natureza confundindo,
Hoje é susto ao temor, que a está medindo,
Hoje é rémora ao pé, que vai passando.

Quanto em doce licor está chupando,
Vai em furiosa espuma transferindo;
Pois sai em roucas cláusulas bramindo,
Pois corre em turvos ímpetos bradando.

Uniu-se na marmórea arquitetura
O corpo da brandura, e da dureza,
E preverteu-se a causa da brandura.

Violentada ficou a natureza:
Que muito que assim fosse, se a doçura
Quis falar pela boca da fereza?

[36]

Dédalo alcançou voando o que ninguém
podia intentar com o pensamento.

71

Ao zénite, onde nunca humano intento,
Ó Dédalo, tem ido, hás tu chegado:
Se o voo vence a esfera do cuidado,
Que deixas que fazer ao pensamento?

Venturoso uma vez o atrevimento
Fizeste: mas que muito se hás voado
Tão alto, que da enveja, e mais do fado,
Não lhe pode chegar o movimento.

Consegues, pois no imenso dessa altura
De glória tanta o resplendor propício,
Inda negado à luz da conjetura.

Dita grande! pois sendo sempre indício
Do voo a queda, alcanças a ventura
Pela via do mesmo precipício.

Da Mulher

72

Dura esfinge, sereia encantadora,
Mulher enfim, a cujo nome tanto
De medo geme o horror do eterno espanto,
Como sufoca o riso a bela Aurora.

Arquivo, aonde sempre o engano mora,
Origem do pesar, e mais do pranto,
Quando se alegra fementido encanto,
E falso crocodilo, quando chora.

Basilisco cruel, víbora crua,
Labirinto fatal do pensamento;
Coitado de quem crê firmeza tua.

Sempre estás num contínuo movimento,
Tomando os rostos a triforme Lua,
Seguindo os passos do inconstante vento.

[37]

Árbol robusto destrozado de una yedra

73

Caduco tronco, que del aire vago
Subiste a ser jayán, a ser Briareo,
Y hoy tan pobre, tan mísero te veo,
Que estás siendo del monte horrendo ámago.

Quién era tan cruel, como al halago
De una vid se rindió? mas o deseo!
O traidora afición! fatal rodeo
De arrastrar a los fines del estrago!

Porque se ha de sufrir que las delicias
Siendo funestas vistan resplandores?
Siendo infaustas blasonen de propicias?

Arránquense del Mundo estos errores;
Pues si mueven estragos las caricias
Que se deja que hacer a los rigores?

Montanha desabitada

74

Horrendo monte, aonde só parece
Que enigmas guarda a imagem do futuro,
Em cujo infausto, seio sempre escuro
Nem tronco, nem arbusto reverdece.

Governa a sombra, a luz desaparece,
Não logram como as árvores maduro,
E o bosque triste cada vez mais duro,
Tanto mais nos Invernos se encanece.

Tudo assombra a medonha soledade,
Mal respira o enleio, abafa o engano,
Que fomenta o verdor da mocidade.

Ó sitio de algum Nume soberano!
De cada penha sai uma verdade,
De cada tronco pende um desengano.

[38]

A uma caveira cercada de flores.

75

Com as flores a Morte! há tal cegueira?
As flores com a Morte! há tal loucura?
Quem fez desenganada a fermosura?
Quem fez desvanecida uma caveira?

Que seja a tumba a casa verdadeira
Como a mesma vaidade conjetura?
Como da Parca a mísera figura
Se veste de uma gala lisonjeira?

Porém tudo o espetáculo tremendo,
Porém tudo o Zodíaco florido
Vai ou já sazouando ou corrompendo.

Que muito esteja o génio pervertido
Se o que hão de ser as flores estão vendo?
Se a caveira está vendo o que tem sido?

Terremoto

76

Apenas do Ar o espírito tremendo
Lá nos fundos do Abismo o corpo encerra,
Quando partindo os vínculos da Terra,
Com medonho estalido, vem gemendo.

Contra o Orbe maciço está movendo
Soberba luta, perigosa guerra,
Até que destroçado o vale, a serra,
Abata o Mundo em terremoto horrendo.

Fica atónita a valida jactância
De toda a Terra, absorta a imensidade
Da celeste, a diáfana distância:

Vede, ó mortais, com quanta brevidade
As bases mais seguras da constância
As conquista o poder da vaidade.

À magnificência do Panteão do Escorial

CRISI

77

Que intenta essa soberba arquitetura
Com tão régio marmóreo luzimento?
Se mostra aqui distinto o nascimento
Erra; que é tudo igual na sepultura.

Por mais que doure a face à Morte escura
Nunca há de desmentir o monumento:
Que vale o resplendor do fingimento
Aonde existe a sombra da figura?

Quanto mais se mostrar engrandecido,
Maior espelho oferece à vaidade,
Vendo-se como é, não como há sido.

Pois de que serve a fúnebre deidade,
Se ainda para objeto do sentido
Primeiro está o horror, que a majestade?

A um berço com o feitio de uma tumba

78

Já é túmulo o berço, já tristeza
O que foi alegria, escuro norte
Segue a luz; e na câmara da Morte
Buscam os pulsos a vital proeza.

Já na casa da Parca a fortaleza
Dos alentos se expõe; já passaporte
Da Morte traz a vida; e desta sorte
Se vão mudando as leis da natureza.

Não se admire ninguém, traça subida
Foi de supremo Angélico conceito,
Que altamente nos ânimos retumba.

Porque se tão depressa passa a vida,
Quem pode duvidar, que um próprio leito
Pode vir a ser berço, e mais ser tumba?

89

[40]

Ao mesmo assunto

79

Saiu da Morte estranha arquitetura
A fábrica do tálamo da vida:
A quem pertence a forma se duvida
Se ao resplendor vital, se à Morte escura.

Cada qual dominá-la, enfim, procura,
Vendo a tão semelhante, e parecida:
Há pois quem sentencie, quem decida
Se é berço alegre, ou triste sepultura?

Não há: pois cada vez mais indeciso
Se vê o discurso no que anima a talha,
Se é leito, ou berço, ou urna, ou monumento.

Mas ó profunda ideia! alto juízo!
Quem te fez bem conhece que a mortalha
Se tece no tear do nascimento.

À Rainha D. Inês de Castro sendo
desenterrada pelo Príncipe D. Pedro.

Usa-se dos consoantes de um soneto que fez o Bacelar
à morte de D. Maria de Ataíde.

80

Da Morte já triunfou a = fermosura,
E sacudido o pó da cinza = fria
Nega Amor (que este caso não = sabia)
Que até'gora aguardasse a campa = dura.

Logo os votos antigos lhe = procura,
E vexando da Morte a = tirania,
Continua o respeito a = idolatria,
Ajoelhado no horror da = sepultura.

Duvidarão os homens e as = idades,
Cheias de assombro, de mistério, e = medo
Se a urna está banhada em = divindades.

E inda que se murmure, esse = penedo
Tem tal veneração, que as = saudades
Nunca hão de profanar o seu = segredo.

[41]

Ao mesmo assunto.
Na circunstância de a coroar depois de morta.

81

Sombra ilustre, prodígio macilento,
Cuja fermosa, esplêndida ruína,
No torpe altar da infausta libitina
Os cultos autoriza ao monumento.

Mas se ao termo fatal corre o aumento,
Do mesmo estrago agora se origina,
Aquele ardente chama peregrina
Que te livra do horror do esquecimento.

O sacrilégio bárbaro suporte
A ânsia; que maior felicidade
Lhe alcança a ideia do infeliz consorte.

Quis fazer-lhe imortal a majestade,
E só morta lha deu, pois sem a morte
Ninguém pode passar à eternidade.

Ao mesmo assunto
sendo cheio de tochas o caminho de Coimbra
a Alcobaça, aonde foi tresladado o cadáver.

82

Cingido já de aurífera diadema
O cadáver no plaustro se coloca,
Cuja soberba máquina provoca
Os altos cumes da região suprema.

Assim caminha a pompa, sem que gema
A ânsia, a pena, a dor, pois tanto invoca
O silêncio, que ainda a mesma boca
Soluçando, parece que blasfema.

Mas não contente o peito namorado,
Em mais de cem mil tochas dividido
Segue a pálida luz do horror sagrado.

Porque só se explicasse o seu gemido
Nas chamas dos pavios abrasado,
Nas lágrimas da cera derretido!

À cinza, que bebeu Artemísia de seu
marido Mausolo, depois de lhe construir aquele
sepulcro, que foi uma das sete maravilhas do Mundo.

83

Aquele grande amor, que o Mundo aclama,
E que eterno repouso solicita,
No mais nobre aparato o deposita
Quem só pode igualar tão grande chama.

Não em tosco dossel de verde rama,
Em jaspe sim, e em bronze o ressuscita,
Formando de um ardor, que a pena incita
Sepulcral labareda de uma fama.

Mas vendo que não fica satisfeito
Amor, com tão pequeno desafogo,
Ardendo a viva chama, sem efeito,

Resolve-se a beber as cinzas logo;
Porque depositando-as no seu peito
Pudesse dar-lhe parte do seu fogo.

Ao mesmo assunto.

84

Quer Artemísia, vendo em cinza fria
Posto o cadáver do consorte amado,
Construir-lhe um sepulcro, aonde o Fado
Postre a carranca, ajoelhe a rebeldia.

Pórfidos, jaspes, bronzes desafia,
E o busto já se vê tão levantado,
Que a azul cimalha, o capitel dourado
Despreza as torres da região vazia.

Mas julgando pequena esta vanglória,
Mete a cinza no peito, onde se inflama
Toda a causa imortal da sua história.

Para que no clarim da eterna fama,
Se a calasse o descuido da memória,
A repetisse o estímulo da chama.

95

Ao mesmo assunto

85

Essa soberba máquina, que o colo
Levanta sobre o vago pavimento,
É padrão funeral, é monumento
Que se consagra às cinzas de Mausolo.

Essa que abafa os hálitos de Éolo,
Essa que encurva o cume ao Firmamento,
É pompa, cuja fama pôs o vento
Sobre os ombros de um Pólo, e outro Pólo.

Essa pois onde a idade se esmorece
Hoje as cinzas fiéis não deposita,
Mais suave sepulcro as fortalece.

Supre a chama o que o mármore debilita;
Pois se da pedra o gelo as desfalece,
Do peito a labareda as ressuscita.

Epicédio

86

Ó tronco de esperanças adornado,
Em científico campo produzido,
Foste de raio incógnito ferido,
Jazes na dura terra derrubado.

Já da pomposa gala despojado,
Já dos ramos frutíferos despido,
A pedaços te julgo reduzido,
E logo em torpe cinza transformado.

Deixa bejar-me o triste monumento,
E tocar essa cinza respeitada
Da idade aos ecos, e do tempo aos giros.

Não receies que a espalhe o sentimento,
Porque enquanto do pranto está molhada
Debalde assopra o vento dos suspiros.

[44]

Fábio não logrando favores de Tirse
enquanto viva, a desenterrou depois de morta,
não se podendo apartar dela, cego de amor.

87

Não cego de amor já, sim de loucura
Abres o cofre dessa campa fria:
Busca piedade a tua fantasia,
E na casa da Morte é que a procura?

Se só por ver quieta essa figura
Cuidas que atende a amante idolatria,
É erro; quando existe a rebeldia,
No desatento horror da sepultura.

Mais ímpia em não fugir se representa,
Pois no pouco que o pranto a persuade
Mostra o caso, que faz de quem lamenta.

Na assistência é que apura a crueldade;
Pois é certo que mais por força atenta
Fugitiva a quiseras por vontade.

Ao mesmo assunto

88

Para, não toques; fica mudo, e quedo
Vendo o Sol entre sombras escondido;
Pois consiste a opinião de quanto há sido
No calado pavor desse penedo.

Mais que a ousadia, há de ser o medo,
Da vista não, objeto do sentido:
Tem culto a campá mais, que no alarido,
Nos profundos enigmas do segredo.

Abriste a pedra, enfim, deixando exausto
O decoro, na fúnebre aparência,
Que ergueu a pompa do soberbo fausto.

Ó louca! ó cega! ó ímpia negligência!
Por repetir-lhe o voto do holocausto
Lhe destruístes o altar da reverência.

De Troia

89

Pompa, mas não estrago se imagina
Aquela, ó Troia, que teu fim procura,
Que o destroço que causa a fermosura
Mais pode ser vanglória, que ruína.

Por mais que o horror da bélica oficina
Para a desdita mova a sorte escura,
Nunca há de profanar à chama pura
A infausta sombra da porção malina.

Foi o ardente horroroso movimento,
Com que ajudaste a erguer teu mesmo engano,
De tanto estrago ilustre monumento.

Triunfo só há sido o próprio dano,
Pois por dares um culto ao fingimento
Tens conseguido o altar do desengano.

Mortos os dous adúlteros Guilherme Cabestein,
e Serismunda, aquele às mãos de seu marido
Raimundo, e esta despenhada per si mesma,
El Rei que então era de Aragão mandou colocar os
seus retratos nos fastosos sepulcros, em que foram
enterrados, e obrigou a seus vassallos que lhe
fizessem todos os anos magníficas exéquias.

90

Tem mão injusto Rei, que é tirania
Esse que julgas ser piedoso intento:
Rigor, não zelo, é dar ao monumento,
Sendo infame, imortal idolatria.

Mais natural se faz a aleivosia
Um torpe sono, que um ativo alento,
Pois ação que pertence ao esquecimento
Mais merece silêncio, que harmonia.

Que doura Amor, não cuides o indecente
Trato indigno, que mais poder governa
A fama honrosa, do que o afeto ardente.

Nem é bem que uma louca chama interna
Por deixar a fineza permanente
Queira pôr a desonra sempiterna.

[46]

A la pluma elocuente de un Escritor.

91

O pluma, cuyo vuelo soberano,
En bronce estampando el apellido,
Contra las iras del nocturno olvido
Resucitas la edad del tiempo cano.

O asombro, de quién el Evo en vano
Desmentir el aplauso ha pretendido,
Pues dejándole en jaspes imprimido
Vivirás al aliento de tu mano.

Cesen ya tantos ecos, que saliendo
De tu fama inmortal, las majestades
Van de la duración estremeciendo.

Retumben a su voz menos edades
Pues recelo que al golpe de su estruendo
Sean ámbito corto eternidades.

Avistando la ciudad de Mérida.

92

Salve o magna ciudad, que un tiempo fuiste
Emporio general de todo España;
En la soberbia haz de tu campaña
La altiva imagen de tu bulto existe.

No podrá el ceño del olvido triste
Hacer del bronce tu memoria extraña,
Pues del tiempo a la indómita guadaña
Tu fama excede, tu esplendor resiste.

Ceda al Evo la bárbara pereza,
Por despojo a tus plantas; pues dominas
La excelsa, vasta, Elisea fortaleza.

Más que grandes, fastosas peregrinas
Fueron tus glorias, cuando tu grandeza,
Aún se está respirando en tus ruinas.

[47]

Buenos días.

93

O domador del Pitón, o famoso
Auriga, más felice, que Faetonte
No tan aprisa al cielo se remonte
El ímpetu del carro luminoso.

Duerme el mayor varón: el perezoso
Sosiego llega al métrico horizonte
Calle el relincho pues Piro, y Etonte
No profane las aras del reposo.

Mas si la obligación de dar al día
La fatigada luz, del triste Erebo
Rompen el negro bátratro profundo.

Ceda Apolo en la aurífera porfía,
Dese la rienda de Ericeira al Febo,
Para girar los ámbitos del Mundo.

De Séneca, y Nerón.

94

De Séneca y Nerón la compañía
Daba al Romano Imperio la esperanza
De hallar la felicísima bonanza,
Que guía la inmortal sabiduría!

El deseo engañó la fantasía,
Pues se aumentaron con igual balanza
En el sabio famoso la templanza,
En el⁴⁹ Príncipe atroz la tiranía.

Chocaron siempre con mortal conflicto
La crueldad, el dominio, y la clemencia
Asidos la modestia, y el apetito.

Sin que en tan repetida competencia
Pudiese haber enmienda en el delito
Ni sentir flojedad en la prudencia.

⁴⁹O pronome pessoal (“el”) surge como acrescento, a tinta ocre, no manuscrito. O autor incorpora-o no impresso.

[48]

A un Ingenio que hizo la historia
verdadera de Dido, desmintiendo la fábula
de Virgilio.

95

A tu pluma, a tu ingenio, más que humano
Honre el orbe, en más culto, en más ruido,
Que el Numen, que el aplauso que ha tenido
El Déléfco, el divino Mantuano

El con verso, con método profano
Una afrenta, un horror saca al olvido,
Tu su voz, su clarín has desmentido
En metro más fiel, más soberano

Trompa más pura, más excelsa Lira
Exprimió, talento el alta empresa
Que influye el canto, y el ardor inspira.

Mayor más excelente es tu agudeza:
El sacó de un agravio, una mentira,
Tu sacas la verdad de una fineza.

Al laurel, que nació en la sepultura
de Virgilio

96

No a tu Lira, a tu sacro Mauseolo,
Divino Mantuano, el premio envía
De tu vena la espléndida Talía,
Que hoy resuena del uno, al otro Polo.

La muerte premiar te pudo solo;
Porque mientras tu espíritu vivía,
Barajaba su dulce melodía
En envidioso estímulo de Apolo.

Y aún parece que no se está segura
De su ardor tu ceniza, en el sagrado,
Que infunde esa devota sepultura.

Mas como de laurel se ha coronado,
El Numen, que se esconde en su figura
Siempre ha de ser de Apolo respetado.

[49]

Mandou Fábio fazer um relógio das
cinzas da sua Dama.

Os quatro consoantes em – irio – foram dados com
particular recomendação.

97

Esse impuro instrumento, fabricado
Dos despojos mortais de humano lírio,
Que muito ordene o tempo ao meu delírio
Se se forma do horror de meu cuidado?

Esse artefacto, pois, da dor formado
É urna infausta, é trágico colírio,
Pois guardando os objetos do martírio
Tem os olhos das ânsias inflamado.

Acha contudo alívio o sentimento
No passo triste, na fatal medida,
Que abala a cinza em pronto movimento;

Pois em seu curso a ideia suspendida,
Cuida que é este impulso algum alento,
Que os princípios dispõem de nova vida.

Tendo custado a Fábio grande porfia
o agrado de Lésbia, morreu esta apenas
princiava a manifestá-lo.

98

Morreste, ó Lésbia, quando o duro, isento,
Ímpio desdém venceu minha ternura:
Não era dita não; é que a ventura
Vinha fazendo praça ao sentimento.

Cruel administrou ao fim violento
Dous sintomas mortais a sorte escura:
Um o extremo da tua fermosura,
Outro o alvo do meu contentamento.

Como me pus tão louco, e tão turbado
Que a glória acreditei, se o Fado preza
Ser tudo de seu auge declinado?

E havendo já sabido por certeza
Que minha dor não tinha lá chegado?
Que estava em seu zénite tua beleza?

[50]

A uma Imagem de pedra de um
crucifixo, que com estupendíssimo milagre
se banhava em água copiosa.

99

Entre mim, e essa imagem, que hoje lança,
Em misteriosa fonte, alto segredo,
A ser ela de carne, eu de rochedo,
Só diferença houvera na mudança.

Não menor propriedade em mim se alcança
(Bem que o digo Senhor cheio de medo)
Pois se é vossa figura esse penedo,
Também a minha é vossa semelhança.

Mas ó quanto meu Deus diversamente
Sofreis, que o ser de uma, e outra figura
Com durezas, com lágrimas se conte!

Pois pondo a natureza diferente,
De carne eu me transformo em pedra dura,
De pedra ela se muda em branda fonte.

A una Imagen de la Virgen

100

Sagrada virgen, ínclita María,
Que en los brazos el Niño soberano,
Con el hasta fatal puesta en la mano
Amaga el reino donde muere el día!

Oh como por excelsa simpatía
La mueves donde tu coturno ufano
Oprime el cuello del dragón tirano
Que aún vive en su furiosa rebeldía!

Deja, pues, que mi ardor, de afectos lleno,
Devoto bese la sandalia santa
Manchada nunca de vapor terreno.

No me impide la indómita garganta;
Pues tendrá desmentido su veneno,
Después que la has tocado con tu planta.

[51]

AS RIMAS
DE
FRANCISCO, DE PINA, DE MELO
MOÇO FIDALGO
DA CASA DE SUA MAJESTADE

SEGUNDA PARTE.

Canção Real.

Vinde cá vagabundo pensamento,
Que agora, mais que nunca, andais perdido,
Dizei-me, quem vos traz tão alienado?
Se tendes tão cabal conhecimento
De nunca haveres ser o que haveis sido,
Para que andais cuidando em outro estado?
Abatei, abatei o arrebatado
Delirante caminho do discurso,
Porque mais que viver na sombra escura
De vosso horror, não sinto algum recurso:
Para que é o girar, se a desventura,
Com o peso dos males, vos persegue,
De tal sorte, que em vossas mesmas brasas
Queima os atentos, e consome as asas?

Vinde cá outra vez vos peço; e agora
Que a estes solitários arvoredos
As sombras cobrem, o Favónio abana,
Murmura a fonte, convalece Flora;
Agora que por entre esses penedos
Vem rompendo os reflexos de Diana,
Discorramos um pouco: ó desumana,
Cruel, traidora, ingrata; escuta atenta
(Porque por isso aqui é que convoco
Meu triste coração) a dor violenta,
Que torpe calo, mísero sufoco;
Não seja sofrer tudo que a agonia
Queira sempre deitar o pranto amargo
No sepulcro funesto do Letargo.

Vede pois pensamento vagabundo
Se pode haver criatura mais infame,
Não sei como a nomeie, enfim, que Lise?
Não sei como em meu mal me não confundo?
Não sei como o discorro sem que infame
A Terra, o Vento, e o Céu escandalize?
Vede se pode haver quem solenize
Melhor uma traição do que esta ingrata?
Vede como arrastou meu alvedrio?
E vede de que sorte se arrebatava
Buscando tão errante o Ar vazio?
Levando-mo tão cruamente preso,
De seu falso rigor dependurado,
Triste, ferido, roto, espedaçado.

E depois de tão grande tirania,
Para não me ficar uma esperança,

A outro fez entrega da vontade.
Aquela, que com doce melodia
Punha o Ar em pacífica bonança,
O tesouro perdeu da Liberdade.
Aquela, cuja doce suavidade
Era encanto divino das ideias
Vive presa em domínio, tão estranho,
Que este bosque, este campo, estas areias
Tem sentido de sorte horror tamanho,
Que o que eram, não são já; pois encolhendo
O gesto triste, a carregada fronte,
Murmura o rio, desfalece o monte.

Aquela pois que os cultos desprezava,
De minha alma não só; que nem instante
Havia sem fazer-lhe sacrifício,
Mas de todos os mais; sendo tão brava
Que o irado resplendor de seu semblante,
Nunca deu de piedade algum indício,

[53]

Hoje com torpe, sórdido exercício
Serve em dura prisão; e tão funesta
Que no tronco mais vil, que tem criado
O rústico contorno da Floresta,
Tem preso o alvedrio, o gosto atado;
Não pode haver miséria mais medonha:
Ninfas: Vede este horror; destes exemplos
Cobri as aras, adornai os templos.

E se quereis também, por glória sua,
Dependurar das públicas paredes
Um milagre, que os jaspes ilumina,
Vede o ardor em que o peito continua,

Olhai meu coração ardendo; vedes
A frágua nobre, a esplêndida oficina?
Pois nela é que se forja a mais divina
 Oblação, e a Fé mais generosa,
Que nunca conseguiu sagrado vulto;
Pois sendo a mesma Luz, tão aleivosa,
Prossegue os votos, e não cessa o culto:
Vede vós, pois, ó Ninfas, se na Terra
 Alfaias achareis mais singulares
Para ornar as tribunas dos altares?

Mas que é o que discorro? como intento
Fazer patente a minha desventura,
E isto para honrar estranha glória?
Levante-se o pavor do esquecimento;
 Armado de medonha arquitetura
Despedace as estampas da memória:
 Se quiser triunfar faça notória
 No templo do noturno desengano
A palma com que cinge a sombra triste;
E em aplauso do Nume soberano,
 Pendente lá do dórico Amatiste,
Deixe, com reverente perspectiva,
Por guarda, por ornato, por abono,
O silêncio, o letargo, o medo, o sono.

Mas ai de mim; que importa que disponha
Com tão grande aparato a idolatria,
Que ao frio desengano só se deve?
Se eu sou tal, que com pública vergonha,
 Arrastando outra vez minha agonia,
Hei de buscar o ardor, fugindo à neve?
Tíbio, e frouxo o alento não se atreve

A intentar o triunfo de um arrojo
Que fosse do louvor da fama digno,
Mas deitado no mísero despojo
De um estrago mortal, é tão indigno,
Que está sofrendo, a peito descoberto,
Os duros golpes da cruel violência,
No escudo miserável da paciência.

Porém já que o estatuto sempiterno

[54]

Das fatídicas leis da sorte escura
Me tinha esta fortuna reservada,
Já que a ação imortal desse governo,
Que circunda a redonda arquitetura
Não altera o que tem determinado,
Engolfe-se o pesar, surque o cuidado,
Inche as velas embora o sentimento,
Corra fortuna a dita, e nas escumas
Do pélago naufrague o pensamento,
Seja enfim tudo horror, mas não presumas
Que por mais que em tormentas te desates
Hás, ó Fado, de ter nunca a jactância
De arrancar-me do mastro da constância.

Canção, suspende o giro,
Porque nem minha voz, nem meu suspiro
Pode nunca fazer que a tempestade
Mostre ao longe, nem inda uma esperança,
Do sossego, da dita, da bonança.

Cenotáfio.

Defunto resplendor, que nas moradas
Imortais das esplêndidas esferas
Triunfas com diademas brilhadoras;
E de perpétuas luzes adornadas
As infantes nativas primaveras
Gozas eternas, cândidas auroras.
Se pois nesse alto assento aonde moras
Vires daquele amor o ardente fogo,
Que em lágrimas saudosas se deriva,
Teu mérito feliz, teu grande rogo
Alcance ser a dor-menos ativa:
Enfim se nesse trono soberano,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente.

Tu que as vagas abóbadas do vento
Rompes cheio de imensa claridade,
Buscando esse zénite do coro santo,
Quando alentas o fausto movimento
Me deixas entre os golfos da saudade
De horror cercado, submergido em pranto,
Serás objeto do tormento enquanto
Doure o Sol a redonda arquitetura
Pelo giro veloz dos orbes onze,
E impressa na memória essa figura
Ficará como em jaspe, ferro, ou bronze;
Que mal pode tirar-me da lembrança
Do tempo toda a indómita violência
Tão grande divisão, tão larga ausência.

Enquanto pelo oceano da glória
Navega, pois, o espírito brilhante,
Banhado de celestes resplandores,
Preparem-se as estampas da memória,
Porque se grave em folhas de diamante
O prémio dessas luzes superiores;
Que eu metido entre os fúnebres horrores
Do luto infausto, que no peito assiste,
Dedicarei a este apartamento
A mágoa eterna da lembrança triste;
E junto estarei desse monumento,
Até que se entorneça com meu pranto,
Ou veja que o sagrado coro ordena
Que suavize tua glória minha pena.

Mas ai que na minha alma eternamente
Viverá esta dor, que excede os giros
Da perpétua fadiga das idades,
Pois na frágua imortal do peito ardente,
A ígnea exalação de meus suspiros
Só pode respirar eternidades.
Se banhado com excelsas divindades
Triunfas da caduca natureza,
Despojado de sombras, imagina
Que o intrínseco empenho da fineza
Outra idade na mágoa te destina:
Duas vidas gozarás, Astro defunto,
Uma que logras já no Firmamento,
Outra que te há de dar meu sentimento.

Ainda que tão cedo a Morte escura
Cumprisse a lei fatal daquela Mente
Por quem o Mar, e a Terra se governa,

Que importou eclipsar-se a fermosura,
Se hoje apesar do crónico acidente
Goza a beleza a pompa sempiterna?
Que importa que a mortífera caverna
Do torpe esquecimento, intente ousada
Arrancar da lembrança a idolatria,
Se do sono imortal ressuscitada
Vences sua cruel melancolia?
Que fará, pois, a sombra do letargo,
Estando já gravada a tua história,
Nas lâminas eternas da memória?

E quando inda o pesar sufoque o brado,
Ouvirá todo o Mundo aquele grito
Que há de exprimir a métrica trombeta,
E de esplendores Déléficos banhado
Sairás desse fúnebre conflito

[56]

Ilustrando a enlutada Busticeta,
E lá dos cumes da região quieta
Verás que as luzes do brunido jaspe,
Transformadas em nítidas auroras,
Desde o manso Mondego, ao grande Hidaspe
Atendem labaredas brilhadoras;
Por cuja chama eterna todo o Mundo
Ajoelhado verá no monumento
O medonho Anteão do esquecimento.

Mas vós Ninfas do claro, e deleitoso
Mondego, que em alcovas fabricadas
Das convexas empolas transparentes,
Que em cristalino ceio cavernoso
Habitaís essas cândidas moradas,

No profundo das húmidas correntes;
Se sempre em meus espíritos ardentes
Fostes tão dignamente recebidas,
Como na ação maior de minhas mágoas
Não vos mostrais também enternecidas?
Deixai o centro dessas mansas águas,
Vinde todas agora a acompanhar-me,
E cobertas de pranto, e de amargura
Cercai, enternecei a sepultura.

E não vos embaracem meus gemidos,
Antes seja da dor o infausto estrondo,
Quem vos arranque lá desse profundo;
Como tendes os passos suspendidos
Quando abalam meus ais este redondo,
E vastíssimo côncavo do Mundo?
Ora que pouco devo ao vagabundo
Giro, com que esse rio andais cercando,
Pois ao tempo que me ouve estar gemendo
Ao longe se suspende a ver-me quando
Devia para mim de vir correndo:
Como é Ninfas possível que vos veja
Tão cruéis, quando sabem minhas mágoas
Mover os montes, suspender as águas?

Porém já que deixar a mansa veia
Não quer o vosso indómito desvio,
De soberbo desdém acompanhado,
Ao menos no teatro dessa areia,
E a borda cristalina desse rio
Deixai este sucesso celebrado.
Um padrão de azulejo fabricado,
E de alcachofras pálidas cingido

Consagrai à lembrança desta história;
E no cume da máquina esculpido
Ponde o letargo às plantas da memória;
E dos cerúleos capitéis pendentes
O Fado, a sombra, o caso, o medo, a sorte,

[57]

O sono triste, e a terrível Morte.

Ponde, enfim, um letreiro em verso escrito,
Rasgando a frente do padrão, aonde
Exista para toda a eternidade:
Seja tal que não só este distrito,
Mas onde o dia nasce, e o Sol se esconde
Encha também de lástima e piedade.
Largo pranto, perpétua saudade
Encontre o descuidado passageiro
Vendo tamanho horror, tão grande mágoa.
Rasos de sentimento os olhos de água
Assombrado detenha o pé ligeiro:
Estas serão as letras do epitáfio:
Eis aqui caminhante o Ocidente,
Suspira, chora; e passa reverente.

E tu canção que chegas
Ao golfo do tormento, aonde entregas
As enlutadas velas da harmonia,
Não profanes os fúnebres horrores
Do assombro, do pavor, e da agonia;
Não suspires, nem chores,
Antes com tristes ânsias esmorece
Desanima, desmaia, desfalece.

Soneto alheio.

Nenhuma cousa a Fido lhe esquecia
A mágoa, que ergue Amor dentro no seio,
Nem o detém a imagem do receio
Que em sabendo-se a causa se perdia.

Nise da mesma sorte lhe queria,
Mas para o doce fim faltava o meio,
Pois qualquer deles tem domínio alheio,
E enfim curar seu mal nenhum sabia.

Quando a suspeita abria esta verdade,
Foi logo Amor tecendo uma espessura,
Nunca vista dos olhos da piedade.

Justa; mas ímpia lei da desventura!
Só por serem conformes na vontade
É que os fez tão conformes na ventura.

Glosa

I

Quanto mais encoberto o pastor Fido
Tinha no peito o fogo, na memória
Então mais se acendia, cuja história
Era lástima eterna do sentido.

A força com que a havia o Céu movido
Estava na lembrança, tão notória,
Que ou fosse, bem, ou mal, ou pena, ou glória,
Tudo havia o discurso compreendido.

Tanto por maior dano acrescentava
Vivo o mal, morto o bem, que parecia
Que possuía o mesmo que passava:

Tão magoada estava a fantasia,
Que inda que o peito a chama lhe ocultava,
Nenhuma cousa a Fido lhe esquecia.

II

Fixo, inteiro, imortal o tronco altivo,
Que arraigou a raiz na dura terra,
Na mal sofrida ideia⁵⁰ inda se aferra,
Bem que roto de raio executivo.

Imóvel permanece, existe ativo,
Que o suco da esperança ainda encerra,
Até que o Fado, e a dita, acabe a guerra,
Um por deixá-lo morto, o outro vivo.

Mas contudo eu tomara derrubá-lo,
Que a memória infeliz não acha meio,
De tornar alguma hora a restaurá-lo.

Mas quanto fere o golpe do receio,
Tanto se empenha então a conservá-lo
A mágoa, que ergue Amor dentro no seio.

⁵⁰ O vocábulo “idea” foi acrescentado *a posteriori*, sendo introduzido no impresso.

III

Cavalo desbocado se despenha
O sentido sem luz em mato escuro,
Já tropeçando vai num tronco duro,
Já vai caindo numa dura penha.

Na carreira, na fúria mais se empenha,
Sem antever os riscos do futuro;
Não há freio, que o pare, mal seguro,
Fogoso, não há medo, que o detenha.

Assim foge esporeado do castigo,
Com que o pica a verdade, todo alheio
Do generoso ardor, que traz consigo.

E neste labirinto, e neste enleio,
Nem o suspende o vulto do perigo,
Nem o detém a imagem do receio.

IV

Nestas tristes memórias engolfado
A intelectiva Nau mal se sustenta,
Que a está perdendo a fúria da tormenta
Entre a Cila, e a Caríbdis do cuidado.

E se alguma hora o golfo sossegado
Os pensamentos náufragos alenta,
Logo no Ar da lembrança a mágoa venta,
E torna a ver-se o Mar todo empolado.

Vai paliando na borrasca o dano,
Enquanto oculta a causa desta via
Nas praias do f[r]enético oceano.

Nesta louca esperança é que se fia,
Pois há muito lhe disse o desengano
Que em sabendo a causa se perdia.

Segue a Nise; e enfim Clícia de seus raios,
No berço, no Zénite, e no Ocidente,
Fica, segundo o ardor, que neles sente
Vivo nas luzes, morto nos desmaios.

São efeitos de amor ou são ensaios
Do fogo, que está n'alma permanente,
Tanto que faz seu hálito fervente
Os Dezebros arder, secar os Maios.

Divino influxo de amorosa aljava!
Donde a seta despede a simpatia,
Que nos fundos do espírito se encrava.

Oh do afeto específica harmonia!
Pois quando Fido a Nise tanto amava,
Nise da mesma sorte lhe queria.

VI

Bem ordenada assim a natureza,
Que Amor nos corações tinha disposto
Havia dado os méritos ao gosto,
Por ficar satisfeita a gentileza.

De um afeto, e de outro a chama acesa
De sorte a doce vida tinha posto,
Que nela não se ouviu mais que o desgosto,
Que erguia a lei severa da nobreza.

Mas este inda vencido, e o Município
Do segredo, salvando o seu receio
Era um desejo de outro particípio.

Porque em ambos a ânsia do recreio,
Facilitado a tinha o seu princípio,
Mas para o doce fim faltava o meio.

VII

Esta dificuldade, este retiro
Se foi acrescentando, de tal sorte,
Que perdido da glória o doce Norte
Ficou sendo um despenho cada giro.

No golpe de um suspiro, e outro suspiro,
Por maior mal então a ingrata sorte
Tem furtado ao Amor o arco forte,
E fere as almas com dobrado tiro.

Quanto mais o segredo o peito oculta
Crece amor, sobra a pena, falta o meio,
E da dor maior máquina resulta.

Tudo move o sentido do receio
Tudo a sorte do estado dificulta,
Pois qualquer deles tem domínio alheio.

VIII

Em apurar o modo mais propício,
Inda que o pensamento se desvela
Mais que o curso infeliz da sua estrela,
Nem no Ar nem na Terra encontra indício.

Sua a ideia, fatiga-se o artifício,
E quando abre o discurso uma janela,
Logo a desgraça toma conta dela,
Parece que por teima ou por ofício.

Nisto a contínua mágoa o peito abala,
Crece o mal, vive o ardor, sem rumo, ou via,
E nos olhos a dor somente fala.

Ninguém sabe da ideia aonde guia;
Um chora, outro suspira, grita, cala,
E enfim curar seu mal nenhum sabia.

IX

Mas apesar da sorte a ideia triste,
Dos influxos vencendo a negra peste,
Persuadido tem já ao Fado agreste
Que o reino dos obstáculos conquiste.

Porque aquele alto bem, que se resiste,
Nas aras da porfia, se amoeste;
Ou ao menos que à vista manifeste
A bela imagem, que no peito assiste.

Não durou isto muito, porque cedo
Indo a enveja o rumor desta vontade
Mandou à presunção tecer o enredo.

Perdeu-se tudo, enfim, que a suavidade
Fugiu logo da casa do segredo,
Quando a suspeita abria esta verdade.

X

Antes pois que rompesse no alarido
Do manifesto mal o peito ansioso
Se recolhe prudente, e cauteloso
Das arriscadas aras de Cupido.

Mas do sagaz calor destituído
Busca outra vez o campo belicoso,
Que o importuno costume de medroso
Rompeu na natureza de atrevido.

Porém posto no campo da peleja,
Mil vezes duvidando da ventura,
Longe da ígnea campanha se deseja.

Pois apenas raiou a fermosura,
Entre os campos pestíferos da enveja
Foi logo Amor tecendo uma espessura.

XI

Nela se via o templo sempre imundo
Coberto com o horror de altivo monte,
Que tem o nascimento, e mais a fonte
Nas Tartáreas entranhas do profundo.

O gesto da figura, que iracundo
Entristecia a face do horizonte,
Cuspia as negras águas de Aqueronte,
Com que inundava os términos do Mundo.

Aqui se sepultou toda a esperança;
Pois via que expulsava a escuridade
Do ódio o ferro, e do ciúme a lança.

Mas querendo-a tirar à claridade,
Viu nela erguer a imagem da vingança,
Nunca vista dos olhos da piedade.

XII

Mas que há um coração, ou que há um peito
De escolher nas batalhas do discurso,
Tendo numa dos riscos o concurso?
Tendo noutra das ânsias o respeito?

Nesta o primor do afeto satisfeito?
Naquela o ardor da pena sem recurso?
Assoprando a aflição, batendo o curso
As despertadas imagens do conceito?

Quer triunfar a razão, mas o destino
Vencido, e com a planta mal segura
Resiste ao entendimento de contínuo.

Finalmente mandou que a fermosura
Não fomente tamanho desatino;
Justa, mas ímpia lei da desventura.

XIII

Despreza a lei, e dando ao exercício
Da pugna o doce nome de fineza,
Se move mais que aos riscos da beleza,
À vítima fiel do sacrifício.

O destino que alcança aquele indício,
Para fundar as aras da firmeza,
O que fez até'li por natureza,
Já agora o faz também por benefício.

Mas que importa se ação nunca oportuna
Abriu caminho algum à liberdade,
Bem que o ardente desejo as forças una;

Pois do Fado a suprema potestade
Os tem feito conformes na fortuna,
Só por serem conformes na vontade.

XIV

Enfim toda a esperança quási extinta
Entendido tem já que a sorte ordena
Na tragédia de Amor se mude a cena
As formas várias com que o Fado a pinta.

Que ou renuncie a vida, ou que consinta
Na violência a que própria se condena,
Com que se aperta o cárcere da pena,
Com que a lira da mágoa se requinta.

Para ambos este bando é que se lança,
Que assim toma do Fado a mão perjura
De Cupido cruelíssima vingança.

Executou-se a lei; que a Sorte escura,
Só por serem conformes na esperança,
É que os fez tão conformes na ventura.

[65]

Soneto *de Camões*⁵¹

Doces lembranças da passada glória,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz uma hora,
Que comigo ganhais pouca vitória.

Impresso tenho n'alma larga história
Desse passado bem, que nunca fora,
Ou fora, e não passava; mas já agora
Em mim não pode haver mais que a memória.

Vivo em lembranças morro de esquecido
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente.

Ó quem tornar pudera a ser nacido!
Soubera me lograr do bem passado,
Se conhecer sobera o mal presente.

⁵¹ Originalmente: “Soneto alheo”. “Alheo” surge riscado e substituído por “de Camoêns”, correção assumida no impresso.

Glosa.

I

Quem se vê neste estado em que me vejo
Triste, deseparado, descontente
Que amor ter pode à vida, ou que desejo
De um bem que sempre enganava, e sempre mente:
Eu já tive fortuna de sobejo
Hoje um contínuo mal o peito sente;
Ficando-me por mais triste memória
Doces lembranças da passada glória.

II

Não tem que blasonar a Sorte esquiva
Que eu sempre o bem perdido imaginava,
Pois no curso da glória sucessiva
A duração pequena se mostrava.
Sempre a ideia ansiosa, e pensativa
O receio da perda disfarçava
Daquela frágil dita inquietadora,
Que me tirou Fortuna roubadora.

III

Cesse ó lembranças, pois o repetido
Tirano memorial do pensamento,
Não queirais que a agudeza do sentido
Seja fiscal também do meu tormento:
Apague-se o discurso, um afligido
Tenha ao menos por si o entendimento:
Horas há de inquietar-me, mas agora

Deixai me repousar em paz uma hora.

[66]

IV

Indigna a vexação que em mim se estende
Julgai; que está tão lasso o ardor humano
Que os motos já da vida compreende
Um luto interno, e um profundo dano.
Se é pois infame a pugna em quem se rende,
Deixai-me em meu sombrio desengano;
Ide buscar em outro maior glória,
Que comigo ganhais pouca vitória.

V

Se quereis que em mim fique a mágoa eterna,
Por isso me lembrais o bem passado,
Sabei que na memória a ânsia interna
Tem sempre meu tormento recordado.
A dor, o estrago, a pena se governa
Somente pelo aviso do cuidado,
Pois daquela perdida, e doce glória
Impressa tenha n'alma larga história.

VI

Na estampa intencional da fantasia
De sorte existe inteiro aquele estrago,
Que o traz sempre na sua companhia
A ideia errante, o pensamento vago.
Tem-lhe dado a lembrança idolatria
Com tanta devoção, com tanto afago,
Que está sempre da perda possuidora

Desse passado bem, que nunca fora.

VII

Quanto melhor me fora que impedisse
A dita o curso falso, e enganoso:
Que importou que uma glória conseguisse,
Se hoje pago o ter sido venturoso?
Quem fora tão feliz que descobrisse
Algum meio, subtil, e cauteloso
Nesta glória perdida, que ou não fora,
Ou fora, e não passara; mas já agora!

VIII

Já agora que imagino ou em que elevo
O triste pensamento? que procuro?
Se nem uma esperança a erguer-me atrevo,
Nos longos simulacros do futuro?
Que loucura me anima? ou donde levo
O cansado sentido, e mal seguro?
Se de tão triste, larga, indigna história
Em mim não pode mais que a memória.

IX

Porém ó quanto ainda esta lembrança
Tem a mais desleal correspondência,
Pois o laço fiel da semelhança
O rigor faz contínua resistência:
Ele usando do impulso da vingança,
Ela usando do escudo da paciência,
E entre esta vida, e morte do sentido

Vivo em lembranças morro esquecido.

[67]

X

Mas que dor para um triste é ver desfeito
De rebelde soberba empedernida
Aquele puro, e cândido conceito
Que foi base do amor, altar da vida!
Da adoração o intrínseco respeito
É que me tem a fúria suspendida,
Vendo-me no silêncio sepultado
De quem sempre devera ser lembrado.

XI

Que pouco enfim os méritos deseja
Daquele doce enleio da vontade
Donde atando o cuidado à própria enveja
Tinha a fineza só por divindade:
Mas tudo lhe esqueceu, para que seja
Eterna, e sem remédio a saudade:
Que outra havia de estar! que diferente!
Se lhe lembrara estado tão contente!

XII

Oh quem de novo agora alentos dera
A um mort[al]⁵² coração, que se emplumara,
Qual o único pássaro, que altera
De uma em outra idade a vida cara!
Para fugir do engano de uma fera,

⁵² Lapso no original: “mortão”.

Porque uma alma fiel se recatara,
Para que nunca tal houvesse sido,
Oh quem tornar pudera a ser nacido!

XIII

Mas já que a lei mortal não tem potência
De renovar o tempo, ao menos fora
Por algum dote infusa da ciência
De conhecer o mal merecedora.
Pois se o eclipsado lume da evidencia⁵³
O mesmo visse, que estou vendo agora,
Guardando dos perigos meu cuidado
Soubera me lograr do bem passado.

XIV

Mas que é isto que faz a fantasia?
Se já não tem remédio, nem tem cura
Este achaque mortal, como porfia
Em estar fatigando a conjetura?
Ora cale-se a ideia; e a agonia
O seu curso prossiga, que é loucura
O dizer que estaria diferente,
Se conhecer soubera o mal presente.

⁵³ “potência”, “Por algum dote infusa da ciência” e “evidência” constituem reformulação *a posteriori* do poema, que nestes pontos tinha outras palavras, não legíveis após a intervenção, aparentemente por segunda mão.

Epístola

Amado, e doce Aónio; apenas chego
Aos saudosos campos do Mondego,
 Donde o soberbo Fado
 Me tinha arrebatado,

[68]

Fazendo-me seguir o escuro Norte
Do tráfego incansável dessa corte,
Porque a minha influência vagabunda,
 Irada, e furibunda
Cada vez mais cruel em apurar-me
Nem um instante deixa sossegar-me,
 Pois tomando o destino
Ao Deus correu, ao Nume peregrino
Que ao veneno fatal da vara tosca
Onde a fúria dos áspides enrosca
Difunde em melancólicos horrores
O letargo profundo dos sopores,
 Nem quieto uma hora
Ou já me acha a noite, encontra a Aurora,
Porque do Deus volante o injusto empenho
É dar-me as asas, e negar-me o engenho.

Enfim apenas toco
O pátrio ninho, e a Deidade invoco
 Nos cómicos altares
Da alegria doméstica dos lares,
 Aquele caro amigo
Em cuja doce prática mitigo
 O imortal tormento
De meu triste cansado pensamento,
Cuja união desfaz toda a memória

Que a fadiga propõe da larga história,
Por mais que tu ó Fama manifestes
A amizade de Pílades, e Orestes,
Me comunica logo
Um pedaço de luz do ardente fogo
Do numeroso Febo,
De vosso engenho aluno, alto mancebo,
Douto galã, ilustre,
Espelho, glória, lustre
Ramo florecente
Daquele antigo Príncipe excelente,
Que fez na Lusitânia esclarecido
De Nápoles o esplêndido apelido.

Cheio enfim de respeito
A estes raios três, que ao vosso peito
Científica inspirou Musa divina,
Meu pensamento inclina
Juízo, aplauso, voto,
E em cada douta cláusula devoto
Suspenso, reverente, agradecido,
Entrego toda a luz de meu sentido.

E que indigno parece
Quando em tão sacro número se tece
Número tão profano!
Que só pode fazê-lo soberano,
Sendo meu, a fortuna aonde o guia

[69]

O alento de tão alta melodia.
Não queira pois o pífaro canoro
De vosso excelso coro
Misturar-lhe um conceito, tão alheio

Que inda mais torpe, e feio
Parece a raio tanto,
Se cingido de métrico Amarantho
Para ilustrar a Fama
Basta o próprio solar da vossa chama

Que bem a ressuscita
A harmonia poética, que incita
A procurar a ideia
Os pacíficos ares de uma aldeia,
Sendo tão poderosos
Os ritmos sonorosos
Que inda o mesmo furor do engano cego,
Aplaudindo os ditames da verdade,
Já tem buscado as luzes do sossego
No descanso da muda soledade.
Sem dúvida fareis que em tempo breve
A tão divinas cláusulas se eleve
Todo o humano discurso
A que deixando o hidrópico concurso
Do áulico ajuntamento
Busque com mais seguro fundamento
A solidão suave.
E ao grande peso do concurso grave,
Havendo esta harmonia que o exorte,
Mudar-se-á outra vez o campo em corte.

E que de qualidade diferente
É a torpe, rude, fétida torrente
Que mando agora ao vosso
Cadente rio, não pélago grosso
Donde sai confusa
A triste sombra de enfadonha Musa,

Cadente rio sim a dizer torno
Donde recebe o Tágido contorno
Na clara veia de brilhantes linfas
O doce acento das sagradas Ninfas.

Aí vos mando, pois, esses meus versos,
Diversos nos assuntos, e diversos
De toda a consonância,
Da arte, e da pureza:
Culpai o vosso rogo, a vossa ânsia
Se de os leres, e os veres já vos pesa;
Mas se a Poesia rara
Afirma toda a gente
Ser pintura eloquente

[70]

Ponde a vossa clara
Junto à minha escura,
Sombra a minha será dessa pintura.

E em recompensa deste luzimento
Permiti que eu venere, admire atento
Algun métrico aluno
Daquele que suspende
Os empolados campos de Neptuno,
Quando na douta lira
O áureo plectro da Poesia encende,
Daquele que suspira
Com tão divinos ais, tão tristes mágoas
Que abala os montes, e refreia as águas,
De vosso genitor insigne, digo,
A cujo excelso abrigo
Observo alegres, e rendidas vejo
As Deidades gentis do manso Tejo.

E vós imitador em tudo deste
Orfeu sagrado, e Anfião celeste
Vivei feliz, e ponha
Um cravo de diamante,
Invicto Veiga, ínclito Noronha,
A Fortuna no círculo inconstante
E enquanto vindes vós, ou vou a ver vos,
Dai-me assunto em que possa obedecer-vos:
Deus vos guarde: vinte e oito do corrente:
Em Montemor-o-Velho: diligente
Para tudo o que for de vosso emprego
Fica o pastor dos campos do Mondego.

[73]

Égloga.

Interlocutores.

Salício pastor.

Algano lavrador.

Selvágio serrano.

Felisa pastora.

Introdução.

Naquela parte, aonde
de Ninfa ressonante
tantas vezes a lástima responde
às vozes, que articula um peito amante,
dava o triste Salício
de oculto dano, manifesto indício.

A noite estava escura,
e o rústico arvoredos
tinha cheia de sombras a espessura,
de horror a vista, o coração de medo;
em cuja horrenda estância
fartava a pena, difundia a ânsia.

Pulsava o vento, as aves
noturnas, não dormiam,
ao longe, mais medonhas, que suaves,
Rãs, e grilos nas vozes competiam;
funesto, e triste acento,
com que alternava o som do seu tormento.

O céu todo estrelado

cintila a labareda
desse trémulo incêndio prateado;
que suposto que os números exceda
inda em tantos milhares
a suma vendo está dos seus pesares.

O Mondego discorre
com líquida detença
procurando o Oceano aonde morre.

[74]

só nisto de seu mal se diferença,
pois em seu grave empenho,
com mais cuidado busca o seu despenho.

Enfim tudo tristeza,
e imagem de seu dano
descobria da fúnebre aspereza
daquela estância, aonde o desengano,
não o tinha induzido,
mas o enleio mortal de seu sentido.

Dali ao monte, ao vale,
ao Céu, ao Mar, as brenhas
se pretende queixar: Antes que fale
Ó ondas bravas, ó robustas penhas,
para ouvir suas mágoas
moei as pedras, e parai as águas.

Com uma mão no rosto,
na selva reclinado,
posta a vista no chão; e em seu desgosto
O discurso; a samarra, e o cajado
na planta mais sombria,

em lágrimas banhado, assim dizia

Salício.

Vós campos deleitosos,
funesta pátria minha,
por cuja esfera em passos vagarosos
o Mondego pacífico caminha,
ouvi-me; se é que tanto
pode, não minha voz, meu triste pranto.

Vós me vistes altivo,
soberbo, e arrogante
vencer de Amor o raio executivo;
vede agora este peito de diamante
lavrado, roto, aceso,
da sorte escravo, da Fortuna preso.

Vede-me: eu sou aquele
que isento do destino;
não me desconheçais, vestindo a pele
do Tigre irado, do Leão ferino,
na selva, monte, e prado
Vivi maior que Amor, maior que o Fado.

[75]

Aquele sou, que os troncos
de despojos enchendo,
em plantas brutas, em penhascos broncos,
tantas vezes os ídolos erguendo
da indómita vontade,
os consagrei no altar da liberdade.

Agora destruída

a pompa do alvedrio,
despojada, infeliz, perdendo a vida
triste, e aflita se vê, sem honra, ou brio,
torpe, muda, sujeita,
desfeita em partes, em pedaços feita.

Mas já que à Sorte escura
de seu procedimento,
não pode alguma humana criatura
nem pedir-lhe razão, nem fundamento,
não queira mais da Sorte,
do que a pressa fatal da minha morte.

Se pois sem esperança
corro ao fim de meus males,
rompa o segredo a nobre temperança,
que observo há tantos tempos: Nestes vales
deixe a voz sempre escrita
minha ânsia, minha dor, minha desdita.

Antes que acorde o monte
em sono sepultado
ao rincho crespo do fogo Etonte
meu mal direi: Por isso ó sossegado
Outeiro te convido,
para ser meu pesar mais bem ouvido.

Mas entre o mato inculto
não sei que tenho visto
andando para aqui: Um negro vulto
já divisando estou: Que será isto?
porém se não me engano
na estatura, e no andar parece Alcano.

Que vem buscando agora
por parte tão estranha
este pastor sozinho; e a esta hora?
Se ele não tem o mal que me acompanha;
que intenta o seu cuidado
em sítio tão mortal, tão carregado?

[76]

Mas ele o seu intento
dizendo vem consigo;
ouçamo-lo, e ponhamos meu lamento
em muda calma, já que o inimigo
influxo, ainda ordena
que falta o tempo à explicação da pena.

Algan. Fúnebre estância em sombras afogada,
Cuja medonha, e bárbara espessura
Parece ao mesmo assombro consagrada.
Tão confusa te mostras, tão escura
Que do Nume noturno do segredo
Só podes ser morada, ou sepultura.

Oh quem pudera estar agora quedo!
Para poder gozar da soledade,
Que infunde o mudo horror deste arvoredos!
Quem pudera fartar minha vontade
Da solidão, que ao peito perguiçoso
A natural tristeza persuade.

Oh mal haja o Bargado⁵⁴, e o Baroso⁵⁵
Que fugindo da sua companhia
Me trazem tão cansado, e cuidadoso;

⁵⁴ Bragado.

⁵⁵ Barroso.

Mas como antes que venha o claro dia
É fatigar-me em vão i-los buscando,
Demos sossego um pouco à fantasia.

Deitemo-nos aqui, e o sono brando
Convoquemos ao som, que está fazendo
Nos ramos o Favónio respirando;
E pois que o Sete-Estrela já decendo
Vem lá da sua esfera, difundindo
Sopores, que os mortais estão bebendo,

Passemos algum tempo, descobrindo
Na memória o caduco monumento
Daquele gesto ingrato, como lindo;
Que posto que não tenha fundamento
Já no meu coração, esta lembrança
Parece que inda adoça o pensamento.

Debaixo deste tronco que a esperança
Tem de frondosa gala revestido,
Em cima desta relva, em que descansa
O fatigado corpo, a meu sentido
Conduza algum alento, inda que o tenha
Nos fundos do letargo submergido.

Salic. Que pode vir a um triste que não venha

[77]

Para mais pena sua? Aqui me estava
Fartando com meus males nesta brenha,
E quando com meus ais me consolava
Vem logo este pastor, para impedir-me
O pranto, em que o tormento descansava.

Não sei que faça agora? Para ir-me,
Sentido posso ser, e não desejo
Que entenda que fugi: Para encobrir-me,
Ele está de vagar, segundo vejo;
E enfim para chamá-lo; à minha pena
Vem toda a companhia de sobejo.

Ora que hei de fazer de um pequena
Triste consolação, que me trazia
A parte tão remota? Que me ordena
Agora a desventura se desvia
Ainda o coração de que se farte
Na dor de uma mortal melancolia?

Mas eu não sinto modo algum que aparte
Meu fado de si mesmo, nem diviso
Para deitá-lo fora, ou força, ou arte;
Porém antes que as mágoas dem aviso
De estar aqui, por não me achar estranho
Que busque este pastor é já preciso.

Não é tão rude a guarda de um rebanho,
Que desdoure os sinais da urbanidade,
Inda que os desconcerte um mal tamanho.
Alg. Aqui se não me engana a escuridade
Me parece também que alguém procura
A muda confusão da soledade.

À vista já de um vulto me assegura:
Quem pode ser que agora se contente
De selva tão medonha, e tão escura?
É Salício; nem outro humanamente
Podia ser que andasse aqui consigo

Tão triste, tão mortal, tão descontente.

Ai infeliz pastor! ai caro amigo!

Os teus braços me dá, que inda não creio

Seres tu quem se abraça hoje comigo.

Sal. Aqui Alcano os tens, tira o receio

Que esta dita, que ju[lga]s⁵⁶ de me achares,

Mais pode ser desgraça, que recreio.

Quem se vê tão coberto de pesares,

Que pode dar, senão milhões de danos,

De penas contos, e de horror milhares?

Alg. Sim; mas quem te não viu há tantos anos,

Como pode ficar, bem que em ti veja

Da triste vida, tantos desenganos?

[78]

Se sabes que é impossível que eu esteja

Daqueles nossos tempos esquecido,

Se posto me arrancou daqui a enveja,

Assento dentro n'alma sempre hás tido,

Como queres que agora te haja achado,

Sem seres de meu gosto recebido?

Lá na serra onde estive, me hão contado

A tua desventura, que as más novas

Voam sempre com giro arrebatado,

Tão celebrada foi, que algumas trovas,

Lhe fizeram as rústicas camenas,

Que cantavam os Faunos pelas covas.

Por largo tempo ouviram as amenas,

⁵⁶ Manchado.

Frondosas selvas, o sentido canto,
Temperado nas ásperas avenas:
Sabe Deus, doce amigo, o grande espanto
Que eu tive, enquanto o mudo sofrimento,
Não se fez parcial do amargo pranto.

Não tinha eu cabal conhecimento
Da causa de teu mal; e mais motivo
Tinha nesta ignorância o sentimento:
Dizia eu comigo: Que nocivo
Influxo de astro horrendo há sido este,
Que assim postrou um moço tão altivo?

Um mancebo a quem tanto o mato agreste,
Como o plácido campo dava a glória,
Quando entoava o número celeste?
Um pastor, que alcançou sempre vitória
Na luta, barra, dança, e fruta ruda,
E hoje do tempo é trágica memória?

Ah Fortuna cruel! Ah carrancuda
Sorte infame, quem há de ter firmeza
Já mais no teu favor, na tua ajuda?
Mas, se, amigo, não dobras a tristeza,
Com contar-me teus males, desejara
Mos dissesses com toda a miudeza.

Bem sabes tu aquela fé tão rara
Com que sempre te amei; e assim bom fora
Que comigo teu mal se aliviara.
Desata as doces cláusulas, agora
Que o silêncio, em que a noite continua
Embala o berço à sonolenta Aurora.

Agora que rompendo vem a Lua
A parda treva, agora que entre o monte
Nem pugna estrondo, nem rumor flutua,
Exala os tristes ais; que este horizonte
Cuido que para ouvir-te se avizinha,
Encalma o vento, e emudece a fonte.

[79]

A desgrenhada mata já se alinha
Para escutar-te; e ainda este rochedo
Para o mesmo lugar também caminha;
Pendente dessa voz tudo está quedo,
E até para gozar da melodia
Se vai já debruçando este arvoredos.

Salic. Inda que aos tristes seja a companhia,
E o referir suas mágoas maior quexa,
Hei de contar-tas só porque a agonia
Tanto com meus sentidos ande anexa,
Que os não largue; por mais que tenha a ânsia
A ideia enferma, e a razão perplexa.

Alg. Bem sei que nem a mesma consonância
De teu canto, fará que se modere
Dessa pena a cruel exorbitância.

Salic. Nada da sorte tenho já que espere:
Ouve pois; e verás o sentimento,
Que o peito me abre, o coração me fere.

Alg. Mudo estarei ao som de teu lamento.

Sal. Apenas nos deixaste
chorando a tua ausência,
apenas destes campos te apartaste,
logo o Fado mostrou sua violência

em mim, deixando unida
Minha desgraça, a tua despedida.

Com ela conjurado
o cego Deus me aponta
um tiro ao coração; e trespassado
de sorte mo deixou, que a vista pronta
na parte mais secreta
cravou a farpa, e embebeu a seta.

De uns negros olhos belos
formou o raio ativo
da frecha dura; a trança dos cabelos
foi quem a corda deu ao arco esquivo;
e este se aparelha
no arqueado perfil da sobrancelha.

Aquela ilustre filha
de Almeno, e Amarílís,
que tão tenra deixaste; maravilha
crecendo destes campos; dando a Fílis
enveja, e espanto, há sido
quem me há posto mortal, quem me há ferido.

Pois tendo aquela idade
robusta, que pudesse
já suportar a calma, e frialdade,

[80]

Quando o Inverno geasse, o sol ardesse,
se pôs no campo logo,
mudando o fogo em neve, e a neve em fogo.

E com valor estranho

pisando o vale, e o monte,
dava à cândida plebe do rebanho
a lei de seu sinal, o pasto, a fonte
buscando, a seu decreto,
melhor que o gado do pastor de Admeto.

Uma ditosa tarde
que mais que as outras cuida
tinha feito de si maior alarde
a fermosura a gala, e o descuido
a vi, ficando cego,
desta sorte, nas margens do Mondego.

De um Álamo⁵⁷ sombrio
fazendo verde escudo
contra os raios do sol largando ao rio
a vista; e o rosto plácido, e sesudo;
e no curvo cajado
o corpo airosamente reclinado.

Tinha posto um pelico
recamado de flores
de ouro, e prata: vestia um saio rico
de tela, e um guarda pé de várias cores;
da mais cheirosa algália
era o couro mimoso da sandália.

Pelas costas deitado
o louro mar do pelo,
o raio de seus olhos abrasado,
aceso da garganta o caramelo,

⁵⁷ Álamo.

e da boca acendido
o inteiro aljôfar, e o coral partido.
Parece que a corrente
o rio suspendia
só de olhar para ela; e diligente
campo, e monte a seu rosto concorria;
que enfim tudo conjura
a força de tão rara fermosura.

Pacíficas as aves
quietas as abelhas
meneando-se as auras mais suaves,
à roda os cães, as cabras, e as ovelhas,
tem cada qual intento
de achar só nela o seu contentamento.

Oh quem me dera agora
explicar a peleja
que meu peito sentiu! mas quem ignora
que cheia a alma de um não sei que seja,
se era não saberia
ou glória, ou dano, ou pena, ou alegria.

[81]

Assim cheguei confuso,
mas ela percebendo
a minha turbacão, com novo uso
de vencer com mais crédito, rompendo
da boca um riso,
pôs-me sem liberdade, e sem juízo.

Não tive que dissesse,
que o pasmo me embargava,
só me lembra lhe disse, suspendesse,

de alguma sorte o modo, com que obrava,
que era ação indecente
guardar o gado, quem matava a gente.

Foi-se; mas de que modo
meu peito ficaria
tu mesmo o considera, se de todo
não te esquecem memórias de algum dia;
pois semelhante efeito
na voz não cabe, cabe só no peito.

Porém na mesma parte
mais outras vezes pude
ver tremular-lhe o flórido⁵⁸ estandarte
da gala, e da beleza; e a virtude
de meu alento dava
cada vez mais sinal de que enfermava.

Enfim o rendimento
o trato o sacrifício,
o culto, a oferta, o fogo, o voto, o assento
contínuo da oblação, já dava indício
daquelas piedades
que distinguem, dos homens, as Deidades.

Mostrou-se mais piedosa,
depois reconhecida,
depois atenta, e logo cuidadosa,
daqui passou a ser agradecida,
e logo mais avante
a ser firme, a ser fina, a ser amante.

⁵⁸ Acento inserido em tinta ocre, *a posteriori*; assumido no impresso.

Crecendo foi a chama
passou a labareda
daí a incêndio; mas tanto já se inflama
o fogo que um e outro peito hospeda
que muda o seu desvelo
em vulcão, em vesúvio, em Mongibelo.

Perpétua companhia
já tínhamos composto
em nossos corações; de noite e dia,
a toda a hora, nunca o caro rosto
de ambos via ausente
o desejo abrasado, o afeto ardente.

[82]

O campo não reserva
o mato, o monte, o vale,
ou árvore, ou arbusto, ou fonte, ou erva,
que pela frase rústica não fale,
publicando a divisa
dos nomes de Salício, e de Felisa.

Aqui no Inverno secos
e no Verão vestidos
os troncos, quantos amorosos ecos
ouviram pelas covas refletidos!
consagrando a cadência
ao Nume da jactância, e existência!

Aqui, ó vezes quantas,
Tem sido testemunhas
as estrelas do Céu, do monte as plantas,
Felisa, de impossíveis, que supunhas,
porque chegasse a crer minha cegueira

Que era a fé, que me davas verdadeira.

Primeiro o Firmamento
(dizias) inconstante
hás de ver, e ligeiro o fundamento
da Terra, escuro o Céu, o Mar constante,
primeiro será visto
tremor o mesmo Antártico, e Calisto.

Primeiro a noite escura
terá desassossego,
primeiro será praia esta espessura,
serão tristes as águas do Mondego,
e nunca na floresta
será fresca a manhã, calmosa a sesta.
As ovelhas primeiro
não gostarão da relva,
Será sublime o vale, humilde o outeiro,
húmido o pedernal, árida a selva,
que tu, em mim Salício
conheças de mudança, algum indício.

Mas ai de mim, que cedo,
que cedo em minhas mágoas
mudável te chorei! E este arvoredo,
este outeiro, este campo, e estas águas,
Céu, Terra, Mar, areia
como dantes ficou, e tu alheia.

O caso Algano amigo
quem poderá contá-lo,
sem que cheio de horror bata consigo
na dura terra! pois tão grande abalo

me dá, que em muda calma
se põe o alento, a vida, o pulso, a alma.

[83]

Porém hei de dizê-lo
já agora, inda que quebre
do tormento o duríssimo martelo
meu tenro coração; porque celebre
com esta despedida
o aflito peito, e a cansada vida.

Cumprida estava a idade
de ter Felisa estado,
que aos costumes do campo, e a qualidade
de seu ser era digno; e consultado
vota a Sorte inimiga
de infaustas núpcias na tremenda liga.

Com fúnebre semblante
Felisa há recebido
a notícia mortal; que inda constante
o fino peito estava; e resistido
por largo tempo o rogo
foi da ilustre firmeza de seu fogo.

A paternal porfia
no dia, na semana,
no mês, no ano, e anos, persuadia
a constância; mas ela que a Diana
se tinha consagrado
dizia; e estava firme em seu cuidado.

O crime enfim receia
de se acharem perjuras

tão amantes ações; e assim a ideia
com duvidoso horror anda às escuras
apalpando o intento,
que há de tomar o aflito pensamento.

Mas ó frágil destino
de mulheril firmeza!
Ó leve assento! Ó génio feminino
desonra, enfim, da própria natureza!
tu mesma, tu pudeste
fazer tão vil prodígio tão celeste.

Entrou-se pois tão duro
inflexível recinto;
deu-se assalto geral; e aquele muro
a quem as forças do Planeta quinto
já consagraram voto,
se vê na terra derrubado, e roto.

Dominou a mudança
a torre; e de tal sorte
uma palavra o fez com a esperança,
que foi causa total da minha morte;
depois de ser a glória
do sentido, da ideia, e da memória.

[84]

Aquele sim infausto,
e horrendo deu aquela
em quem meu peito o íntimo holocausto
por tantos tempos fez: Ó ímpia estrela!
Ó Amor fementido!
Quem nunca vos tivera conhecido!

Chegou enfim a hora
em que rompendo os laços
da fé a mais malévola pastora
deixa a venda do Amor feita em pedaços,
depois que o nó ativo
atou nas aras de Himineu lascivo.

A um serrano rudo
já fica entregue o mimo
mais belo deste campo: Absorto, mudo,
triste, mortal, sem glória, sem arrimo
o mesmo Amor se enfada
vendo tanta beleza malograda.

Ó infeliz criatura
já que romper quiseste
de um tal afeto a fixa ligadura,
porque um gentil pastor, não escolheste?
mas o mais desastrado
que tu, ó serra dura, tens criado.

Mas tu que lá passaste
caro amigo o naufrágio
de teu desterro; tu que a serra andaste
pode ser que o conheças, que Selvágio
se chama; e na riqueza
põe todo o seu valor, e gentileza.

Vê tu amigo Algano
se pode haver tesouro
por mais rico que seja, e soberano,
se pode dourar nunca a prata, o ouro
o horror de uma figura

tão feia, tão enorme, e tão escura?

Hás visto uma parreira
que junto à planta infausta
de um Cipreste, trepando lisonjeira
por seus ramos, a verde cor exausta
deixa; e toma a que existe,
na escura copa de seu vulto triste?

Assim amigo entendo
que à mísera pastora
lhe sucede, enlaçada ao vulto horrendo
de um rústico: Tão outra a vejo agora
que é sombra do que há sido:
Tanto um trato maligno há conseguido

[85]

As selvas agravadas
da infâmia se puseram,
e as vides de seus ramos abraçadas
cheias de sentimento se romperam,
negando-se à delícia
do afago, da união, e da carícia.

E desde aquele instante
não houve cousa alguma
que não fosse de si dissemelhante;
já o vergel os ares não perfuma:
de abrolhos, e de espinhos
se vem cheios os prados, e os caminhos.

Não canta a Filomena,
o campo não floresce,
pasta o gado pestífera verbena,
de horror coberto o sol nos aparece,
e em contínuos gritos

magros, e enfermos andam os cabritos.
Tristes sempre os pastores
Negam-se a companhia;
e turbados os firmes amadores
cada qual de si mesmo desconfia;
perdido o trato humano,
entre as sombras do medo, e mais do engano.

Enfim tristeza tudo,
enfim tudo mudado,
a selva, o campo, o prado o monte rudo
tudo está com horrores sepultado,
e até esta corrente
corre turva, pesada, e descontente.

Havia tu de achar-te
presente aquele dia
para veres o horror, que em toda a parte
a carranca dos Fados difundia,
explicando os naufrágios
pelo gesto maligno dos presságios.

As ervas descoraram,
empolou-se o Mondego,
prehes nuves⁵⁹ no Ar se carregaram,
o vento com mortal desassossego
gemia pelos troncos,
e o Mar soava com tremendos roncões.

À mão esquerda as gralhas
voaram; e as gaivotas

⁵⁹ Nuvens.

dando nos ares hórridas batalhas
de umas aves estranhas foram rotas,
e o corvo fugitivo
três vezes deu sinal do acento esquivo.

[86]

Até aquele frexo⁶⁰
que havia tantos anos
que com a doce vide estava anexo
contra o longo poder dos desenganos
ficou tornado em cisco
à ígnea fúria de um fatal corisco.

Julga pastor amado
que confusão meu peito
sentiria de ver entronizado
o objeto de meu mal, tão satisfeito,
com pública vanglória,
ir cantando os aplausos da vitória.

Mas por mais que incitasse
os vivas da ventura,
não havia ninguém, que se alegrasse,
vendo tão malfadada a fermosura,
e com mortal quebranto
cheio tudo ficou de assombro e espanto.

As graças não se ouviram,
os génios se esconderam,
os laços da concórdia resistiram
as vozes do agasalho emudeceram,
e o nupcial ornato

⁶⁰ Freixo.

mudou-se em negro, e fúnebre aparato.

De ave triste o gemido
clamou infausto assunto,
deixou logo Himineu o nó partido,
o leito roto, e o brandão defunto;
com trágicas endechas
rompeu enfim o Amor o arco, e as frechas.

Aqui amigo Algano
o caso mais funesto
que ao templo inda chegou do Desengano
até o piedoso ouvido manifesto:
Ó trágico gemido
a quem não deixarás enternecido!

Não deixarás; que a gente
de mim fugindo, e eu dela,
resolvido já tem meu peito ardente
ser dos montes contínua sentinela;
que o mal a que me entrego
nem prática admite, nem sossego.

Mas vós sereis, ó montes,
florestas, arvoredos,
vós outeiros, vós vales, vós ó fontes,
campinas, bosques, árvores, rochedos
perpétua companhia
desta minha mortal melancolia.

[87]

Alg. Assim como o cansado marinheiro
Depois da procelosa tempestade
Se alegre vendo o dia lisonjeiro,

Assim como da Aurora a claridade
Serve de novo alento ao pleito aflito
Na vigília cruel da enfermidade.
Assim como ao intrínseco conflito
Dos fatigados membros o letargo
Deixa o descanso dentro n'alma escrito,
Assim fora o teu som, se um triste embargo
Ao íntimo sossego não pusera
A causa grande de teu pranto amargo.

Porém enquanto for a clara esfera
De estrelas, lua, e sol alumiada
Enquanto n'água o peixe, enquanto a fera
No monte, a ave no Ar fizer morada,
A tragédia, que agora repetiste
Será sempre da gente celebrada.

Mas já que vai fugindo a sombra triste
Dos altos montes, e a manhã serena
Vem vindo pelas nuvens; tu resiste
Que é tempo a vexação da tua pena,
Enquanto eu busco aqueles dous novilhos,
Que fugiram por essa estância amena.

Que são do melhor boi, que tenho os filhos,
Mais esquivos, que hão nunca experimentado
As duras cangas, e os pesados trilhos.
E enfim é tempo já de pôr o arado
Na rústica fadiga da lavoura.
E levar para o pasto o manso gado.

Mas se a luz mal distinta não desdoura
A vista, ou se me finge, ou eu entendo

Que daquele pináculo, que doura,
Primeiro o sol, que os campos, vem decendo

Dous vultos; e sem serem conhecidos
Ir-me daqui já agora não pretendo.

Salic. Ó dura confusão de meus sentidos!

Sabes quem estes são, amigo Algano,
É Selvágio, e Felisa, ó desabridos
Acasos da Fortuna! Ó mal tirano,
Como aqui me tens vivo se me feres
Com punhal tão cruel, tão desumano!

Que fracos são ó magoa os teus poderes,
Se no centro mais íntimo do Mundo,
Com violento furor, me não puseres:
Lá no seio da Terra, ou no mais fundo
Dos mares, quero agora me transfiras,
Por não ver um pesar tão furibundo.

[88]

E se daqui, ai triste! me não tiras
consumam já da vida o movimento
Da sorte as fúrias, e do Fado as iras,
Desate-se este infausto ligamento,
e acabe de triunfar a desventura
Da funesta paixão do sentimento.

Alg. Ai mísero pastor! que triste cura
Considero na pena, em que discorres,
Que o teu mal, não é mal, é só loucura.
Se mesmo tu de ti não te socorres,
Nenhum remédio sei, pois com teus males
À fúria, à ânsia e ao pesar concorres.

Peço-te caro amigo que te cales,

Conforta-te a ti mesmo, que imagino
que venças se de teu valor te vales,
Não queiras conceder ao teu destino
Tantas forças, que as cousas sem remédio
Chorá-las dessa sorte é desatino.

Isso é cercar o mal de um triste assédio,
Isso é ter com vergonha do discurso
À vida ódio; e à esperança tédio.

Salic. Quem te disse pastor que a tal concurso
De tormentos, ainda se prepare
À vida, ou esperança algum recurso?

Não cuides sou tão doudo que me ampare
De pensamentos vãos, por mais que a ideia
Com fingidas imagens os declare:
Nada já agora as mágoas lisonjeia,
Porque o profundo mal a que me entrego
Não tem mais que esperar que a morte feia.

Alg. Já sei que estás tão surdo, como cego
Ao alívio; mas este breve instante
Finge por mim sequer algum sossego:
Vejamos com que voz com que semblante
Os dous novos amantes comunicam,
Que eu estarei a tudo vigilante.

E pois eles tão perto já se explicam
Com estilo Amebeu, põe serena
A atenção que teus males mortificam.

Salic. Quem há de suportar tão grande pena?
Mas quero ver enfim se posso tanto
que sofra o grave mal, que se me ordena,

Mas que seja banhado em triste pranto.

Felis. Que vida mais penosa
Podias inventar-me, ó Fado esquivo,
Ó sorte rigorosa,

[89]

que aquele triste estado em que hoje vivo?

O racional sujeito ao sensitivo
Sempre trago; e não sei quando me vejo
Sem ter uma esperança
De ainda haver mudança,
A qual possa estar bem a meu desejo,
Como pode durar sempre afligida
De pena tão mortal, tão triste vida.

Selv. Mudo, absorto, suspenso
Ando em mim mesmo alheio, e peregrino,
Que o mal é tão intenso
Da dúvida infiel, em que imagino
Que nem por desafogo o desatino
Me basta, nem o estar sempre o discurso
Sem ter algum sossego,
Mas antes torpe, e cego
À luz do desengano, sem recurso,
Guia, ou rumo, ou caminho estou pasmado,
Entre o trémulo horror de meu cuidado.

Felis. Eu dei: oh nunca o dera,
Aquele *sim* que a paternal porfia,
Já doce, já severa,
Conquistou tantas vezes: Quanto havia
De ser morte cruel, triste agonia.

Bem o disse a violência, com que o dava:

Não sei que fundamento

Alcança o movimento

Do nosso coração na sorte brava,
Que apenas em seu golfo o bem flutua,
Com rara prevenção, no-lo ensina.

Selv. Eu possuo a mais bela

Pastora destes campos; mas duvido

Se foi infausta estrela,

Ou venturoso influxo, que há sabido

Dar tão fingida glória a meu sentido:

Que importou alcançar esta ventura,

Se uma cruel suspeita,

Que logo vai direita

À parte melhor d'alma, tanto apura

O pesar que não tem meu pensamento

Parte que não ocupe o sentimento.

Felis. Enfim pastor amado

Eu te deixei; não queiras mais vingança

Que ver-me neste estado:

Da minha frágil, súbita mudança

Bem satisfeito estás; pois esperança,

Nem de outra vida tenho, nem indício

De poder alguma hora

Explicar quem mora.

[90]

Em meu peito; que o nome de Salício,
O laço em que me oprime o peito ardente,
Nem tomá-lo na boca me consente.

Selv. Ainda que a montanha

Me criou, e da rústica aspereza
Da serra, me acompanha
o trato, o estilo, a prática, a rudeza,
que importa seja tosca a natureza
De meu ser, se é tão forte e fulminante
A dor; que me arrebatava
Que indómita desata
A torpeza da ideia vacilante;
Que é meu mal tão cruel, e tão violento
Que para a dor só pule o pensamento.

Felis. De sorte vivo, e tanto
De mim foge a alegria que parece
Que só à pena, e espanto
A lei de meus sentidos obedece:
Tudo quanto executo me entristece:
Se me deito, convoco meu cuidado
Em vez de ser o sono;
E logo me apaixono,
Se o discurso, ou de aflito ou de cansado
Se esquece de meu mal, porque queria
Que me fizesse eterna companhia.

E assim da mesma sorte
Me aflijo, e me embraveço, se procuro
Fugir à minha morte;
Se como, ou se descanso, ou se o futuro
Me intima algum alívio, ou me asseguro
N'algum fictício bem; pois só desejo
Que a própria natureza,
De mágoa, e de tristeza
Se encha tanto, que sempre de sobejo
Viva em meu coração, que este delírio

Já não pode aquietar sem meu martírio.

Selv. Quem pode abster a pena
Achando a inquietação desta pastora,
Assim na selva amena,
Como no mato agreste; e a toda a hora?
E levantar-se apenas nasce a Aurora,
Deitar-se quando desce o Sete-Estrelo,
Ser a sua água o pranto,
o seu manjar o espanto
A sua ocupação o seu desvelo,
Seu costume a tristeza, e enfim seu gado
Os seus ais, sua vida o seu cuidado?

Já despreza o pelico,
De luto só vestida sai ao monte,
E ainda que lhe explico

[91]

Meu pesar; e lhe peço que me conte
Que mal, ou pena tem; abaixa a fronte,
E ali fica suspensa dos sentidos;
E se o não acompanho
Deixa andar o rebanho
Sem tino, ou rumo algum; sem que os balidos
Dos cordeiros, e gado vagabundo
A acordem de letargo tão profundo.

Felis. Se quis a Sorte esquiva,
Pela sagrada lei da obediência,
Que tão sujeita viva
A quem não manda a alma; e que a violência,
Que oprime o meu destino, à reverência
Da honra de que só deva o sofrimento,

Que espero, em que confio?
Se o laço do alvedrio
É desonra do próprio sentimento?
Que é tão torpe a prisão, que inda a constância
Não dá crédito à dor, ou lustre a ânsia.

Aonde pode a ideia,
O gosto, a escolha achar alguma via
De agrado, em tão alheia
Figura, do concerto, e da harmonia,
Que a mesma natureza se injuria
Vendo forma tão triste, e tão impura;
Por ser tão imperfeito
O rasgo que tem feito
Em tão torpe, e enfadonha contextura:
Pois como há de poder minha tristeza
Aceitar, o que enjeita a natureza?

Selv. Bem sei que o nascimento
Foi avaro comigo, e aquele influxo,
Que o alto movimento
À forma inspira com fatal defluxo
Concorreu para mim; mas o debuxo
Que em mim tanto afeou a tinta humana
Na insípida figura
Da minha arquitetura,
Não é digna de pena tão tirana;
Salvo se a lei do Fado a tanto obriga,
Que pela culpa de outrem me castiga.

Disforme sou; não nego
A mal composta fábrica que animo,
Feio, bárbaro, e cego,

De mim se aparta o asseio, foge o mimo,
Sem graça sem agrado, sem arrimo
Aonde a bizzarria se sustente;
Mas nem tanto motivo
Deve ser incentivo
Para Felisa estar tão descontente;
Pois para merecer algum apreço
Bastava o confessar que me conheço.

[92]

Felis. E sobre pena tanta
O que faz insofrível minha pena
É sempre na garganta
Ter sufocada a voz; que esta pequena
Consolação, ainda a desordena
Minha desdita; pois nem um instante
Deixa de estar comigo
Este eterno inimigo
De meu bem, e sossego, sem que o espante
Meu sombrio, e contínuo sentimento,
Para fugir de mim um só momento.

E agora em meu alcance
Pontual, inda vem; e pouco cуда⁶¹
Como a vista eu não lance
Para lugar algum; que sempre aguda,
E pronta, já de achar não se descuda⁶²:
Ora por me vingar naquela parte
Que me é permitida
Quero desentendida
Fazer-me; e pôr-me aqui, sem que se aparte
O cuidado do chão; mostrando agora

⁶¹ Cuida.

⁶² Descuida.

Que o não vi: e oxalá que ele assim fora?

Selv. O alívio, que me oferece
Somente o Fado austero, e a Sorte ímpia
É se mais se entristece,
Fazer-lhe então eterna companhia,
A Felisa; por ver se esta porfia
Pode alcançar sequer um breve indício
Da causa de seus males:
Bem podereis ó vales,
Ó montes, fazer-me este benefício,
Se fostes algum dia, ou tu, ó gado,
Mais dignos de lhe ouvir o seu cuidado.

Mas ela toda entregue
A ele, se há assentado, e suspenso:
Ora porque sossegue
Deixá-la quero só com seu sentido;
Visto não ter-me ainda pressentido,
Por este vale fora o gado entrego,
Por ver se no entretanto
Lhe permite sequer algum sossego:
Seja assim já que o Fado esquivo ordena
Que lisonjeie eu próprio minha pena.

Alg. Por certo amigo quando estive atento
À história de teus males, me causaste
Dentro n'alma um profundo sentimento
Porém encontro o fim que me calaste,
Tão alheio do mal que me disseste
Que dor não, tenho enveja ao que contaste.

[93]

Se amor tão extremoso mereceste

Em Felisa, como ainda agora viste,
Mais ganhaste em amá-la, que perdeste;
Que importa o nó, que a oprime, se resiste
Tanto a força cruel, que sempre deixa
A alma livre da cadeia triste?

Tivera eu dó de ti, se achasse anexa
A vontade ao domínio, mas triunfante,
É indigno o pesar, injusta a queixa.
Que mais desejas tu, se é tão constante
Felisa, que entre o horror do cativoiro
Em seu intento está perseverante?

Maior triunfo é teu, ver tão inteiro
O amor, que nem no cárcere se aparta
Antes maior, quando é mais prisioneiro:
Triste amigo daquele que o não farta
A posse, e dela o crédito mendiga,
Por mais que a segurança lho reparta.

E eu Salício não sei como te diga
Que não posso entender que este Selvágio
Se acomode em tão mísera fadiga.
Se basta uma suspeita a ser contágio
Para a alma; das ondas do ciúme,
Como pode escapar sem ter naufrágio?
Para mostrar que a causa não presume,
É incrível; ou quando a reconhece
Tem feito natureza do costume.

Salic. Que pouco, Algano amigo, te merece
O meu justo pesar, que pouco alcanças,
Se entendes que esta dor me desvanece.

Mais quisera as eternas esquivanças
De Felisa, que estala vendo alheia,
Dando me inda as maiores seguranças;
Tu sabes o que é estar julgando a ideia
Nos braços de outro a cousa mais querida?
Sabes a ânsia, que a alma senhoreia?

Não a deves saber, que a ser sabida
Da tua conjectura, não julgaras
Que era menos do que perder a vida.
Alg. E se as venturas fossem tão avaras,
Que inda depois de a ter domínio estranho
Gostosa na prisão a imaginaras?

Salic. Só desse único alívio me acompanho.

Alg. Pois se não é alívio tão pequeno,
Porque julgas então o mal tamanho?
Ora, pois, trata já de pôr sereno
Esse ânimo turbado, antes que a sorte
Vá difundindo mais o seu veneno.

[94]

Dá lugar a que o espírito conforte
Os fatigados membros, destruindo
Do peito tanto ardor, e mal tão forte:
Ali Felisa está, quasi dormindo,
Selvágio foi guardar o manso gado
Tempo tens para ver seu gesto lindo;

Tempo para falar-lhe em teu cuidado,
Tempo para explicar teu sentimento,
E para estar com ela sossegado.
Que eu amigo pastor daqui me ausento,
Não por ser alto dia, e muito tarde

Mas por não te servir de impedimento.

Faze da tua queixa um grande alarde,
E não só meu Salício em paz te fica,
Porém fica com Deus, e ele te guarde.

Salic. Ele contigo vá: Não te replica
Meu desejo; suposto que quisera
Pagar-te quanto o teu me significa.

Mas já que meu pesar se considera
Ante seu mesmo objeto, que pretendo
Fazer de mim agora? Quem dissera
Que com este sentido estou tremendo,
Sem que ouse a lhe falar, imaginando
que nisso a escandalizo, ou que a ofendo?

Felis. Que é isto? quem aqui se vem chegando,
E perturba o letargo, em que me enleio?
Mas ai de mim! que vejo? estou sonhando?
És sombra és ilusão? ou meu receio
Te afigura na imagem, com que lido,
Com que sempre discorro, e sempre ideio?

Bem pareces que és sombra do sentido,
Inda mais na ocasião, em que apareces
Em estares tão mudo, e suspendido.

Salic. Sombra devo de ser: Tu me conheces
Melhor do que eu a mim; pois sou figura
Que formas juntamente, e desvaneces.

Sombra sou; e em teus passos tão segura,
Que inda que a encubra o ingrato apartamento
Te há de seguir até à sepultura.

Contra o grande poder do esquecimento
Sombra hei de ser tua; e tão constante
Que de ti não me aparte um só momento.

Até às mesmas portas de diamante
Hei de ir para pedir-te conta estreita
De seres tão perjura; e inconstante.
De uma alma, que de ti foi tão aceita
Notícia me hás de dar; e finalmente
De estares com meu mal tão satisfeita.

[95]

Felis. Tem-te; não digas mais; que é tão veemente

O discurso, que faço do que dizes,
Que deixa a alma, e voz balbuciente.
Mas ameaça-me embora, e os infelizes
Astros me livrarão; que é sua a pena,
Por mais que tanto estrago profetizes.

Que culpa tenho eu do que se ordena,
Pelo influxo mortal de luz malina
Na triste forma da porção terrena?
Se a tua estrela assim o determina,
Que posso eu fazer da estrela tua,
Para tornar-me a culpa da ruína?

Sal. Cala-te; que contigo continua
A mesma infâmia, ó pérfida pastora,
Pois foi tua a traição que não foi sua;
Não sejas tão sacrílega que agora
Imputes ao celeste movimento
O delito da tua fé traidora.

Felis. Pois que querias tu que o pensamento

Fizesse, tantas vezes ameaçado
De um paternal, contínuo mandamento?
Salic. Deixaras proceder o duro Fado
Como quisesse; e conservar inteiro
Esse amor que me tinhas entregado.

Fel. Não consideras que por derradeiro
A paterna obediência pode tudo?
Sal. E não seria o nosso amor primeiro?
Ah pastora infiel! que quando o cudo⁶³
Até investem⁶⁴ pensamentos tão tiranos
Que não sei como à triste vida acudo.

Uma fé tão leal, de tantos anos,
Rasgada com furor, e com violência
De mudanças, traições, e mais de enganos?
Que semblante haverá? que paciência?
Que com tão grande dor ao desatino
Fazer possa segura resistência?

Felis. Mas já não tem remédio; meu destino
O permitiu assim; e muito menos
Poder fazer patente, o que imagino:
D'alma serão intrínsecos venenos
Essas tristes ideias; sem que eu possa
Mostrar-te nunca mais olhos serenos.
Essa antiga afeição, tão doce nossa
Daqui já para sempre se sepulta
Do silêncio mortal, na sombra grossa;
Do laço que me oprime me resulta
Tão veemente prisão, bem que violenta

⁶³ Cuido.

⁶⁴ Investem.

[96]

Que inda os mesmos suspiros dificulta.

Tão fortes os fuzis me representa,
Que periga inda o crédito presumo
Em cada ação, que o espírito sustenta;
Por mais que suba o fogo, e voe o fumo
Entre o funesto caos de meu peito
Apago a chama, e o vapor consumo.
Seja tirana a posse; está sujeito
Já agora nela o curso do alvedrio,
Pela lei inviolável do respeito;
Da honra o culto, a vítima do brio
Mete tamanho horror, que não se atreve
A profaná-lo humano desvario.

Por mais que a chama o ardente peito eleve
Farei que em Mongibelo se transforme,
Cobrindo o incêndio, e ocultando a neve:
Enfim Salício; porque nunca forme
Tua ideia esperanças te declaro
Que estou com meu pesar muito conforme.

Casada estou; ou fosse curso avaro
Da minha desventura, ou influência
Que não pode alcançar o júízo ignaro;
Mas fosse ou bem, ou mal, ou com violência,
Ou sem ela, ou com pena, ou com desgosto,
Ele tem sucedido; paciência.

É certo que inda o ser contra meu gosto,
Nunca a fé conjugal me desobriga
Da honra, que Selvágio em mim tem posto.
Que queres, pois, Salício que te diga?

Se é incrível que eu nunca me persuada
À mancha infame da sagrada liga?

Esta tem sido a vez que arrebatada
Desta imaginação te comunico,
Depois daquela hora desgraçada;
Por ser a vez primeira te suplico,
E a última talvez, que não te esqueças
Disto que agora aqui te significo.

Eu te rogo pastor que me aborreças;
Julga que nunca pude comover-me,
Que pela mais ingrata me conheças;
Trata, enfim, totalmente de esquecer-me,
Se é que queres viver; porque imagino
Que nunca, nunca mais chegues a ver-me.

Salic. Ó alma crua! Ó peito diamantino!
Que causa te dei eu porque te enojes?
É ofensa adorar-te de contino?
Para que dessa sorte assim me foges?
Sem que primeiro a desprezada vida
De seu cansado alento me despojes?

[97]

Para que a quero eu, ó homicida,
Ó pastora a mais ímpia, quando vejo
Que de ti já é tão aborrecida?
Quanto mais que me fica de sobejo
Se me levas as minhas esperanças,
O meu engano doce, e o meu desejo?

Nunca cuidei que as tuas esquivaças
Subissem de tal sorte, que tomassem

De meu amor tão ásperas vinganças.
Nunca, nunca cuidei que me chegassem
A tanta desventura, a tal desdita
Que nem meus sentimentos me escutassem.
Quem pudera fazer que a mágoa escrita
Da ideia se apagasse! mas ai triste
Que cada vez mais nela ressuscita.
Que importa escurece-la se resiste
Com tal força o sentido, ao esquecimento
Que não há pena ou dor que não registre?

Mas que loucura emprende⁶⁵ o pensamento?
É possível que a tanta circunstância
Possa dar o letargo monumento?
Como é crível que esqueça, vendo a ânsia
Que a mesma bizzarria da firmeza,
Se mudou na vileza da inconstância?

Que depois de abrandar a natureza
De um bronze, um pedernal, de meu trabalho
Faz torpe possuidor, própria riqueza?
Que esteja dando plácido agasalho
A pastora mais bela a uma figura
Mais tosca que a cortiça de um carvalho?

E enfim que aquela doce fermosura
Desperdice uma fé tão verdadeira
Pelo horror de uma sombra tão escura?
Mas ai triste de mim! com que cegueira
Brado ao Céu, se essa fábrica celeste
De cada vez está mais dura, e inteira?

⁶⁵ Empreende.

Cessem, pois, minhas vozes já que deste
 Sucesso infausto, não se tira meio
Que não seja mais triste, e mais agreste.
Só quando a fruta a cítara de Orfeio⁶⁶
 Fosse, podia ter algum sentido
 De revogar as ordens do Leteio.
Mas se o canto está tão enrouquecido
 Em que pode cuidar a fantasia
Senão ser do letargo submergido?
 Venha pois essa última agonia
E para sempre à vista caudelosa⁶⁷
A noite se lhe cerre, e falte o dia.

[98]

 Porém antes que a vida lastimosa
Se acabe, permiti que me despeça,
 Ó campos, desta estância saudosa:
Adeus, pois, doces campos, e conheça
Vosso fértil verdor, que inda que achasse
Outro bem, que de vós nunca me esqueça.

 Inda que meu alento se trespasse
De um Mundo a outro, nunca tenhais medo
 Que a corrente do Lete me levasse.
Tu bosque espesso, flórido arvoredado
Manso rio, ar benigno estai seguros
Que me haja de esquecer de vós tão cedo.

Profundas covas, e penhascos duros,
Também vos ofereço esta memória,
Contra todo o domínio dos futuros:

⁶⁶ Orfeu.

⁶⁷ Caudalosa.

Mas com tal condição que minha história
Não tenha em vós tão má correspondência
Que a faça o esquecimento transitória.
E vós sócios fiéis, cuja assistência
Me foi sempre leal no campo, e monte
Valei-me nesta última violência;
Não espereis que outro algum vos conte
Meu desastrado fim, vinde a acudir-me
Antes que a Parca o espírito me afronte.
Se não quereis por lástima assistir-me
Vinde sequer por força da piedade
Estas últimas cláusulas ouvir-me;
Vem a ser: se a mortal curiosidade
A causa perguntar da minha morte
Direis: Morri às mãos da falsidade.

Que não me abriu o peito lança forte
Que não me acaba o trágico costume
Do achaque natural da uma sorte;
Mas que morro somente de um ciúme;
De um agravo, um rigor, uma mudança,
Que a vida, e a mesma alma me consume⁶⁸.

E se disto quereis melhor lembrança
Erguei alguma fúnebre tribuna
Em parte aonde nunca haja mudança
E pondo nela a estátua da Fortuna
Debaixo de seus pés este letreiro
Gravai no capitel de uma coluna.

Aqui tens descuidado passageiro

⁶⁸ Consume.

Já agora em cinza fria transformado
Quem foi do Amor felice tesoureiro:
Foi senhor da constância, do cuidado,
Da união, da fineza, do carinho
Por fim veio a morrer desenganado:
Lê, e chora; e prossegue o teu caminho.

[100]

GENETLIACO

DE LA SEÑORA

DOÑA TERESA DE JESÚS,

HIJA

DE LOS DUQUES DE ARCOS, Y MAQUEDA,

OFRECIÓLE

A SU MISMO EXCELENTÍSIMO PADRE,

FRANCISCO, DE PINA, DE MELO,

FIDALGO

DE LA CASA DE LA AUGUSTÍSIMA, Y

SIEMPRE HEROICA MAJESTAD PORTUGUESA.

Al excelentísimo Señor

Don Joaquín, Ponce de León, Duque de Arcos, y Maqueda, Marqués de Zahara, y de Elche, Conde de Bairen, y de Casares, Barón de las Baronías de Aspe, Planes, y Patras, Señor de la casa de Villa García, de Marchena, Reaza, y Rio frío, Alcalde mayor de la ciudad de Toledo, y Alcalde mayor perpetuo de la ciudad de Sevilla. Alcalde de las Fortalezas de Almería, de la Mota, de Medina del campo, de la de Saz, y Chinchilla, comendador mayor del Orden de Calatrava, y del consejo de Estado.

Excelentísimo Señor.

Acasos hay que parecen desgracia, y son ventura. Quien dijera que yo no era desgraciado, conociéndome extranjero, y peregrino? Mas quien dirá que no soy venturoso, viéndome hacer este, aunque pequeño, devoto sacrificio, ante las supremas aras de V. ex.^a.

Tres prerrogativas lleva para merecer la benignidad de tan sublime atención. La primera (y más principal) es ser el Numen a quien se consagra tan soberano. La segunda es ser mi señora la Duquesa, ilustrísima esposa de V. ex.^a gloriosa planta del Real tronco de Aragón, Reino a quien debió mi ascendencia la cuna, y a su castillo de Pina el solar, y el apellido. La tercera es ser mi patria el más apreciable tesoro de los estados de la Serenísima Casa de Aveiro.

Por deuda parece que debe ampararlas el timbre de la grandeza de V. ex.^a, cuya excelentísima [102] Persona guarde Dios.

Madrid 18 de Septiembre de 1721.

Exm.^o Señor

B. L. M. D. V. E.

Francisco, de Pina, de Melo.

GENETLIACO.

Musa no vana, si brillante Numen,
Deidad sublime, soberano móvil
Ha de ilustrar el giro de mi plectro,
Con la alta multitud de sus faroles.

Permite, pues, o único prodigio,
Que de España el León enseña al orbe,
De beldad, de virtud, y de nobleza,
Que tus luces benévolas invoque.

No osadía parezca, que se acerque
Con atrevido vuelo a tus dos soles
Un Ícaro extranjero, que sus alas,
Ni aun de cera, de plomo reconoce.

Tu Numen solo implora, y debe el Numen,
Sea al ruego sublime, o sea pobre,
Mirarlo; que la luz del sacrificio,
Así como al agudo, asiste al torpe.

Igualmente mendiga al Sol los rayos
La caña débil, que el valiente roble,
E igualmente a una, y a otra planta
Dispensa sus dorados resplandores.

Infunde, pues en mi Duquesa invicta
El alma de las cláusulas acordes,
Porque el clarín, que temple mis cadencias,
Sea voz que publique tus blasones.

[103]

Ya al ígneo Moloso de los cielos
El latido tenaz de sus ardores
Balbuciente se oyó, como que apenas
Echaba su volcán respiraciones.

Ya se alentaba el Mundo, y los influjos
Que el Aurora inspiraba al Aire entonces
Al Favonio incitaban que curase
Las síncope mortales de las flores.

Ya en fin la grande Madre, que aún lamenta
El rapto indigno de Deidad triforme
El fructífero feudo recogía
Al afán de los rústicos sudores.

Cuando el tiempo veloz, que el estatuto
De naturales cláusulas dispone,
Para forma perfecta del viviente,
En nueve officiosas proporciones

Había en la postrera el pie caduco
Puesto con atención; porque se logre
La esperanza del tálamo felice,
Que ha unido dos augustos corazones.

Empezó el seco Otoño, desnudando
La ira de los Austros gemidores
Cuanto había halagado la dulzura
De la gallarda émula de Procris.

De la pomposa gala despojadas
Gemían tristes las frondosas torres,

Cuyo alegre verdor vegetativo
Dio al Estío gentil exhalaciones.

Al cuadrángulo mustio de su esfera
Delineado había giros doce,
Y veces tantas el brillante Apolo
Doró los cristalinos horizontes.

Acercabase el punto, en que ultimada
La forma natural romper la noche.
De la materna cláusula querría,
En continuas sensibles convulsiones.

Cuando la sacra Diosa, que gobierna
El ámbito sutil del primer orbe,
Miraba el natalicio atentamente
A la trémula luz de sus albores.

[104]

Y observando del vasto azul espejo
Los luceros, las manchas, los borrones,
Que el Hado en los horóscopos previene
A la primer salida de los hombres

Veía en el ancho ambiente que las luces,
Apartando fatídicos horrores,
Del lucido destino de los rayos
Llenaba todas sus constelaciones.

Violo; y con apresado movimiento
Las negras pías del nocturno coche
A la Tierra endereza, ya impelidas
Del retorcido ámago del azote.

El trato humano deja; y solo busca
Verdes enmarañadas confusiones,
Recordada del tiempo que suplanta
Cansó las selvas, fatigó los bosques.

Apenas de la Fama el vocinglero,
Noticioso clarín las peñas rompe,
Al sacro movimiento de Lucina,
Cuando en vivas sus cóncavos se ponen.

No hubo Ninfa gentil, Deidad no hubo
En los rústicos términos del monte,
Que no viniese a darle parabienes,
Que a rendirla no fuese adoraciones.

Las Dríadas, las Orcadas, Napeas
Los colares auríferos componen
A los fieros Alanos, que encaminan
En dos rudos tímidos escuadrones.

Llegaron a sus pies, y no olvidados
Del dulce acento, que incitó su nombre,
Apenas de la Diosa repetido,
Respondieron con sus demostraciones.

Las Nayades, que aún tienen en la idea
La justa pena del delito enorme
De infausto cazador, que fue destrozo
De sus mismos indómitos ventores.

Agradecidas vienen con guirnaldas,
De acuáticas, cerúleas invenciones,
Por el alto favor de los sagrados

Privilegios, que ofrece a sus licores.

[105]

Hasta los mismos monstruos de la selva,
Que toscamente pule horror biforme,
Vienen cubriendo con las verdes parras
La adusta esfera de la forma torpe.

Y en señal de festivo rendimiento,
En mal formado, rústico desorden,
Con repetido afán, al labio aplican
Los corníferos rudos caracoles.

Unido el montaraz conclave bello,
Pendiente de la Diosa a las acciones,
A una con que habló su blanca mano,
Inviolable silencio corresponde.

Semideas del bosque (así desata
El arroyo elocuente de sus voces)
Que con plomo, y con hierro habéis llenado
Las selvas, y los aires de terrores.

No habiendo pieles, y no habiendo plumas,
Que no cuelguen de tantos toscos robles,
Por más que el viento sus alientos mueve,
Por más que el bosque su espesura esconde.

Mi venida os tendrá todas suspensas,
Al ver que mis afectos anteponen
Hoy el cetro de rígidos venablos
Al imperio de lúcidos blandones.

Y porque del asunto prodigioso,

Causa destes efectos os informe,
Nunca más que al presente os encomiendo
El cuidado de vuestras atenciones.

Aquel Héroe, sublime descendiente
Del regio, que después que el yugo impone
Al impío cuello atroz, que en sus alfanjes
Del Alcorán arbitran las cuestiones.

Intentó con augusto pensamiento,
En agresión del negro Mar salobre,
Desentrañar la cuna, donde el día
Rasga la infante luz de sus albores.

Al honor de Alencastro, cuya grana
Tiñe apenas el lustre a los blasones,
Cuando a impulso inmortal de lo sublime
En las altas ideas se conoce.

[106]

El jefe soberano, el tronco excelso
De aquel siempre temido ilustre Ponce,
Cuyo León magnánimo, si ruge
Estremece los ámbitos del orbe.

En fin ya de una vez la culta frase
La suspendida idea desahogue:
Joaquín, Duque de Arcos: esto basta
Todo lo ha dicho el eco de su nombre.

Digno Esposo es de Aquella, más rendida
Me quedo en mis obscuras confusiones,
Pensando que parezca sacrilegio
Exprimir su Deidad entre mis voces.

Mas no será osadía, no que el labio
A influjos de sus sacros esplendores,
El aliento en devotos sacrificios
Hará que doctamente se transforme.

De Aquella pues Deidad, que habrá contado
A la profunda mente de los Dioses
Todo un siglo de ingenio, para acierto
De archivo tan cabal de perfecciones.

De Aquella, que fue joya, que diadema
Ha sido a las hazañas superiores
De Espínola, y Cardona, que describen
Los timbres de sus ínclitos pendones

El que con alto Imperio independiente
Porque su genio, sus impulsos logre,
Oprimió del Tirreno las espumas,
Rindió del Mongibello los horrores.

De Aquella, pero cese el labio, cese,
La verbosa elocuencia el hilo corte;
Pues tan sublimes son sus privilegios
Que no admite su ser explicaciones.

El árbol deste ilustre epitalamio
Pimpollos cuatro ha dado; si son flores
Venus lo diga, pues de sus matices
Hizo un retrato de su bello Adonis

El feliz primogénito que ha sido
Viva copia del Padre, el lazo rompe
De la vida mortal, dando sus luces

[107]

El vuelo a las Angélicas regiones

Quedó el Marqués de Zahara sustituto
Del título, que heredan los mayores,
Con donaire tan noble, que las Gracias
Buscan en el la luz de sus acciones.

El ilustre Manuel, que a fuerte impulso
De excelsa sangre, que en sus venas corre,
Con llamas naturales alimenta
Las invencibles, regias condiciones.

Del cuarto que diré? que la blandura,
Agitada en benéficos humores,
La esperanza nos da que su agasajo
Hará cetro de humanos corazones.

Ahora del fecundo movimiento
Ya se ven los fructíferos colores,
En que el sacro natal del quinto alumno
Ha de dar al contento aclamaciones.

Para este ufano suspirado instante,
Del alto asiento, que los globos once,
Sin corruptibles ámbitos sostienen,
Me incitan mis afectos que os convoque.

Al supremo natal todo el auxilio
Comigo haveis de dar, porque no logre
La envidia infame algún suceso infausto,
Que animen sus malignas convulsiones.

Yerba no quede, planta no se oculte,

Hallada de Esculapio a los sudores,
Que vuestras blancas manos no ministren
Con la virtud de sus operaciones.

Liro⁶⁹ no críe, y el Ofir no engendre
Rubias, y nacaradas producciones,
Que no impidan, en áureas colgaduras,
Al Aire impuro, fétidos vapores.

De la Árabe Panchaia destiladas
Costosas, aromáticas porciones,
Templado el ser de sus actividades,
Vuelen en salutíferos olores.

[108]

Y porque la figura, que mis ansias,
En el papel divisan de los mobles,
A más profundo incendio justifique,
Yo haré que otra luz su frente note.

Al variable Proteo, que el secreto
De celestes enigmas, no se esconde
Con tal conocimiento, que la suerte
No le puede ocultar sus direcciones.

El que siempre el acuático ganado
Conduce a la cerúlea, bella Doris,
El que mueve en el silbo que desata
Los Focas, las Nereidas, los Tritones.

El que en varios objetos desmentido
Por el inmenso piélago discorre,

⁶⁹ Sic.

Tengo de consultar, por si son ciertas
Las mentes, que el discurso me propone.

Dijo; cuando en ligero, airoso vuelo
Al dragón de cristal sus ansias corren,
Con tan volante impulso, que no deja
Viso, que del camino nos informe.

Los caballos que el monstruo cristalino
Vieron enfurecer con el desorden
De horror tan espumoso, retroceden
Rebeldes a la seña de las voces.

Pero la diestra Diosa disparando
Del vibrado instrumento airados golpes,
Con repetidos rasgos purpurea
La remendada piel de los Frisones.

Del áspero castigo violentados
Fogosos surcan la campaña indócil;
Formando nuevo Mar en las espumas,
Que incita la pasión de sus ardores.

Mas templados del húmido elemento
La soberana auriga los dispone
A que, con movimiento sosegado,
La soberbia del Mar sus plantas corten.

Apenas la espumante sierpe tuvo
En su centro el variable, excelso móvil,
Que en tasadas estancias le dirige
El aliento de sus alteraciones.

[109]

Cuando con reverente aplauso intenta
Que en bonanza apacible se transforme
Cuanto había imitado a sus cristales
El rapto de los brutos voladores.

Así fue; y el sosiego con las alas,
Y el clarín de la Fama, el ceno rompe
De todo el vago giro que los Mares
En los fluidos ámbitos reconden⁷⁰.

Al sonido del pífaro, Neptuno
Sacó la frente indómita; turbóse
Del concurso Marino, y viendo el Numen,
Su nativa inconstancia, puso inmóvil.

De la mano le lleva, y penetrando
La profunda voragen de su corte,
Le encamina al palacio transparente
Con la sacra asistencia de sus Dioses.

A su fachada llegan; decendiendo
Por regios, ordenados escalones,
Del pórtico el parástade brillante
Soberbiamente el conclave recoge.

De sólidos cristales fabricada
Era la no vulgar, cándida mole,
Donde el cincel científico describe
El más alto primor de sus renglones.

⁷⁰ Sic.

La elevada materia producida
Del rebelde diamante se vio dócil
A cuantas sutilezas intentaba
La mano con las doctas persuasiones.

A ingenio más profundo, más divino,
Que Fidias, que Vitrubio, y Tesífonte,
La fábrica debieron las columnas,
Los pórticos, las cuadras, los salones.

Colgado se vio, no cuanto
La China guarda, y el Potosí esconde
Si de paños incógnitos, tejidos
De la misma materia de sus orles.

No la vista su esencia distinguía,
Pero lo que enseñaban sus colores
Era un repetido movimiento
De verdes, ondeados camalotes.

[110]

Los filetes de plata parecían
De la que a indigno afán incita al hombre
No, mas sí de aquella, que deciente
De las rústicas cumbres de los montes.

Al fin el regio cuarto ya se ocupa
De espíritus marítimos adonde
Se vio llena a la máquina sublime
La misma admiración de admiraciones.

La estructura inmortal fortificaban
De agigantados bultos cuatro torres,
Que alguna vez sus puntas impidieron

El camino a los troncos voladores.

De aquí todo el rotundo inmenso lago
A la ligera vista se propone,
Mirando se la cuna, el monumento,
Donde aparece el Sol, donde se esconde.

Allí dijo el pincel milagros tantos
Con cerúleos finísimos colores,
Que el artífice mismo, que los parte,
Si los mira otra vez los desconoce.

El certamen, por quien de sacra oliva
Tuvo Atenas la dicha de su nombre,
En la frente se admira, a que Neptuno
Aun de su propio estrago se blasone.

Los dos nautas infaustos, que surcaron
Los Mares por divinas direcciones,
Cuyo triste suceso añadir pudo
Del Ponto a las corrientes nuevas voces

Aquellos dos amantes, que transforma
De una Deidad celosa las pasiones
En ruidosos peñascos, que las velas
Con temeroso horror de lejos oyen

Al triunfo naval, en que rendido
El Arábigo indigno cuello torpe
Sometió la soberbia rebeldía
Del Austríaco invicto a los pendones.

Al fin el Lusitano, que inquiriendo

Del Alva los nativos horizontes,
A Mares nunca de antes navegados
El freno imprime la coyunda impone.

[111]

Allí todo se anima; y tan valiente,
Tan propio, natural, y tan conforme
Que en la Naturaleza solo busca
Que conduzca a su ser respiraciones.

Sudan a la fatiga de la llama
De la masa aromáticos humores,
No de Arabia, de aquella que vomita,
La que impera animados galeones.

Al compás de los músicos acentos
Suben en dulce consonancia acorde
Las que Ulises burló, venciendo el canto
Con el astuto afán de sus prisiones.

Las sillas, en variable primavera,
La matizada fábrica componen
De aljófares, de perlas, de corales,
Con el arte de iguales invenciones.

Mirase un trono en alta perspectiva
De materia tan nueva, que se esconde
A los ojos de aguda inteligencia
Por más que de sus íntimos se informen.

Tan puro, y tan constante que podía
Resistir al martillo de los Bronces,
Mas la elocuencia de escultor insigne
Persuadió sus rebeldes exenciones.

Con dibujo tan raro, con tan finos
Relieves, que la instancia de los golpes
 Vencer pudo en solícita porfía
Sus fuertes, naturales condiciones.

 Aquí Neptuno guía de la Diosa
El sacro movimiento, porque goce
 El digno privilegio, y sus luceros
En la debida estancia se coloquen.

Después de entronizados cuantos tienen
 La sangre de cerúlea, sacra prole
 Sus asientos ocupan, según piden
Sus propias diferentes distinciones.

Y viendo el presidente de los Mares
Puesto todo en sosiego, todo en orden,
 Con rumor imperioso así diciendo
 El respectado aliento de sus voces

[112]

 Planeta vario, Numen inconstante,
Resplandeciente antorcha de la noche:
 Al fin cuñada, al fin sobrina mía,
 Esposa de Plutón, hija de Jove.

Que no esperado lance te ha movido
 A bajar desos ejes superiores
 A parte que más siente tu mudanza
Que el Imperio de recios Aquillones?

 Que novedad es ésta? que supuesto
 Que el Agua por su Reina te corone
Por miedo, no por ansia, mal reprime

Lo espumante de sus respiraciones?

Dime que buscas en el Mar profundo?
Que por el lago Estigio, a quien impone
Yugo eterno el horrible Escafídeo,
Que rige el tosco pino de Caronte

Que en lisonja del sacro pensamiento
Objeto no ha de haber, que no convoque,
Porque al sublime intento, que te mueve
Fomente las dichas conclusiones.

Neptuno soberano, a decir iba
El ya risueño Numen, cuando el golpe
De la nerviosa mano de Proteo
A sus acentos puso suspensiones.

Yo solo que del tiempo, o Diosa invicta,
No hay incógnita senda que equivoque
Mi ingeniosa, sutil inteligencia,
Tengo de publicar tus pretensiones.

Del recóndito arcano del futuro
Pende tu causa: tu Deidad perdone
Si impido tu elocuencia: sea disculpa
El desatar tus dubias confusiones.

Ya sé que quien te incita es ver la dicha
Que al alumno que esperan los señores
De Arcos, Maqueda, y Elche, inspira el Hado
En sus primeros tiernos arreboles.

Todo lo he comprendido: escucha atenta;

Y vosotros, o Dioses, los favores
Me prestad del silencio, en cuanto el labio
Las cumbres del secreto desmorone.

[113]

Callaron todos: y no hubo aliento
Que de inquieto rumor la raya toque,
Y hasta el mismo Océano reprime
El estruendo fatal de sus clangores.

Viendo el docto Proteo dirigidas
Al aire de su voz las atenciones,
Desta suerte las mágicas ideas
Soberbio exprime, soberano expone

Dará, o heroica Diva, el alto Cielo
Dará, o dicha! a tus expectativas
El logro más felice que se ha dado
A la dubia esperanza de los hombres.

Toda la excelsa máquina previene
A individuo tan raro las mayores
Fatídicas venturas, que los Astros
En sus arcanos lúcidos recogen.

Saldrá por fin al grande circo umbroso
Del sólido elemento el rayo noble,
Que el oculto deseo de sus grandes
En festivos ansias desemboque

No robusto esplendor, dulce lucero
De matutina estrella se dispone
A buscar el camino, que ha olvidado
El séquito gentil de los varones.

No el Hado ha de poner en sus esferas,
Menos fuerte la luz, de sus ardores,
Pues del sexo las flacas propiedades
Mudará en varoniles condiciones.

No habrá Numen que habite el elevado,
El que las nubes vence altivo monte,
Que excelsos atributos no le renda,
Que sacros privilegios no le prostre.

Palas su lanza ofrece, y el escudo
Cuyas feas Tesálicas visiones
Hicieron tosca cumbre al que sustenta
Todo el inmenso peso de los Mobles.

Venus el pomo entrega sazonado
De envidiosos estímulos discordes
Que aun después calentaran las cenizas
De fatales, Dardanios Iliones.

[114]

El mensajero Dios sujeta el cetro,
Donde manda Morfeo que se enrosquen
Los Áspides malignos con que infunde
El silencio mortal de los sopores.

Jove rinde el ignífero manojo,
Baco su Tirso da, Juno sus dones,
Ceres sus frutos, Flora sus jardines,
Febo su resplandor, Marte su estoque.

Hasta Vulcano en Lipari enmudece
Las disonantes, férreas expresiones,
Sometiendo el metal que han humillado

Los templados martillos de los Bronces.

Y tu padre Océano le fabricas,
En muestra de rendidas oblaciones,
Magnífico laurel, de cuanto afeita
La cerúlea guirnalda de tus frondes.

Llamarseá al espléndido prodigio
Teresa, porque es tan sagrado nombre⁷¹,
Que no solo es indicio de venturas,
Mas gloria de paternas devociones

Dijo: mas cual el bronce, que se oprime
De excelsas, fuertes, consagradas torres,
Que después de acabar el armonía
Deja un mudo rumor de sus rumores

Así por el marítimo concurso
Un ruido sutil se advierte entonces,
Contentos del influjo, que respiran
Las brillantes celestes direcciones.

La Hermana del Delos, no cabiendo
En sus mismos alegres arreboles,
Toda bañada en risa se despide,
Y ocupa luego el trono de su coche.

Echando por el vasto Mar profundo
Los nocturnos alígeros Etontes
En un instante quiebra los peñascos
De tanto inchado Cáucaso salobre.

⁷¹ No original apresenta-se rasura, com acresceto em tinta ocre: “Llamarsea al espléndido prodigio / Teresa, ~~de Jesus~~: porque es tan sagrado nombre”. A correção foi assumida no impresso.

Llega a la amada Tierra, y sus Deidades
Imprimiendo en la playa los veloces
Montaraces coturnos, la consagran
Las rústicas diademas de los montes.

[115]

Allí está su precepto obedecido
En telas, yerbas, tálamo, olores
Que la industria, y el arte ha dibujado
Por todo el ancho límite del orbe.

Conducen la recámara soberbia
Fieros de la montaña habitadores,
Espines, cinocéfalos, venados,
Tigres, osos, Mastines, y Leones.

Las cargas cubren sacros reposteros
Dádiva ilustre, soberano dote
Del Máximo Existente, a las victorias
De los Lusos armígeros pendones

Las barras de Aragón están ciñendo
El que las selvas por su Rey conocen
Y en el partido escudo dan señales
Del epígrafe altivo del renombre.

Marcha en fin la sagrada comitiva
Al augusto palacio, con los dones
Del invisible ser, que ha producido
La tía del osado Faetonte.

A sus umbrales llegan; y midiendo
Los siempre respetados escalones

Entraron a la estancia, donde penden
Las faustas esperanzas de la corte.

El riquísimo tálamo levantan
Las diligentes Ninfas: admiróse
Todo el bello concurso, al ver compuesta
La fábrica admirable de su mole.
Las auríferas telas que han orlado
Con pedazos de luz, de los faroles
De las estrellas fijas, ya se cuelgan
De los altos dorados artesones.

Sus pinturas son voces, que publican
Lozanas juventudes de los Dioses:
Es preciso callarlas la modestia
Por no dar al delito adoraciones.

La cuna que del cielo ha desechado
De la esposa de Jove envidia torpe
De infecunda cruel naturaleza,
Reduce todo el cuarto a resplandores.

[116]

Los tapices, y alfombras fabricadas
Del Abril a las finas producciones
Lisonjean las plantas, siendo eterna
La vida sincopal de sus colores.

Altivo propugnáculo en la frente
Del sitio soberano, se dispone,
Adonde con geométrica elegancia
Divinas medicinas se componen.

Exhalanse suavísimos perfumes

Ya reformado el ser de sus vapores,
Con tan benigno temple, que su aliento
A todas calidades corresponde.

Fiera, temida guardia es que defiende
Las puertas claraboyas, y balcones,
Repartida en la bruta horrenda escuadra
De los rudos espíritus feroces.

Principio tuvo al fin aquel instante,
En que produjo todas las acciones
El feto natural de haber querido
Ver del día los claros arreboles.

Solo se supo aquí que la Heroína
De mortal algo tuvo, las atroces
Violencias lo enseñaron, de la humana
Heredada pensión de los dolores.

El martirio fue mudo, no dio señas
Del eco más distinto, sufocóse
En el pecho el rumor, y no lo oyeron
De las mejillas las purpureas flores.

Con inflexibles ansias las Deidades,
Lleno todo el afecto de atenciones,
Con los mixtos, que Apolo ha fabricado
El uterino espíritu socorren.

A la dulce eficacia del remedio
A luz salió la forma: desplegóse
El más gallardo objeto, que ha movido
El rapto secundario de los orbes.

Las Ninfas le colocan en los brazos
Derramando en sus labios las porciones
De Néctares, y Ambrosía, reservadas
Solo a olímpicos sacros moradores.

[117]

Dado el primer sustento le entronizan
De la cuna en los áureos pabellones,
Donde al sueño provocan blandamente
Los arrullos de músicas acordes.

A la divina madre el bello coro
Al mismo instante la salud dispone,
Porque las contingencias del futuro
Sus furias rindan, sus enojos prostren.

Dormido el tierno alumno, y moderados
De los maternos claustros los humores,
Dando glorioso fin al natalicio,
Buscan las Deidades sus mansiones.

Remontóse la Diosa a aquel asiento
Más cercano del Fuego: y las veloces
Venatorias sandalias fatigaron
La robusta aspereza de los bosques.

Chorava Alexandre com a notícia, que lhe deu Anaxarco, de que havia mais
Mundos por descobrir.

Romance hendecassílabo.

Se é que ao pranto produz o sentimento,
Como lágrimas tantas verte agora
Uma alma, tão alheia das desgraças,
Que domina o arbítrio das vitórias?

Se é que o clangor horrísono de Marte
Os impulsos da lástima sufoca
Como o mesmo soberbo Antagonista
Se entenece entre as vozes de Belona?

Se só de raio foi seu movimento
Pela pressa cruel, com que devora,
Como se pode perceber no raio
Menos fatal incêndio, que o de Troia?

[118]

Choras enfim; e não bastando, ó grande,
A fazer-te chorar quantas derrotas
Executou o impulso de teu braço,
O faz uma notícia mentirosa.

Se Anaxarco mais Mundos imagina
Tão fantástica ideia que te importa?
Basta que quer até do imaginado
Chegar a dextra a ser dominadora?

Mais lábio que triunfo só podia
Produzir esta ação; que ideia louca
É o intentar fazer a inteligência
De aéreas Monarquias possuidora.

Loucura, pois, parece, ó Alexandre,
Por mais que a doure a gala da lisonja:
Pois nunca alcançará o fingimento
Que da ambição o aplauso se componha.

Erras o modo à hidrópica apetência
Se desejas a máquina redonda
Da terra universal; não a suspires,
Pois o que mais se quer, menos se logra.

Despreza aqueles Mundos que apeteces
Serás Rei deles; pois menos senhora
É a vontade do objeto que lhe falta,
Que daquela riqueza, que lhe sobra.

Mas se hás sido tão filho da Fortuna
Que vences quanto queres, quem ignora
Que quando explica o pranto o teu desejo
Que estás também vencendo, quando choras?

Mas ó dita fatal! pois sendo o pranto
Quem a ambição mais claramente mostra,
Tens sido tão feliz, que os mesmos cultos
Alcançam os teus vícios, que as tuas glórias.

Julga pois por quimera a fantasia
Do sábio adulator; que é fabulosa
Ideia, o ver que chega o teu desejo
Onde não tem chegado as tuas obras.

Acaba de a aprovar por impossível:

Não há Mundos, se a ti não se ajoelham⁷²:

A negação do culto, que te devem
É o indício maior que os desabona.

[119]

Mas ó augusta ação, e sempre digna
De gravar-se nas rubricas da história:
Por não tirar o crédito à ciência
Confessa o pranto o que a razão reprova.

Restitua-se, pois, à tua fama
A honra, que a ficção ambiciosa
Lhe tinha escurecido, porque a mente
De não ser sempre o magno é paradoxo.

Magno, e augusto sempre hás parecido,
Chores, ou venças; que o chorar por outras
Monarquias há sido ilustre afeto
De as honrar com a espada vencedora.

Foi nobre sentimento de haver Mundos
Tão infaustos que a fama se lhe esconda
De quem é Alexandre; e não poderem
Ter de seus feudatários a vanglória.

Foi lástima de ver que imaginadas
Houvesse ainda terras, tão remotas,
Que as tragasse o descuido para sempre,
Podendo renascerem na memória.

Mas console-se a magna heroicidade,
Que lhe dá este pranto tanta pompa,

⁷² Ajoelham.

Que inda mais fama tem quando as suspira,
Que as outras podem ter quando as despoja.

Mais é aquele heroico oceano,
Aonde o aplauso vai com vento em popa
Um pacífico mar, que as lisonjeia,
Que um pélogo alterado que as afoga.

Lá no templo sagrado do triunfo
Acabe a egrégia esplêndida derrota
E dos dourados capitéis pendentes
Fiquem eternamente aquelas gotas.

Para que a admiração se capacite
Se deve maior culto, maior honra
Que à fereza, em que o ardor se desabafa
À ternura, em que a dor se desafoga.

[120]

AS RIMAS

DE

FRANCISCO, DE PINA, DE MELO,

MOÇO FIDALGO

DA CASA DE SUA MAJESTADE.

TERCEIRA PARTE

Romance i

Aquela Ninfa robusta,
que a dura montanha oprime,
para estrago dos pastores,
para ruína dos Tigres.

Destes montes respeitada,
como em Grécia o fero Aquiles,
mais quando as luzes despede,
que quando os aços esgrime.

A que talando estes bosque
faz que o rasto justifique,
tanto o florido da planta
como o sanguento da lide.

A que desprezando a plebe,
por inútil, por humilde,
samente de ilustre sangue
a emplumada aljava tinge.

A que valente nas selvas
a um bravo Leão resiste,
a que de um Urso assanhado
os fortes membros divide.

A que de tanto triunfo
toda a fachada terrível
das nobres paredes veste,
das gravadas armas cinge

O Nume destes contornos
enfim, a divina Lise;
já dos montes se despede,
já do exercício desiste.

Amava a um pastor a Ninfa
de pensamentos sublimes
mais robusto do que Adónis,
menos fero do que Alcides.

Era estorvo de seus cultos
torpe laço; onde se aflige
a vontade, inda que as aras
do coração não domine.

[123]

Nessa parte, pois, excelsa,
onde permanecem livres
os foros da liberdade,
a cópia do amado imprime

Abre o buril do silêncio
a imagem, cujos matizes
não há luz que os manifeste,
nem há rumor que os publique.

Por enveja, ou por infâmia
a sorte foi quem o disse,
que aonde a desgraça mora
faz que inda um silêncio grite.

Dizem, pois, que a Ninfa bela
se ausenta, porque se risquem
de tão vários pensamentos

as murmuradas origens.
Ansiada vai, e chorosa
deve de ter quem a obrigue:
ah beleza desgraçada,
só por fermosa, infelize!

O pastor que a ausência sabe
sobe a um monte, aonde fique
em parte que possa vê-la,
se tanto se lhe permite.

Vendo está que a bela ausente
cada vez mais se divide,
e entre confusos verdores
apenas já se distingue.

Pondo nela a longa vista
pretende saudoso, e triste
que o coração por seus olhos
em pedaços se distile.

Entre um golfo de soluços
estas vozes d'alma exprime,
que se ela as não alcançasse
o Céu contudo as ouvisse.

Vai em paz, ó Ninfa pura
hoje o Céu teus passos guie,
onde Calipso te gozes,
sem as astúcias de Ulisses.

[124]

Não vás só, acompanhada
vás de uma alma, que te assiste;

pois bem que a vista te perca,
sempre a memória te finge

De uma alma que o mar da ausência
surcará sempre inflexível,
por mais que as ânsias o empolem,
por mais que as penas o inchem.

Por mais que assopre a desgraça,
por mais que o naufrágio incite
os parcéis da saudade,
e do esquecimento as sirtes

Verás enfim no baixel
de meu peito sempre firme,
entre as Cilas o velame,
os mastos⁷³ entre as Caríbdis.

Com este nobre seguro
a planta infeliz caminhe,
e não só com este, mas
com outro mais impossível.

Com o de nunca esquecer-me,
por mais que o Fado destine
que não há no esquecimento
quem não se afogue, ou perigue.

Eterna há de ser a chama,
bem que o sono o ópio anime
contra os Argos da memória,

⁷³ mastros

dos afetos contra os Linces.
Bem que o tremendo letargo
o pensamento enfeitice
ao triste horror de Medeia,
ao torpe encanto de Circe.

Inda quando a Morte aponte
no arco a seta, e que a atire,
com cujo frechado rasgo
a pompa vital ferisse.

Inda então altiva a imagem
ficará, pois não permitem
das almas os privilégios
que da Parca se conquistem.

[125]

Extinta a fábrica humana,
forma tomará de cisne
que nestas águas vadie⁷⁴
que por esses campos gire.

A borda daquele rio
que espelho foi, e ouvinte,
tanto de amantes cuidados,
como de airosos melindres.

Ali junto àquelas margens,
onde o Zéfiro se aplique,
quando mais suave assopre,
quando mais terno respire.

⁷⁴ Original: vadee.

Andarei em companhia
daquelas Ninfas, que pinte
no branco quadro das águas
o azul pincel de Anfitrite.

Cantarei com elas tonos,
que a mágoa interna me inspire;
serão trágicas histórias,
não serão palmas insignes.

Até que o contínuo pranto,
transformado em fonte, assine
ao rio maiores termos,
aos campos mais largos diques.

E na cristalina estampa
culto letreiro, que explique
todo este triste sucesso
porão as sagradas virgens.

E por remate da letra
estas regras: Aqui vive
uma voz, que sempre, sempre
clamará, ó Lise, ó Lise.

Lucinda, aquele prodígio,
 que tem já por divindade
 os monteiros destas selvas,
 os pastores destes vales.

[126]

Aquele inaudito assombro
 que unir altamente sabe
 os rigores, e as doçuras
 em seu divino semblante.

A que vibrando os luzeiros
 de dous arcos formidáveis
 principia em seta irosa,
 acaba em raio suave;

Esta, pois, sagrada Ninfa
 desde aonde fonte nace
 até onde rio morre
 Mondego adora Deidade

Com hidrópica assistência
 continuam seus altares
 as damas, sem presunção,
 sem alvedrio os galanes

Uns, e outros corresponde,
 distinguindo as qualidades,
 às pastoras como Juno,
 aos pastores como Dafne.

Porém Fido que as ofertas

do culto, não só reparte
nas aras, mas em seu peito
adora mais fino a imagem

Mais o holocausto frequenta,
mas tão mudamente arde
que nem o fogo tem línguas,
nem o fumo densidades.

Por largo tempo o serviço
fez no bronze, fez no jaspe
que a uma vista cuidadosa
falassem olhos afáveis.

Seguiu-se abrirem-se logo
os tesouros singulares,
que entre cofres de rubis,
tem dous fios de diamantes.

Lá do riquíssimo centro
risonha a esperança sai,
que com alegre descuido
anima o peito cobarde.

[126]

Enfim mais compadecida
a luz, desde aquele instante
deixa ver-se nos passeios,
deixa seguir-se nos bailes.

Neste silencioso culto
dando já iam alcance
esperanças de uma aurora
a favores de uma tarde.

Festas, pois, de um fausto dia,
onde em soberbo combate
a unha, e boca das feras
cava a terra, atroa os ares

Trouxe a Ninfa ao campo, e logo
flores, e troncos lhe fazem
alcatifas dos matizes,
e sobrecéus das folhagens.

Pelo rasto se conhece,
pois bem que o coturno agrave
as flores, no mesmo tempo
com maior pompa renacem.

O pastor a vai seguindo,
e suposto que se cale,
mudo grita, que igualmente
geme o rosto, o peito late.

Entende-lhe a Ninfa as vozes,
porque para Amor é fácil,
como espírito, o saber,
por conceitos explicar-se.

Da mesma sorte responde,
mas nada disto lhe vale,
que Amor é raio, e não fere
antes que o trovão estale.

Desde então a vil malícia
preparou o dente infame
contra o simulado culto;

filha, enfim, da ociosidade.

Muito o tem sentido a Ninfa,
porém em Fido é tão grande
o pesar, que de contínuo
mil loucuras o combatem.

[127]

Mil pensamentos o incitam
já de um monte a despenhar-se
já cevar no coração
uma víbora, ou um Áspide.

Mas vendo a Ninfa que a fama
de seus antigos solares
anda entre as vozes ardentes
da detração, e do ultraje

Para os bosques se retira,
aonde briosa lance,
no silêncio dos penedos
os rumores da cidade.

Triste vive, mas segura
de que nunca a infâmia lavre
no torpe ronco das feras,
no doce canto das aves.

A ausência o pastor suspira,
pois receia que levante
a distância nos afetos
a comua⁷⁵ tempestade.

⁷⁵ Feminino antigo de “comum”.

Suspira ao ver que seriam
planta, cujo verde esmalte
raio, vibrado de nuvem
fez macilento cadáver.

Enfim saudoso procura
ir aos bosques, mas debalde:
nunca tanto como agora
viu deserta a soledade.

Descontente volta, e logo
desesperado se parte
para aquele antigo berço
de seus bens, e de seus males.

Triste, afligido, confuso
procura, em tantos pesares,
do suavíssimo Mondego
cursar as cândidas margens.

Porque entre as suas ribeiras
fazendo perpétuo alarde
de seus saudosos suspiros,
tristissimamente acabe.

[128]

Antes, pois que pelas ondas
o ardente espírito exale,
em um tronco ali vizinho,
estas tristes letras abre:

Não morreu: Aqui existe
vestida em rústico traje
uma fé, que nesta areia

sempre estará perdurável.

Agora pede que nunca
de ousada planta se agrave:

Não a profane; se leres
Chora, passageiro, e vai-te.

São suspiros, não são vozes
estes que o plectro articula,
pois nas cláusulas, que anima,
não canta, só geme a Musa.

Suspirando, pois, me atenda
aquela, que a origem sua
mamar nas feras devia
das montanhas de Ampelusa.

Ouçã meus justos gemidos
que rompendo as prisões mudas
de meu peito, hoje pretendem
enternecer estas grutas.

Não tenhais, pois, ó penhascos,
agora as orelhas surdas;
pois as lástimas de um triste
inda um penhasco as escuta.

De que eu fui ditoso são
vossas quebras testemunhas,
e é bem que saiba as desgraças
quem tanto soube as venturas.

Por vossa marmórea esfera
bem sabeis que vezes muitas
cursei com aquela ingrata
vida, e morte das criaturas.

[129]

Com ela a casta Deidade
seguia na mata inculta,
como Ninfa delicada

não, como virgem robusta

Quantas vezes fera humilde
parava a volante fuga,
mais ambiciosa das iras,
que temerosa das fúrias?

Quantas vezes dessangrada
na relva caiu defunta,
mais da fulminante vista
do que inda da frecha aguda?

Quantas vezes esses troncos
dos bosques foram tribuna,
onde o horror despojos tantos
ou coloca, ou dependura?

Quantas vezes; ai memória
para que tanto debuxas
esta dita em teus cadernos
se matas, quando a divulgas?

Porém que importa, apareça,
porque quando se descubra,
na tristeza distilados
os alentos se consumam.

Quantas vezes, pois, da calma
para as abóbadas curvas
dos montes nos retiramos
fatigados da espessura?
Mas quantas tálamo foram
é glória que inda que nunca

se revele nestas penhas,
nestas fontes se murmura.

Quantas sequiosos fomos
onde de Neptuno a fúria
pelas bocas de uma rocha
está soluçando escumas?

Quantas vezes transformado
no que converteu Medusa
em monte, tive nos ombros
a celeste arquitetura?

[130]

Quantas vezes de Morfeu
na ideia a imagem difusa
a seu divino semblante
meu peito serviu de urna?

Quantas disse: acorda ó Ninfa,
que parece ação injusta
que duas almas te animem,
e que inda estejas defunta?

Acorda que é cousa indigna
que o sono as potências cubra:
não é bem quem tanto mata
que com tal sossego durma.

Nada esquece; vivamente
tudo na memória dura,
para que o estrondo das ditas
faça apurar as angústias.

Tudo em ar ficou desfeito,
e menos ligeiro o cruza
raio, que com ígneas asas
desata a celeste cúria.

Enfim já fugiu o Nume
destes bosques, já se oculta
aonde nem inda a ideia
o encontra nas conjeturas.

Se é que crédito se deve
ao que impiamente divulga
um rude Fauno, este afirma
que a cinge torpe clausura.

Esta dor jamais a ideia
calará; pois mal se enxuga,
entre os campos da memória,
a corrente das injúrias.

E a mim ninguém me verá,
por mais que as lágrimas pulam,
ser já vagabundo Alfeu
de outra encoberta Aretusa

Aqui se suspenda o passo;
porque o coração procura
para apagar as finezas
entorpecer as astúcias.

[131]

Arranque, arranque das asas
o cego Amor, uma pluma
com que esta tragédia escreva

para as idades futuras.

O papel será meu peito,
onde a duração construa
melhor que em jaspes brunidos,
ou em marmóreas colunas,

E onde leia o caminhante
avisos, para que nunca
de vulgares persistências
nobres durações presuma

Ó tu, pois, qualquer, que fores,
que vago a cidade buscas,
se acaso nela encontrares
ou engano, ou fermosura

Para horror do que nas almas
sempre tirana executa,
antes que passes avante
estas árvores consulta.

Pois a história mais infausta
hás de encontrar, que a profunda
mortal tristeza, até'gora
consagrou à desventura.

E tal que jamais os tempos
verão outra, em quanto luza
Apolo em berço dourado,
ou morra em cândida tumba.

Agora que o Fado injusto
tem já firmado a sentença
que se castigue o cuidado
no patíbulo da ausência.

Agora que tem erguido
com plataforma soberba
a despedida o teatro
de tão infausta tragédia

[132]

Agora que por instantes
já timidamente espera
a notícia do suplício
entre os cárceres da queixa

Agora que entre confusas
espécies, o ponto chega
de apartar-se, cuja imagem
tem a constância suspensa

Agora que já se mostra
de imaginações coberta,
pregando arrependimentos
as instâncias da tristeza

Agora, enfim, que do golpe
se vê pendente a cabeça,
sem que possa a saudade
fazer-lhe já resistência.

Deixe-se também a um triste,

já que a doce pátria deixa,
que por ser o último alívio,
dos Penates se despeça.

Pátrios Deuses, doces lares
eu me vou; e não se ofenda
o benigno altar, na falta
da pura, cómica oferta.

Secreto lume de oculta,
infausta, maligna estrela
talvez a inimigos ares
me influi, arrebatada, e leva.

Ficai em paz; e pois vistes
que foi virgem sempre a cera
que arde em vossas aras, nunca
permitais que outra se acenda.

Ficai; inda que eu nas cargas
Acomodar-vos quisera
mas nada tenho vazio,
tudo está cheio de penas.

Muito deveis ao Troiano;
mas é em mim qualquer delas,
inda que não leve a Anquises,
mais pesada que a de Eneias.

[133]

Ficai-vos também embora,
ó campos, de cuja esfera,
é que o cornífero vaso
enche a fecunda Amalteia.

Se quereis que vossa imagem
sempre na memória tenha,
daqui sede a quanto vistes
calada estátua de pedra;

Perpétuo silêncio cubra
aquele amoroso emblema,
que só nos cadernos d'alma
tem debuxado a fineza.

Se talvez curioso o vento
subir pela tarde fresca
a inquirir alguns indícios
pelos ramos da floresta

Estai mudos sempre, ó campos,
porque nunca se perceba
nem aquela voz, que exprime
a tosca frase das selvas.

Tende sempre na lembrança,
sagrados campos, aquela
soberana estância, tanto
venturosa, como amena.

Onde triunfante cupido
largando o carcás, e as frechas
teve nas mãos (ai memória!)
a tocha nupcial acesa.

Este venerado sítio
permiti, ó vós, que tenha,
de vossos floridos Manes

sempiterna reverência.

Permiti vós que jamais
bruta planta se lhe atreva,
nem imunda boca paste
daquela ditosa relva.

Adeus também cristalinas,
sonoras fontes, não tema
vosso murmúrio, que eu nunca
de vossas águas me esqueça.

[134]

E em paga deste serviço
se acaso uma cópia bela
nesse espelho vagabundo
inda hoje reverbera

Apagai, apagai logo
essa fluida quimera,
para que nunca se saiba
quem fui eu, e quem foi ela

Nem indício desta história
por breve instante se veja
em caderno tão caduco,
em estampa tão ligeira.

E tu rio, que me deste
já tão benigna influência
que blasoniei de ser cisne
de tua cândida veia

Tu que já puseste o canto,

tão feliz, como o de Tebas,
pois pode parar as águas,
pois pode mover as penhas

Fica em paz, e este do Elísio
rasgo, debuxo, ou ideia,
por aquedutos de prata
molha, fertiliza, e rega

Nunca lhe negues o influxo,
porque seu contorno esteja,
inda apesar dos outonos
em contínua primavera.

E vós Ninfas dessas águas,
vós sacrossantas Nereidas,
que sobre as mansas escumas
tangendo estais as avenas

Peço-vos que a toda a parte
onde o vosso mando chega,
que desta infausta partida
jamais se componha letra.

Inda que ausente algum Foca,
de vos, ó Ninfas, pretenda
no seu caracol frutado
ruidosamente tangê-la

[135]

Tapai, tapai os ouvidos,
e os do rio a toda a pressa
cobri; porque nunca o ouçam
as águas, mais as areias

Enfim ficai advertidas,
que esta dor, este mal, esta
ímpia ausência, em vossos campos
nem se diga, nem se escreva.

E tu fementida, ingrata,
não em paz, mas já que a guerra
dos sentidos me publicas,
fica eternamente nela

Fica; que eu já desamparo
de todo o campo, aí te deixa
este estrago de despojos
a roxa campanha cheia

Aí te ficam memórias,
suspiros, mágoas, endechas,
lágrimas; enfim do Amor
o arco, o carcás, e as setas.

Esta bárbara vitória
fugindo de ti me leva
a quem de tanta crueldade,
ou me ampare, ou me defenda

Ó tirana, roubadora
das almas, e das potências,
imaginas que as venturas
tomam o ser das firmezas?

Não entendes que o destino,
que as leis do Fado governa,
todas as felicidades

fabrica das contingências?

Cuidas que tantos rigores
farão imortal a empresa?
para esfinges não há lanças?
não há redes para feras?

Pois porque tanto blasonas?
receia, ingrata, receia
que em um instante se mude,
em triste, a gloriosa cena.

[136]

Mas que digo? a que delírio
a ideia infeliz se entrega?
se abstraída do discurso
vai desatando indecências?

Ó Ninfa, a mais soberana
destes campos, tão imensa
é a magoa de deixar-te,
que rompe nestas blasfêmias.

Nada do que eu disse altere
na motora onipotência
chama fatal, que de cima
progresso infeliz decenda.

Ponha nos vitais cadernos
o Fado, com pluma eterna,
teus acasos, onde nunca
sucesso infausto se leia.

Bem restituída seja
 outra vez a seu repouso
 a Deidade destes campos,
 a Ninfa destes contornos.

Em hora venha
 a alegrar o campo todo
 quem faz florescer o Maio,
 quem faz produzir o Agosto.

Deponha o triste semblante
 aquele pálido assombro,
 que julgou que já não via
 o resplendor de seus olhos.

Nem sempre foge quem parte
 aparta-se o Sol, mas logo
 busca o conhecido Oriente,
 deixando o Antípode ignoto.

Nem sempre a ausência divide,
 deixa a vide o amado choupo,
 mas logo outra vez se enlaça
 no renascido pimpolho

[137]

Até quando irado despe
 no inverno o áspero Noto,
 outra vez na primavera
 enfeita o brando Favónio

Alegre-se, pois, dos campos

a esmeralda, a prata, o ouro,
e ao som suave do vento
bailem os ramos viçosos.

O pranto as fontes suspendam;
pois seu riso está dispondo
melhor astro que o de Vénus,
melhor raio que o de Apolo.

Parabéns se dem as selvas,
pois já seu divino rosto
vem mudando em áureo estio
inda o mais sombrio outono.

Enfim celebrem os campos
o ver que seu pelo undoso
não só⁷⁶ lhe matiza as aves,
porem lhe ilumina os goivos.

Mas de tão grande alegria
seja Fido digno estorvo
pois foi para ele mudável
sendo firme para todos.

Perjura, enfim, que ofendendo
de Amor o mais alto trono
rompeu o culto sagrado
de tão repetidos votos.

Não pela dor do desprezo,
sim dos altares zeloso

⁷⁶ Acrescentado no manuscrito, assumido no impresso.

quer Fido que a Ninfa deixe
a autoridade do sólio.

Deidade tão inconstante
é indigna do decoro,
que a tribuna do respeito
não sofre a planta do opróbrio.

Nume não tenha este campo
mais que o que anda a esfera em torno,
por lhe dourar as espigas,
por lhe sazonar os pomos.

[138]

Confunda-se em seus distritos
esse reverente estrondo,
com que aquela fementida
fez seu templo majestoso.

Não se encontre, pois, nas selvas
voz, gemido, ou alboroto,
mais que os sussurros do rio,
mais que do vento os assopros.

E se alguma ave lasciva
romper o caos medroso,
não seja incentivo às almas,
seja ao letargo suborno.

Essas letras, que do culto
foram soberbo antilóquio,
gravadas pela montanha
em tantos cadernos toscos.

Risque o buril do segredo,
porque nem aquele abono
o desagravo da ofensa
deixa no papel dos troncos.

Enfim fique pendurado
deste salgueiro frondoso
aquele infausto instrumento,
que algum dia foi canoro.

E para sempre em seus ramos,
triste, envergonhado, e rouco
seja eterna testemunha
deste mísero destroço.

Até que dormente a selva
a seu canto preguiçoso,
no leito do esquecimento
se entregue a perpétuo sono.

Agora que a dor parece
 que os lassos membros divide,
 ou vivendo do que morre,
 ou morrendo do que vive

[139]

Agora que a vida infausta
 já parece que se extingue,
 entre o peito, como Fénis,
 entre os olhos, como cisne.

Permita também agora
 aquela adorada esfinge,
 que nestes montes me queixe,
 que nestes vales suspire.

Destimida⁷⁷ caçadora,
 que a lança pesada esgrimes,
 tanto, que a astúcia do Grego
 te julgara por Aquiles

De sorte as almas, e as feras
 segues, que não se distingue
 se andas à caça dos homens,
 se andas à caça dos Tigres.

Suspende a caça, que é tempo,
 não queiras que se fatigue,
 menos o monte do dardo,
 que da infâmia que te cinge.

⁷⁷ Destemida

Não te atrevas mais à selva,
onde a planta se permite,
não de lascivo Himineu,
mas sim de robusta virgem.

Receia que a casta Deusa
com razão se escandalize,
de que a seu sagrado bosque
manchado coturno oprime.

Basta o tempo, que hás gastado,
como a fera, em perseguir-me,
tanto nas campinas rasas,
como nas serras sublimes.

De modo que destes montes
todos os pastores dizem
fui nos vales, fui nas penhas,
de teus raios sempre Lince,

Ninfa; pendure-se o dardo,
e nunca mais se exercite,
senão à própria Diana
hei de pedir que me vingue.

[140]

Os exemplos tens em Prócris,
pois não devem eximir-se,
de castigos soberanos
desordenados melindres.

Mas se, ó Ninfa, sollicitas
que o bosque do horror se digne,

seguindo outra vez a parte,
que do estrago fica a um triste

Faze a esse adusto tronco
o mesmo que faz a vide,
quando falsamente abraça
a tosca planta de Alcides.

Que de outra sorte, por mais
que as chamas no peito gritem,
nem comigo hás de ser Deusa,
nem contigo hei de ser firme.

Digam lágrimas ardentes
as ânsias, que o peito esconde;
que para explicar afetos
só tem as lágrimas vozes.

Rasguem mudamente tristes
d'alma escondidos ardores,
porque feitos em pedaços
sair de dentro só podem.

Saiam; inda que a corrente
fez a causa, tão disforme
que começa em doce pranto,
e acaba em triste desordem.

Saiam; de intérpretes mudos
em tanto estrago blasonem,
e do assunto, que em meu peito
pesado silêncio encobre.

Gotas distilam as chamas
julgue, pois chamas aonde
se vir que em curso perene
distiladas gotas correm.

[141]

Julgue-as n'Alma; já que o fogo
é tão impiamente nobre
que só as línguas oculta,
que só as lágrimas rompe.

Ó fera, ingrata, homicida

das cidades e dos bosques,
já na vista fulminante,
já no acicatado estoque

Cujo estrago testemunham,
pelas ameias das torres,
tantas vontades pendentes,
como carrancas enormes

Tem piedade, porque em ti
divinamente se logrem
privilégios com que os Numes
só se distinguem dos homens.

Como é possível que sejas
tão constante, tão indócil
que te encontrem meus suspiros
dura pedra, rijo bronze?

Sonoro instrumento, o canto
já, por uma vez suspende,
que para uma alma tão triste,
não deves pulsar alegre.

Neste agigantado freixo
que a esfera do Ar excede,
por memória eterna, fica
pendurado para sempre.

Aí dirás minhas mágoas,
se algum dia fores nele,
lá pelos frescos da tarde
ferido do vento leve

Agora deixa que rompa
o silêncio, que ali pede
aquela avezinha triste,
que sobre esta faia geme.

[142]

Eu amei; tu bem o sabes
Deidade, mais excelente,
que a que fatigou nos bosques
plantas de ligeiras reses.

Que eu gozava também sabes,
entre contínuos deleites,
glórias, que só de apontá-las
a memória se estremece.

Assim correram três anos,

que os apressou de repente,
por enveja a tanta dita
toda a máquina celeste.

Até'qui é que tu sabes,
que eu to disse muitas vezes,
quando em tua melodia
passava as horas de ausente.

Porém o que tu ignoras
pretendo agora dizer-te,
e ser só tu quem o saibas
hás de chegar a dever-me.

Esta ingrata, enfim, mudou-se;
a voz de expressá-lo treme:
vê a obrar-se, o que seria,
se tanto custa o dizer-se?

Já com este exemplo a vide
os seus braços não estende
por mais que amantes os buscam
do choupo os ramos corteses.

Em tronco rudo se enlaça,
e ao primeiro amor rebelde
celebrou epitalâmio
com verdinegro cipreste.

Gostosa viveu uns dias,
esquecida já daquele
antigo amor, se é que amor
tão de improviso se esquece.

Mudou-se; e para a mudança
bastava o viver contente;
pois sendo o pecado triste,
foi nela o pecado alegre.

[143]

Cansada, ou arrependida,
porque a culpa róí sempre,
e enfim prostra um inimigo
quem do agravo se arrepende

De novo buscam seus olhos
com cuidado impertinente
cinzas mortas, onde as luzes
novas labaredas erguem.

Mal haja o horror, mal hajam
experiências, que não servem
de amodrentar⁷⁸ as memórias,
quando os afetos se acendem.

Mal haja também o instante,
que pode satisfazer-me,
de tal sorte, que as ofensas
na lembrança se esquecessem.

Outra vez (ai de mim triste!
não sei como a expô-lo acerte,
que trémula a língua para,
turbado o peito falece)

Outra vez digo que fui

⁷⁸ Amedrontar.

bebendo as douradas pestes
de dous sóis, que por infaustos
de negras luzes se vestem.

E outra vez (ai infelice!)
se mudou: Ora aqui deixe
vocal Ninfa esta memória
nos vales eternamente.

Nas cavernas, pois, dos montes
Eco funesto se empregue
desta história, para aviso
das montanhas, e das gentes.

E tu vago passageiro,
se aqui acaso vieres,
e um túmulo triste achares,
cheio de folhas silvestres

Com piedoso horror o pisa,
e benigno o favorece
com os ramos mais sombrios
dessas árvores agrestes

[144]

E dize: Infelice amante
vive em paz; e neste alvergue
tão grave te seja a honra,
como seja a terra leve.

Aquele triste mancebo,
que entre ovelhas, entre barcas
é pastor destas campinas,
é remeiro destas praias.

Aquele, que ao mesmo tempo
pisa o monte, as ondas rasga,
encostado ao tronco curvo,
firmado na longa vara.

Aquele que quando guia
o rebanho, e as redes lança,
de peixe as margens povoa,
os campos de néctar banha.

Aquele de quem as vozes
são tão tristes, que se canta,
o tem por Orfeu as selvas,
o julgam por cisne as águas.

Aquele, enfim, que os sentidos
tanto em seu pranto arrebatam,
que leva a rasto as potências,
que chama atrás si as almas.

Hoje sobre uma alta rocha,
a quem toda esta campanha
do tosco império das penhas
venera como a Monarca.

Caladamente suspira;

pois é tão divina a causa,
que inda o Ar, que entra a sabê-la
de absorto, ou cortês se cala.

De uma glória é que se aflige,
cujo ardor menos alcança
o martírio de senti-la,
que o medo de acreditá-la.

[145]

Ai glória minha (assim pulsa
as mal concertadas ânsias)
que melhor que glória, agora
sentimento te chamara.

Muito me afliges, que em mim
por ser a dor mais tirana,
com os trajés da ventura
vem encoberta a desgraça

Quem te conhecera, ó glória?
Dize-me, cruel, que guardas,
se consumes com as ditas,
para o concurso das mágoas?

Tão vil te mostras comigo
que só me dás esperanças,
para que a aflição de tê-las,
destrua o bem de gozá-las

Agora me martirizas,
porque quando o Fado traga
da dita o prazo, não tenha
já vida para lográ-la.

Ó doce, mimoso rio,
que brandamente levantas
em campos de pura neve
empolas de espuma branca.

Tu que brevemente entregas
de teu nome a antonomásia
entre as soberbas enchentes
das serranias salgadas.

Suplico-te que conduzas
inda estas poucas palavras,
com cristalino silêncio,
pelos fundos dessas águas.

E também perdido o nome
de quem tristemente as fala,
nem possa o vento exprimi-lo,
nem possa o ar explicá-las.

Se é que o ar, e o vento podem
mover as ligeiras asas,
sem que o batam meus suspiros,
ou sem que meus ais o tragam.

Que assim me fugiste, ó glória!
mas porque a fuga me admira,
se só para ser tão breve
bastava o ser glória minha?

Chegaste à maior altura,
sem haver para a caída
outra causa, porque tudo
chegando ao auge declina.

Subiste de Amor à meta,
e mais alto inda subiras
se mais houvera; a desgraça
foi chegar cedo à baliza.

Tudo enfim quanto se logra
lograste: Ó tirana dita!
porque o lembras, se pesares
são as glórias repetidas?

Sufoque-se pois a ideia,
Rompam-se as cordas da Lira;
que só de expô-lo esmorece,
que só de o cuidar palpita.

Suspenda-se o triste canto,
porque a doce melodia,
recordando este sucesso,
em vez de cantar suspira.

Instrumento, pois infausto
já daqui quebrado fica
neste bosque, porque nunca
soem mais as cordas finas.

Deste corpulento choupo
que mais aos céus se avizinha
pende eterno, porque sempre
te venere esta campina.

Oráculo destas selvas
ficarás; aonde digas:
que sempre foram as mágoas
a consequência das ditas.

Onde vagorosamente
se espalha o nosso Mondego,
entre os campos como engaste,
entre os montes como espelho.

Onde mais que em parte alguma,
seguindo o curso dos tempos,
sangue é das penhas no Estio,
lago é das praias no Inverno.

Onde, enfim, mais arreбата,
ou suspende o movimento,
de entre a areia os ares busca
Corpo de um monte pequeno.

De robusta gala tece
verde labirinto espesso;
que confunde pelos troncos
de intrincados arvoredos.

Adultos Álemos vivem
de vulto, tão corpulento,
que inda os receia gigantes
todo o conclave supremo.

Rudos sócios de infinitos
agigantados loureiros,
nunca mais que aqui fugazes
dos resplandores de Febo.

Casa tem já feito a sombra
neste sítio, em cujo seio,
nunca o fúnebre jamais
pode destruir o ameno.

Neste confuso retiro
gostoso vive o silêncio,
só de alguma ave alterado,
só profanado do vento.

Nem da casta caçadora
foi pisado, nem os perros
nele até'qui fatigaram
plantas de gamos ligeiros.

[148]

Nem oráculo divino
responde aqui como em Delfos,
antes somente se adora
por divindade o segredo.

Dura, pois, ditoso bosque,
e nesses tálamos frescos
consintas que viva nunca,
mais do que a Madre de Anteros.

Planta de animal robusto,
não te profane tão cedo,
mais que os arrulhos da Pomba,
mais que da Rola os requebros.

E na verde porta manda
esculpir este letreiro:
Ninguém entre mais que Amor,

que sou consagrado a Vénus.

Divide o campo das faces
subtil transparente linha,
onde entre a neve se espalham
duas rosas matutinas.

Em dous alegres orientes
a cara do Sol partida,
entre arqueados triunfos,
coloca as luzes nativas.

Das origens de alabastro
dece inundação esquiva,
aonde o Zéfiro amante
Lascivo se comunica.

Em dous recintos de nácar
do cravo a cor difundida
guarda o tesouro daquele
cofre de galantarias.

Nevados celestes orbes,
na região cristalina,
com motos intercadentes,
em vez de girar palpitam.

[148]

Cândido susto de neve
finge na breve mentira,
tanta glória para a ideia,
como pouca para a vista.

Quando canta se suspende

toda a celeste harmonia,
e também pasmado o vento
desmaia, quando suspira.

Se vires, ó caminhante,
estes sinais algum dia,
guarda-te, que os tem o rosto
da mais tirana homicida.

Defender-te a fermosura,
galhardo prodígio belo,
é uma ação toda distinta
de qualquer atrevimento.

Não pareça, pois ousado,
rude, sacrílego intento
desatar nuvens malignas,
que se opõem a teus luzeiros.

Também contra os mesmos raios
do claro brilhante Febo
correm compasso atrevido
tristes vapores terrenos.

E também o nobre impulso
do doce favónio fresco
desfaz em sombras confusas
tanto inimigo grosseiro.

Nunca mais que agora podem
melhor blasonar os versos;
pois onde o subtil triunfa
fica bizarro o discreto.

Passe a valor quanto há sido
só discrição; pois é certo
que onde é batalha a Poesia,
deve ser valente o engenho

[149]

Defender damas foi sempre

ação de galhardos peitos:
para ter tamanha glória
basta-me o assunto do emprego.

Saia a campo, pois, o nobre,
brioso ardor do conceito;
que onde se desaira a espada
brilhar pode o entendimento.

Tu tens sido a mais fermosa
de quantas (ó grande, excelso,
divino assombro) sagradas
Ninfas tem tido o Mondego.

Tu foste aquela, que sempre
nas almas ergueste templos,
melhor, que em Gnido, o devoto,
perene culto de Vénus.

Tu não só foste, mas és
a mais bela, que o severo
curso dos anos, em ti
fabrica novos extremos.

Tu não só és, mas serás
a mais linda, que no excesso
de tanto Nume, não pode
ter jurisdições o tempo

Quem teve de única tantos
antecipados acertos
trinta e três anos não são
declinação, são aumento

E aumenta, em cujo Zénite,
seus majestosos luzeiros,
ao giro fatal da idade
estarão sempre suspensos.

Contigo tomam os orbes
outras leis, outro desenho,
pois quanto humilham passando,
animam em ti correndo.

Noutra para ser fermosa
deve a idade de ser menos;
em ti não é necessário
mais que os anos, para sê-lo.

[150]

Contigo crecem os dotes
de teu sublime portento;
com que basta a fermosura
que ande o Sol, e corra o Evo.

Ser bela naquele ponto,
de que as mais fogem, é certo
que é tão fora de delito,
que deve ser privilégio

Não te canse, pois, ó Tirse,
que envejoso, indigno, cego,
torpe delírio procure
ver teus anos descobertos.

Maior triunfo te alcança,
porque os fez o Fado atento,
para o desar momentâneos,

para a fermosura eternos.

Com florido crescimento
se exalta aquela vergonta⁷⁹,
que deitou o tronco altivo
dos ilustres Vila[s] boas.

Por ativa providência,
em Ático campo porta,
foi de enchentes prateadas
regada em contínua cópia.

De sorte avultou, que logo
com ambição generosa,
tanto se arreigava à terra,
como crecia na pompa

Floreceu; cujo matiz
mudou, com cena vistosa,
aos teatros de Minerva
todos os jardins de Flora.

Alimpou-se; e de seus pomos
gloriosamente transforma,
na austeridade do Pindo,
a abundância de Pomona.

[151]

Sazonou o fruto; e é tal
nele a substância, que agora
farta de Helicon a aulas,
de Atenas enche as escolas.

⁷⁹ Vergôntea.

E vendo o maioral do campo,
aonde as árvores todas,
em literário concurso,
formam jucunda Etiópia

Que entre as mais vistosamente
esta alarga a altiva copa,
não só de adorno purpúreo
a veste, mas a coroa

Já o capelo o ombro ocupa,
já cinge a cabeça a borla,
insígnia, ou troféu, que ganha
entre Justinianas glórias

Inda aqui não fica o prémio
que é tronco, o que foi vergonta
e devem crescer diademas,
assim com crecem obras.

Granacha⁸⁰ se lhe prepara,
fabricada com as folhas
de coradas açucenas,
ou desmaiadas rosas.

Sábio eleitoral ficando
daquele, que as armas toma
na doçura das Abelhas,
na singeleza da Pomba.

Se vai neste crescimento

⁸⁰ Garnacha.

n'outra esfera o Ar se acolha,
senão quer de outro Anteão
ver as abóbadas rotas.

Breve espaço o Mundo fica,
que a voz da Fama alvoroça
onde Febo se adormece,
onde se levanta a Aurora.

Mas creça, que inda que o vulto
o manto dos orbes rompa,
sempre há de caber inteiro
nos côncavos da memória.

Imitação do Romance 22 de Góngora.⁸¹

Que cego que era algum dia!
e não deixo de ser surdo
a alguns estrondos do Fado,
pois entre eles inda durmo.

Quão diferente me vejo!
e quão outro me descubro!
muito vale o desengano,
a experiência pode muito.

Muito bem disse, quem disse
que tinha diverso sumo
o sangue, que inspira Maio,
do sangue, que anima outubro.

Dez anos servi o enleio,
que melhor servira um turco,
acarretando-lhe pedra
na forma, em que andou Nabuco.

Fui farto de esperanças,
porque é o único fruto,
que todo o mísero escravo
traz do vergonhoso jugo.

Deixou-me, enfim, eximido

⁸¹ Introduzido *a posteriori*, pela mão do poeta ou outra, mas assumido no impresso.

deste cativo injusto
o contínuo sofrimento
feito bronze, pelo uso.

Hoje me hei subido às gáveas,
só para ver ir ao fundo
quantos Argonautas cegos
seguem o infelice rumo.

E hei de ser tão desumano
que a quem me pedir confuso
que lhe valha cum santelmo,
hei de acudir cum merulho⁸².

Os nécios surquem os mares,
porque os sábios de seu surco
vivam na segura praia
molhados, porém seguros.

[153]

Viva o escândalo no peito,
pois mal pode ver-se enxuto,
entre os campos da lembrança,
o chorro dos infortúnios.

Viva, mas viva do estrago
retirado; e seja em tudo,
antes do arrependimento,
que da ruína, o soluço.

Veja em tanto voar em cinzas,
inda os mármore mais duros;

⁸² Marulho.

cinzas, que sem haver chamas,
só fez o calor do fumo.

Veja enlutar cadafalsos
na base infame do vulgo,
sendo a anavahada⁸³ língua,
inda das mentes verdugo.

Veja nas asas da Fama
voar, com triste murmúrio,
pelos teatros do dia,
inda os pássaros noturnos.

Veja, enfim, outras mil cousas,
que vê cada dia o Mundo,
dignas não de baixo soco,
sim dignas, de alto coturno.

Porque eu ficarei olhando
mais calado do que um búzio,
mais encovado que um bicho,
mais sereno que um centúrio.

Fado será que nos olhos
então se me esprema o suco
sem ser mordomo de Anteros,
nem de volúpia Mercúrio

Mas antes confio em Deus
que posto neste descuido,
nunca o sono me despertem,
ou seja leve, ou profundo.

⁸³ Sic.

Coberto, enfim, de preguiça
durma entre o som do tumulto,
entre pedras, como pedras
e em chumaços como chumbo.

[154]

E acabe de persuadir-me
que o mais sadio estatuto,
(posta⁸⁴ a honra em seu lugar)
é estar zombando de tudo.

⁸⁴ “Posto” no original e no impresso. O poeta corrige para “posta” na errata em apêndice ao segundo.

Imitação do Romance 12 do mesmo Góngora.⁸⁵

Castelo de Montemor,
tu que estás junto ao Mondego;
fez-te El Rei Brigo de Espanha,
não deves já ser mancebo.

Porém robusto, e galã
sempre airoso, e sempre inteiro,
tomas o galã ao cume,
tomas o robusto ao cerro.

Ao antigo inda te vestes,
sem os gagês⁸⁶ do moderno,
nem lenço por gravata;
nem manga grande te vejo.

A Balistas de Azambujo
dizem que foste de ferro,
e a quatro tiros de funda
que sempre te punhas teso.

Houve tempo (a monarquia
Lusitana de que me atenho)
que dos maiores assombros
tu foste o maior exemplo.

Hoje desprezado vives,

⁸⁵ Cf. *supra*, nota 80.

⁸⁶ Sic.

pois no tribunal do tempo
envelhecidas memórias
só as paga o esquecimento.

Essas ameias, que foram
triunfo, hoje são desprezo:
se os dentes todos te caem,
como não queres ser velho?

Foste Delfínio, e teatro
de Heróis; agora és assento
já de grasnadoras gralhas,
já de noturnos morcegos.

[155]

Quando mais de ti mal diga,
não posso dizer ao menos,
que quando não sejas forte,
que deixas de dar conselhos.

Tu que contra as injustiças
de um impertinente cerco,
sem ser bula da cruzada
foste sempre privilégio

Inda hoje entre as ruínas
parece que estás sofrendo,
senão tão furioso assalto
combate, enfim, mais aceso.

Como já te veem tão débil
Vai-te perdendo o respeito,
com as aves de Catulo,
o terceiro irmão de Anteros.

E tu sem vergonha alguma
muito enxuto, e mui sereno,
sem desfazer-lhe uma torre,
sem deitar-lhe um pardieiro.

De assédio tão consentido,
edifício, que diremos?
senão que por velho tomas
o ofício de alcoviteiro?

És sarralho, enfim, se foste
algum dia castelo,
e se Areópago de Marte,
hoje és Pagode de Vénus.

Todos por fama te buscam,
e pelas prendas; pois sendo
para a vigia atalaia
és pedra para o silêncio.

Esta te perdoo, a outra
com toda a ânsia te peço,
para cura, para alívio
do que aturo, do que peno.

Tu, pois, que a fronte descobres
daquele alvergue soberbo,
que adornam Tigres ferinos,
que arreiam gamos ligeiros,

[156]

Desse alvergue em cuja porta
fatalmente estão pendendo
tantas desplumadas asas,

tantos arriçados pelos.
Vigia nele uma Ninfa,
se nesse tosco deserto,
como o trato das montanhas,
toma o firme dos penedos.

Se acaso se tem mudado,
Põe-lhe por ilustre espelho
esses jaspes inflexíveis,
esses mármorees eternos.

Mostra-lhe a nobre constância
de teu vulto corpulento,
entre os combates de Aquário,
entre os assaltos de Febo.

Dize-lhe que da mudança
o vilíssimo progresso,
nunca jamais do triunfo
chegou ao sagrado templo.

Fala outras tantas mil cousas,
que bem podes; pois é certo,
que do ludíbrio dos anos
são as ruínas os ecos.

E minha Musa nas bocas
da Fama dar-te-á por prémio
(Ó veneranda antigualha)
mais digno encarecimento.

Com elas claros ao Mundo
teus troféus fazer pretendo,

desperto o torpe letargo
de teu profundo silêncio.

De Ixião a Juno

17

Já que entre a ímpia, indignada
paixão de Deidade injusta,
cheia a alma de martírios,
em mares de ânsia flutua.

Já que perdida a esperança
de encontrar piedade alguma,
delirante o sofrimento
rompe a decente clausura.

Já que ao veemente vexame
tem o domínio da fama
dado liberdade às vozes
para exprimir as angústias

Já que infamada a Deidade
o soberbo Nume escuta
os rogos, como se fosse
rijo bronze, penha dura

Saião do cárcere interno
as imagens, que debuxa
nos quadros do pensamento
a impaciência das injúrias.

É verdade (Ó tu que em sólios
de excelsas luzes empunhas
a Régia insígnia de toda

a celeste arquitetura)

É verdade que fitando
a vista na face augusta
de tanto Nume, atrevido
quis honrar minha loucura

É verdade que abusando
do altar, na sacra tribuna,
sendo só culto o respeito
fiz vítima da ternura.

[158]

Tu que levas na áurea popa
por fachada da pintura
olhos de Argos trasladados
em visos de inchadas plumas

Tu que Irmã, e esposa desse
que apenas o troço ajunta
dos raios, o Ar palpita,
treme o Sol, desmaia a Lua.

Desse que ao anúncio horrendo
de quando irado corusca
assustada a mole eterna
se estremece, e desfigura.

Tu que altamente percebes,
conheces, vês, especulas
as imagens, que se formam
nas ideias mais escuras.

Tu que em clamores distintos

chegas a ouvir as agudas
exclamações discursivas,
que o pensamento articula.

Que dirás, vendo que a ideia
nos cofres da mente busca
daquele felice instante
tantas glórias mal seguras?

Que dirás enfim, sabendo
que não podem ser ocultas
à eternidade as ditas,
que o meu pensamento julga?

Dirás que foi aparente
ilusão de vagabunda
aérea sombra, formada
entre fantasmas convulsas?

Dirás que do negro, infausto
Morfeu, foi somente alguma
sonolenta forma, erguida
em triste imagem confusa?

Sim dirás; e se o disseres
maior infâmia resulta
à Deidade; pois no estrago
excede o castigo à culpa.

[159]

Como é possível que possa
ser inteira, digna, e justa
ação, que faz que uma ideia
gema a pena de uma injúria

Distinga a excelsa Deidade
o delito, que tem muita
distância, o que se declara
daquele, que se discursa.

Mas que digo, ou neciamente
que cuido? se a Deusa injusta
maior glória então me oferece,
quando mais ímpia me acusa?

Ela mesma se disfama
na pena, em que me atribula,
pois sem ser imenso o agravo,
não fora imortal a angústia.

Mil vezes me negue a glória
que entre a ânsia furibunda
o mesmo dano publica,
quanto a vaidade repugna.

Se haver pode algum alívio
em tão mísera penúria
é ser o mesmo tormento
desempenho da ventura.

Se não basta tanto indício,
recorra a verdade à suma
sacra inteireza de toda
a suprema arquitetura.

Tu, ó corpo soberano
da eterna máquina, cuja
transparente fronte o grave

Terráqueo globo saúda.

Tu brilhante labirinto,
onde entre estâncias incultas
profundamente se estendem
tantas imagens futuras.

Tu vaga circunferência,
onde está em vento, e chuva,
trovões, e raios fechada
do grande Tonante a fúria.

[160]

E tu prateada luzerna,
que na soberba tribuna
da imensa redonda mole
serves de placa noturna.

De que eu tive nos braços
a divina fermosura,
a cujo semblante todo
o Universo se debruça

De que eu gozei a Deidade,
mais soberana, que ocupa
o eminente trono excelso
da sacra, aurífera cúria

De que eu fui o mais ditoso
das humanas criaturas,
Ó Céus, ó Lua, ó Estrelas
Sede todos testemunhas.

Sejam testemunhas, como

presentes à mais jucunda
cena, que se há descoberto
nos teatros da Fortuna.

Cale Ulisses, cale Eneias
a aparatosa estrutura
que ergueu Dido, que por Circe
nas hospedagens augustas

Cale o benigno repouso,
e eterno silêncio cubra,
não só de Circeu os bosques,
porém de Cartago as grutas.

Só fale Amor, que depondo
o dourado arco, a ebúrnea
emplumada aljava, as ígneas
vendas, e as ardentes puas.

Tornando a Himineu o círio,
e introduzido entre as rugas
desses pavilhões celestes,
viu toda a minha ventura.

Só fale, e enquanto o publica,
e o estrondo das asas furta
ao gigante monstro alado
todo bocas, todo plumas.

[161]

Expresse a língua o impaciente
vexame, aonde se apura
nos Crisóis da tirania
a chama mais iracunda.

Ponha em frente do martírio
a mesma glória, e em uma
e outra distância se veja
quanto a desdita me usurpa

Se à vista crece o contrário
de seu contrário, produza
mais corpo a glória, indague
se agigante mais a angústia.

Preso pois (aqui começa
de abrir a voz tartamuda
de meu ativo tormento
as mais íntimas clausuras.)

Preso, e atado na volante,
infausta mole rotunda
do patíbulo cruento,
que a esfera d'alma estimula

Sofro; e padeço a veemente,
infinita dor, que expulsa
dos seios da eternidade
toda a prolongada fúria.

Em perpétuo movimento,
sem parar os giros nunca,
no tráfego do martírio
sempre a ânsia continua.

Já o corpo ao moto horrendo
no alto se dependura:
se é que pode em tanto Abismo

haver eminência alguma.

Já virado o impulso dece
as mais ínfimas roturas:
se é que o mesmo Inferno esconde
cavernas inda mais fundas.

Só constante à pena existe
da roda a incansável luta,
pois sua eterna mudança
em meus males se assegura.

[162]

De tanto estrago ímpia Deusa
que estás satisfeita cuidas?
assim era se algum dia
fosse a memória caduca.

Enquanto durar a ideia
basta uma lembrança sua
para oprimir do tormento
a indignada ardente chusma.

Queres castigar-me? afrouxa
a fadiga horrenda, e busca
remédios com que as imagens
da memória se destruam.

Nos vivos rasgos da mente
com triste horror se difunda
a negra apózema infausta
da balsada Estige escura.

Receba como veneno,

não como teriaga a purga
que tem exprimido o Lete
dentre as mãos da veia imunda.

Este sim, este castigo
será sombra, onde se encubra
minha glória, e toda a indigna
mácula da infâmia tua.

Mas que digo, ou que discorro
em meu dano? se esta indústria
só pode o único meio
ser da minha desventura!

Pene, e estale o corpo a imensa
ativa dor, que redundando
da agitação estrondosa,
que o férreo globo circula

Não se entorpeça a memória,
e contra mim todas juntas
se desatem as violências
das sempiternas injúrias.

Eu as sofro; e se hoje atado
à vil prisão as atura
meu cansado sofrimento,
que é fraqueza não presumas

[163]

Valor tenho, alento abrigo
para sustentar a pugna,
que me expusesse a braveza
de toda a mortal chalupa.

Não receio o cão Cérbero⁸⁷,
inda quando a negra espuma
vomitada pelas fauces
os torpes beijos lhe inunda.

Não temo a Mínos, suposto
que o rumor da voz estruja
dos pórticos de diamante
as orelhas sempre surdas.

Nem Plutão, bem que arrugada
a medonha catadura,
só ao horror da vista, os Manes
no centro do Orco sepulta

Não de Aqueronte me alteram
as inchadas catadupas,
de cujo bátratro horrendo
o mesmo assombro soluça.

Não me intimida em Caronte
a fantasma carrancuda,
quando enfadado do remo
medonhamente se arrufa.

Inda quando se acendesse
comigo a infinita turba,
que tem os quartéis tremendos
das Infernais catacumbas

Nada me daria espanto,

⁸⁷ Cérbero.

que a firmeza resoluta
do peito muito além vive
do horror, do medo, e da fuga.

Queres, pois saber o intento
com que me sujeito à injusta
veemência deste martírio?
é somente a fama tua.

Por não dar ruído à causa,
por sufocar a calúnia,
é que o espírito esta pena
generosamente atura.

[164]

Não cuides que o dogma eterno,
que o ímpio estrago debuxa
em ígnea estampa, os alentos
me comprime, ou me vincula.

Não se entendem as leis comigo
da violência, porque ilustram
os íntimos d'alma acesas
porções de chamas augustas.

Teseu pode intimidar
a mesma indómita fúria,
tanto as subterrâneas Cilas,
como as Infernais Medusas.

Orfeu pode comover
as penhas, e as espessuras,
tanto da abrasada Arménia
como da acesa Ampelusa.

Pois que sou menos do que eles?
se isso é assim, tu mesma o julgas
se é que pelo atrevimento
a nobreza conjeturas.

Desta pois dívida eterna,
não quero outra nenhuma
satisfação, mais que veres
o que faço a quem me acusa.

Agora que estou alcanço
na desordem mais profunda
do Abismo, onde só a artéria
das contrariedades pulsa.

É tal o seu desconcerto,
que sendo a pena da culpa
digno castigo; estou dando
benefícios pela injúria.

Esta fineza só quero,
que a Fama ao menos descubra,
entre as sagradas paredes,
dessa imensa arquitetura.

Alcance tanto martírio
sequer este rogo, e fuja
a piedade para sempre
de dar-me atenção alguma.

[165]

De Endimião a Diana

18

Daqui, donde o Erimanto
mais funebremente enleia
na confusão das montanhas
o labirinto das selvas

Daqui, donde a soledade
mais triste o semblante ostenta,
que no mudo horror dos troncos,
na basta cópia das brenhas

Daqui, donde só se explica
o silêncio, por aquela
sonora voz, com que o bosque
fala, quando se meneia.

[165]

Agora que o Sol passando
da outra banda da Terra,
às portas bate da Aurora,
para que acorde depressa.

Agora que a noite escura,
lá do alto se despenha,
e desfeita em sombras tristes
enche toda a redondeza

Agora que o sono grave
apalpando a parda treva
espreme entre as mãos as brancas

preguiçosas dormideiras

Agora que já nas choças
e nos currais se aquieta
o assobio dos pastores,
o balido das ovelhas.

Agora que a carregada
espessura, a alma cheia
tem, não só pelo costume,
mas pelo horror de tristeza.

[166]

Agora enfim que rasgando
tão mudável, como bela
vens, ó suprema Deidade,
o negro manto da Esfera

Ouve meus justos suspiros,
sequer esta vez, tu mesma
tu que na ausência de Apolo
a Terra, e Céu senhoreias.

Parece grande ousadia
que a sindicar-te me atreva
do que te fiz, e me fazes
sendo eu pastor e tu Deusa.

Julgam-se livres os Numes
de tão árdua residência,
que em tão infinita altura
não pode caber ofensa.

Contudo eu hei de queixar-me

por ver se alcanço a proeza
de que meus ais, do infinito
meçam a distância imensa.

Mais é que a dita a desgraça;
não será, pois louca empresa,
aonde chegou a dita
querer chegar com a queixa.

Não se esmoreça⁸⁸ o discurso
por mais que a vista pretenda
medir o Abismo, em que fica
dessa altura, em que te elevas.

Sabes no que agora cuido?
é que tu nessa eminência
não estás tão firme, como
presumes, ou consideras

Eu também lá estive, e agora
no mais fundo estou: que cega
é a glória que se julga
isenta das contingências!

Isto suposto; porque
esta prática não seja
aos Deuses escandalosa
unamos as diferenças.

É verdade, eu sou um rude
pastor, tu és tão egrégia

⁸⁸ Errata apensa ao impresso: “esmorece”.

que és uma Deidade, enfim
reges astros, eu ovelhas.

Eu vestido de umas peles,
tu de resplandores cheia,
eu grosseiro, tu divina,
eu humilde, tu soberba.

Falo, e é tudo barbarismo,
falas, e é tudo cadência:
diversas almas tratamos,
tu os Deuses, eu as feras

Sendo eu tal; não sei que achaste
em mim, que me olhaste atenta:
também nos Deuses se encontram
caprichosas naturezas

Mente quem diz que a harmonia
dos corações se tempera
só ao som da semelhança
da igualdade, ou da beleza.

Mais misterioso motivo
se dá nas almas, secreta
é a operação, que anima,
discorre sem que se entenda.

Dize-o tu: oh quem pudera
dizê-lo também! diversa
foi em mim; nos abrasaram
diferentes labaredas.

Cuidarás que a divindade
me venceu; não é tão nécia
minha fantasia que
com pompas se desvaneça.

Rendeu-me o ver que suposto
nos apartasse a grandeza,
lá tínhamos nos cuidados
em parte correspondência.

Eu pastor, e tu pastora,
tu no Céu, e eu na serra
ambos temos dous rebanhos,
eu de cabras, tu de estrelas.

[168]

Com que foram nossas almas
por estranho rumo acesas,
a mim pelo da harmonia,
a ti pelo da influência.

Mas já que o atrevido impulso
de meu pensamento chega
a descobrir semelhanças,
onde não há congruências.

Abata o estilo as plumas,
enrole o discurso as velas,
e pois te julga pastora,
como a pastora te tenha.

No idioma, pois, dos bosques
me escuta; que às minhas queixas,
não só por rudes, por males

lhe estão mal as eloquências.

Divina pastora, a cuja
soberana gentileza
foi enquanto o Céu queria
a fé de um pastor aceita.

Nem os meus merecimentos,
nem a minha decendência
meus brios, garbosidade,
bizarria, alinho, ou prendas.

Foi quem te fez generosa,
que com Deidades supremas,
não fazem vulto as valias
de tão caducas matérias.

Teu absoluto alvedrio
foi quem te venceu; a cega
paixão de tua vontade
quem se rendeu a si mesma.

Tu me ergueste do mais fundo
do horror de minha miséria,
quando mais desacordada
desta glória estava a ideia.

É verdade, mas que importa
se esta razão, que se ordena
para haver de sindicar-te,
te desculpa, e me atormenta.

[169]

Amaste-me sem motivo
se sem ele me rejeitas

é certo que é justa, e está
lígítima a consequência.

Ora já que desta parte
te absolves, vamos àquela
onde se hão de competir
a culpa, e mais a inocência.

Bem tomara que estas cousas
a memória as não trouxera
à publicidade, aonde
força é se arrisque a decência.

Mas como hão de sufocar-se,
se é já tão veemente a pena
que tem no Crisol da angústia
apurada a paciência?

Esta, pois, rústica alcoba⁸⁹,
aonde a entrada se nega
à planta mais atrevida,
mais robusta, e mais ligeira.

Esta estância aonde a ara
do silêncio existe acesa,
tão mudamente, que o fogo
nem estala, nem fumeia.

Teatro, e campanha há sido
de tais glórias, que inda a mesma
posse, para acreditá-las,
dissimula o compreendê-las.

⁸⁹ Alcova.

O monte as ouça; e se vezes
tantas tem sido esta selva
já testemunha de vista,
de ouvida uma vez o seja.

Nos silêncios, pois da noite
quando o sono (aqui começa
deste inaudito aparato
a mais portentosa cena.)

Quando o sono o Mundo todo
tinha posto em muda treva,
e dos tímidos mortais
adormecido as potências.

[170]

Quando o murmúrio da fonte
só se ouvia, e na floresta
aquele sussurro brando,
com que o vento a lisonjeia.

Quando os orbes se calavam,
e a harmonia das esferas
parece que se detinha
ou medrosa, ou sonolenta.

Tu então deixando o coche
noturno, e largando as rédeas
ao arbítrio, e à doutrina
das seis remendadas éguas

Depondo a pompa cerúlea
e mudando a gala crespa
em um pelico de arminhos,

e recamado de estrelas.

Em lugar do áureo açoute
um cajado, com diversas
cores aberto, e esmaltado
de azeviche, e ricas pedras.

Traçada a roupa, com fios
de prata as sandálias presas,
à banda o chapéu, e orlado
de plumas brancas, e pretas

Arco no braço, e do ombro
pendente a loura madexa,
metido no cinto o dardo,
cravadas na aljava as frechas.

Disfarçada assim decias
do Céu; pois se não tivera
este alívio a majestade
quem sofreria a grandeza?

Decias: e a que? ó altas
plantas, ó robustas penhas
dizei o que bem o vistes
pasmadas, mudas, e quedas.

Porém se em vós a sagrada
lei do silêncio se observa;
porque é mais escrupulosa
a policia montanhesa

[171]

Dize tu, ó tosca fruta,

torpe lira, rude avena,
temperada ao rouco canto
de tão rústica cadência.

Dize-o, enfim, que tanta glória
é impossível que eu tenha,
nem modo para explicá-la,
nem vozes para dizê-la

Mas já que nem tu te atreves
a cantá-la, escuta, e deixa
que eu a diga, sem mais pompa
que ser glória, e verdadeira.

Mui breves são as palavras,
que tem composto a modéstia
para que a dita se exponha,
sem que perigue a decência.

Gravadas as tem um tronco,
quero ver se atino a lê-las
naquela lâmina bruta,
aonde as deixei impressas.

Com os mal distintos raios,
que para esta parte deitas,
tremulamente diviso
entalhadas outo regras.

Não sei como a torpe língua,
sem que a alma desfaleça,
pode ainda soletrá-las:
dizem pois as fatais letras.

A tão escondida sombra
ninguém chegue, porque nela
ditosamente descansa
outra Dido, e outro Eneias

Dura, pois, sagrado sítio;
e tu venturosa relva,
nem boca imunda te paste,
nem tosca planta te ofenda.

Ora há quem saiba alcançar
tanto a glória como a pena,
há quem penetre a ventura,
quem bem considere a perda

[172]

Que passando estas palavras
pelo discurso não gema?
não soluçe? não desmaie?
não caia? não esmoreça?

Subamos pois com a glória,
por ver se de tal maneira
se requinta a dor, que baste
para a morte a inteligência.

Quantas vezes nesse alvergue,
que assina o rústico emblema
desse tronco, e a quem a idade
deve imortal reverência

Quantas vezes esquecida
de reger os Ciclos dessa
máquina azul, neste sítio

te encontrava a Aurora bela?

E para que te não vissem
subir à sua eminência
Deuses, e homens ficaste
nestes montes encoberta?

Quantas vezes enfadada
desta prisão, bem que cheia
de rosas, e de jasmims,
de goivos, e de açucenas

Saíste ao monte a buscar,
pelas matas mais espessas,
por não seres presentida,
as mais assanhadas feras?

Quantas vezes desmaiadas
tingiam as brutas ervas?
mais aos poderes da vista,
do que aos rigores da seta?

Quantas pedindo a morte
se entregavam, e tu desfeita
em crueldades, lhe fazias
venturosas as tragédias?

Tirana; para os rendidos
é que guardas a fereza?
Ah ingrata, desde então
Conhecer-te bem pudera!

[173]

Para os humildes as iras?

para os que estão sem defesa?
não sei qual tem menos uso
de razão; se tu, se elas.

Contudo nelas, e em mim
fosse tirania, ou seja
indigno procedimento
de encontrar-se em uma Deusa

Tu assim o executavas;
e não com tanta prudência
que se calasse o exercício
de semelhantes proezas.

Os Faunos que pelos bosques
em contínua sentinela
andam de casos ocultos,
para compor cantilenas

Logo o souberam, que enfim
nada há, por mais secreta
que seja, que cedo, ou tarde
a presumir-se não venha.

Como tua castidade
entre os mortais então era
veneração, tão sagrada,
que era o negá-la blasfémia

Como fazias vanglória
de arrancares da bandeira
de Amor, aquela divisa:
Ninguém há que se não renda.

Como nem coonestada
se viu em ti esta letra,
pois em ti nunca se há visto
de Himineu a tocha acesa

Não sabem as detrações,
por mais que a luz se desvela
do discurso, aonde guiem
os alcances da suspeita.

Mas em juízos tão vários
sempre se mostrou ileza
da mais subtil fantasia
a nossa correspondência.

[174]

Ficaram, pois entendendo
somente as ações externas,
que era andares nestes bosques
trás dos gamos, e das cervas.

Desde então tiveste a glória
de seres tida por Deusa,
não só dos primeiros orbes,
mas dos montes, e das selvas.

Ajuntemos a estas ditas
essas antigas promessas
que me juraste: Presumes
que haja alguma, que me esqueça?

Todas tenho na memória:
Ora vê se serão estas:
Primeiro os Céus me destruam

(dizias) primeiro a esfera,

Primeiro o Mar, e primeiro
o vento, e Fogo se acenda
contra mim, primeiro fuja
o rebanho das estrelas

Primeiro pastem os brutos
no Céu, os astros na Terra,
a chama produza frio,
e a água dê labaredas

Que eu te deixe, ou que te fale
nunca com minha presença,
Endimião adorado,
em qualquer parte que estejas.

Pois onde estão fementida
tão eloquentes ternezas?
mais bem ditas do que obradas?
mais bem compostas que feitas?

Onde estão, e aonde buscas
o descargo da sentença,
que te condena a perjura
a louca, a fácil, e a nécia?

Presumes que te defendes
já agora com a diversa
vida em que estás? imaginas
que com ela remedeias

[175]

O ter estado em meus braços?

o prender-te com as vendas
de Amor? o ter sido minha
apesar da própria enveja?

Cuidas que as glórias passadas
riscar pode a sesudeza⁹⁰,
que hoje tens? pois sempre trazes
postos os olhos na Terra?

Entendes que o estar cingida
dessas luzentes tocheiras,
guardada dos mesmos astros,
e cercada dos Planetas,

Há de desmentir as ditas?
há de apagar a certeza
do que foi? Pois ou te enganas,
ou finges se o consideras.

Porque nem tu, nem o tempo
nem a mesma onipotência
de Júpiter, fazer pode
que o que tem sido, não seja.

Porém onde vou? (ai triste!)
onde o discurso me leva?
se ponderar tanta glória,
mais que triunfo, é tragédia?

Onde vou? se minhas ditas
cruelmente as destempera

⁹⁰ Sisudez.

o ingrato móbil, que os giros
das minhas ações governa?

Vede vós (convosco falo
agora ó amigas penhas,
que em meu bem, e mal me fostes
sempre fiéis companheiras)

Vede vós, com que esperança
pode estar quem tem sujeita
toda a ventura debaixo
da inconstância, e da incerteza?

Falai um pouco comigo;
vinde cá: vedes aquela
que nos campos de safira
com tantas luzes campeia?

[176]

Vedes como se distingue
no Céu, das luzes, que a cercam,
como o cravo entre jasmims,
como a rosa entre açucenas?

Como o raio entre os reflexos?
como o diamante entre as pedras?
vedes como airosamente
rasga nuvens, rompe esferas?

Vedes com quanta notícia
ora abate, ora acelera
o movimento feroso
das iguais manchadas éguas?

Vedes quão fermosa gira
por esses céus; e tão bela
que vontades, e alvedrios
arrasta, conduz, e leva?

Pois este é o mesmo Nume,
o mesmo prodígio, e a mesma
fermosura, aonde toda
a variedade se encerra.

[176]

Já de nós se aparta, já
a nós outra vez se chega,
já crescente, já minguante,
ora vazia, ora cheia.

Já se nos mostra propícia
já nos aparece adversa;
de tão alta divindade,
Ó penhas, quem tal dissera!

Consuma-se, pois o fogo,
que em meu peito ardeu; que alheia
é do Nume da inconstância
a vítima da firmeza.

Desbarate o desengano,
as aras, suma-se a oferta,
extinga-se o sacrifício,
apague-se a labareda.

Não permita o Fado injusto
que eu morra, adorada minha,
sem que estas últimas ânsias
te deixe por despedida.

Já que não posso entregar-te,
pessoalmente, as acendidas
porções d'alma, aí tas mando
disfarçadas nessas cifras.

Letras são, ao que parecem,
mas cobre a sombra da tinta
uma alma desfeita em vozes,
um peito mudado em línguas

Eu te amei (já meu tormento
a mandar-te principia
de seus ardentes arcanos
as mais profundas relíquias.)

Eu te amei (permite agora
que meu discurso repita
toda a portentosa série
da minha cruel fadiga.)

Subam de ponto as angústias,
que quero ver se fulmina
minha morte, mais depressa
a pena, do que a fenda.

Eu te amei (basta a memória
para a dor; que mais ruína
que no meio das desgraças
fazer lembrança das ditas?

Imortal devo de ser
pois a ideia determina
de cortejar a ventura,
sem que me afogue a desdita.)

Eu te amei enfim, tão cego,
que a mais eficaz premissa
da amorosa consequência,
foi tanta infeliz porfia.

[178]

De modo a infelicidade
vem de Amor, que a sorte esquiva
só acrisola a desgraça
aonde o afeto requinta.

Mas para que nécio exponho
toda a fatal narrativa?
furtando ao tempo os instantes
de que a angústia necessita?

Sobrará, pois, só dizer-te
que te amei, para que diga
dos acasos da Fortuna
a raiva, a impiedade, a ira.

Ó mil vezes misteriosa
doce palavra! que explica
tanto a pureza do afeto,

como do Fado a malícia.

Já sua enfática imagem
tem exposto: que? que havia
de chorar-te ausente, apenas
foste a meus olhos propícia.

Já tem dito que ofendeste
a sagrada idolatria,
que tantas vezes juraste
fiel, constante, e rendida.

Achei-te em alheios braços
(aqui pasma, aqui delira
toda a ideia, o pulso late
geme o alento, a ânsia grita)

Achei-te alheia: ah ingrata
tão depressa fementida?
se assim pagas as finezas,
como os agravos castigas?

Como me foi tanta idade
para mudar-te precisa?
e para o outro não foi
necessário mais que um dia?

Quantas vezes, falsa, quantas
dize tirana, homicida,
perjura, infiel me deste
a branca mão cristalina

[179]

Dizendo: Primeiro a Terra

será Céu, a neve cinza,
caramelo o fogo, a noite
clara, e a manhã sombria

Primeiro o tímido Bétis
as correntes fugitivas
suspenderá, que minha alma
te deixe amado Macías.

Suspende, pois, ó Medusa
de cristal, que fertilizas
terra, que pelo que engendra,
já não é Vandália, é Líbia.

Deixa abrasar-se este campo
e essa corrente indecisa
fazendo Arábia das praias,
transforme em feras as Ninfas.

Para⁹¹, ao ver, levando a tocha
nupcial, como caminha
ligeira, alegre, e mudável
aquela doce inimiga.

Para, ao ver, como enlaçada
uma, e outra mão confirma,
daquele Himineu as forças
desta morte as profecias.

Para, ao ver, como inconstante
mudada em era lasciva

⁹¹ “Pára” no original.

deixa uma planta, que a afaga
por um tronco, que a arruína.

Para, enfim; e se não pode
fazer suspender-te as linfas
de tanto pélago undoso,
tanta frágil maravilha

Fará suspender-te as águas
aquele ardor, que distila,
pelos olhos, de meu peito
a profunda, ardente mina.

Ó nunca, ó nunca do arcano
de minha frágua sairá
tanto fogo, mas ficará
na torpe, mortal preguiça.

[180]

Ele a inconstância te há dado,
pois a chama, que respira
mudável te fez, apenas
deixou de fazer-te esquiva.

Há quem suporte esta mágoa?
que em minha própria oficina
forjasse o instrumento infausto
para destruir-me a vida?

Oh maldita seja a hora
maldita seja, e maldita
outra, e mil vezes aquela,
em que entrei nesta conquista.

Vira-te enfim desdenhosa,
vira-te cruel à ígnea
puríssima oferta, mas
nunca mudável te vira.

Porém ai triste que importa
bradar ao Céu? se a maligna
conjuração das estrelas
está surda, e endurecida?

Mais crece (ai mísero!) o dano
em te imaginar perdida;
porque sempre o que se perde
mais do que vale, se estima.

Basta só julgar-te alheia,
quando mais magoada fica,
com esta triste memória,
aquela doce harmonia!

Se o Fado fosse uma vez
igual, e reto, lá tinha
meios, com que o esquecimento
se vingasse da perfídia.

Porém se ele é tão tirano
como sempre; que valia
pode ter uma igualdade,
onde reina uma injustiça?

Por mais que suspire a ofensa,
não pode (ai de mim) a ativa
fogueira, em que ardo, apagar-se

[181]

com tanta imortal faísca.

Tão pura apesar da queixa,
tão extremosa, tão fina,
que para arder nos agravos
anda dourando as notícias.

Que mais queres, pois, ó falsa
de uma fé tão excessiva
que para alentar o fogo
a mesma ofensa lhe aplica?

Pode haver maior desgraça?
que se a alma necessita
de eternizar a verdade
há de afagar a mentira?

Queres vê-lo praticado?
sabe pois que ela imagina
que a mudar-te não foi culpa
tua, foi desgraça minha.

Ora vê quanto discorro:
Aquele lei tão precisa
da decente obediência
foi tua, e minha homicida.

Uma força coonestada
que mais do que roga obriga
foi somente o estrago correndo
de uma fé tão bem nacida.

Violenta, não voluntária

arrancaste da esquisita
porção d'alma aquela injusta,
triste palavra maligna.

Deste a mão, enfim, querendo
que fosse imortal divisa
mais que de um interno laço
de uma eterna antipatia.

Conservando de teu peito
a parte mais escondida,
em fé de minha memória,
tão inteira, como limpa.

Queres mais ingrata? queres
mais nobre imaginativa,
que doure a tua mudança?
que apure a minha ignomínia?

[182]⁹²

Não o nego; porque faço
vanglória da mesma culpa,
pois se há serviços que infamam,
há sacrilégios que ilustram.

Eu te amei, para que diga
de uma vez quanto a confusa
balbuciente língua d'alma
em triste acento divulga.

Eu te amei, enfim, sem ver
aquela distância suma,

⁹² Texto nos fls. 182 e 183 não consta do impresso.

que de uma excelsa Deidade
vai a uma vil criatura.

Cego fui; muito seria
se o não fora, quando punha
atrevidamente os olhos
em tão alta fermosura.

Mas para que me detenho
em reflexões tão comuas
quando em assuntos mais altos
a fantasia se ocupa?

Dilate a lembrança: ao menos
na fatigada disputa
do pensamento, não seja
quem taxe a minha ventura.

Eu mesmo alcancei benigna
toda a altiva, sem segunda,
sagrada inteireza, sendo
de torpe forma caduca.

Eu mesmo (ó triste memória
primeiro que me destruas
deixa ponderar-me as ditas
no meio das desventuras.

Se penas pede a vingança,
e são estas diminutas,
basta consentir que a cena
da lembrança se descubra.)

[183]

Eu mesmo acendi os campos,
onde a rosa pudibunda,
e a açucena desmaiada
as vivas cores mistura.

Eu mesmo toquei a esfera
donde em frágua rubicunda
dous baluartes de nácar
despedem chamas purpúreas

Eu fazendo mais que Alcides
pude em melhores colunas
estampar ditosamente
do desejo o *non plus ultra*.

Mas para que ando inquirindo
perífrases importunas
podendo em uma palavra
dizer toda a glória junta?

Eu mesmo enfim (tudo digo)
eu te gozei: ó Fortuna
ímpia mais que quantas Deusas
a vil cegueira perfuma!

Tu me ergueste ao cume excelso
da mais sublime estrutura,
que ideou o esférico agente
desta máquina rotunda.

No mais alto me afagaste
desse assento, a quem tributa
reverentes obediências

toda a orbicular figura.

Com violento precipício
rompeste a mole robusta,
falseadas de tanta glória
as felices ligaduras.

Caí, medindo dos ares
toda a campanha cerúlea
até parar dos Abismos
nas entranhas mais profundas.

Para que foi tanto alento?
mais que fementida indústria:
por ser infinita a queda
é que foi imensa a altura.

Que dirás (ó tu que em golfos
de soberbas luzes surcas
ondas de safir, na cressa,
pomposa, ardente faluca.

[184]

Vê se há mais honrada, ilustre,
alta, excelsa, fantasia?
da ideia, com que me afrontas,
tiro a ação que te acredita.

Mas fosse (ai triste!) ou vontade,
ou capricho, ou tirania,
eu te choro ausente, e vejo
de injusto senhor cativa.

Que cansado de ouvir sempre

a tempestade contínua
de meus ecos, à vingança
todo o desafogo inclina.

Já pois no alado ginete
o vulto cioso estriva⁹³,
e com forte mão na coxa
a lança fatal arrima.

Já ante o mísero objeto
traça o duro conto, vibra
o agudo ferro, e raivoso
o infausto instrumento atira.

Já trespassa o coração
deste alvo infeliz: Ó dia
triste mais que todos quantos
tem feito a imortal fadiga!

Não sinto o golpe, só sinto
que o irado ferro o imprima
naquela parte, onde ingrata,
tão docemente vivias.

A circunstância do rasgo,
não a essência debilita
o alento, apagando a cópia,
que está dentro n'alma escrita.

Bem discorreu a vingança
quando apontou a ferida;

⁹³ Estriba.

fora eterno se em meu peito
conservara a imagem viva.

À Parca sobra os estragos
do golpe; que a lança ímpia
para ver sem pulso o alento
ver bastava a forma extinta.

[185]

Sobra a violência da morte,
que eu mesmo comigo a tinha,
pois me bastava o afeto,
se faltasse a tirania.

Oh desgraça, até no modo
de morrer! que à minha vida
podendo o amor acabar-ma
seja o ódio quem ma extinga!

Sobra tudo enfim; e sobra
inda esta prisão; que liga
tece a enveja que não tenha
já tecido a idolatria?

Mas ai mísero! que ao passo
que a Fortuna desperdiça
tantos preciosos males,
nem um bem me comunica.

Já eu lhe perdoara o roubo
que me faz da tua vista,
da fé do afeto, da copia,
e da tua companhia,

Mas o de entregar-te (ai triste!)
este alento, que respira
nestes últimos arrancos
minha mortal agonia

É dor tão forte que temo,
que em meus membros difundida,
lhe dê tanto horror, que ao corpo
não se atreva a terra fria.

Eu morro enfim; e não quero
de ver-te quanto à Rainha
de Cária, deveu Mausolo,
menos meu mal te suplica.

Só pretendo, só te peço
não que deixes construída,
uma urna emuladora
dessas máquinas Egípcias⁹⁴

Com menos me satisfaço,
com pouco, ou nada me obrigas;
basta-me só que conserves
a triste lembrança minha.

[186]

Deste baixel destroçado
dependura na divina
tribuna d'alma, em memória,
sequer as breves relíquias.

Deva-te tamanho estrago,

⁹⁴ “que deixes ... Egípcias”. Correção sobre texto rasurado.

não desprezar as insígnias
deste horror, senão de amante,
sequer de desvanecida.

Orna o altar do Desengano
desta nunca vista ruína;
dá a oferta vangloriosa,
se a negas agradecida.

Mas ai que falece o alento,
e a alma peregrina
mede já da eternidade
toda a distância infinita.

Amada eu morro, eu acabo,
é chegado o instante; a esquiva
desventura nos aparta
para sempre; em paz te fica

Se alguém, se alguém de um cadáver
tiver compaixão, e em cima
lhe quiser pôr uma pedra,
que guarde as funestas cinzas.

Na bruta lâmina triste
da medonha infausta Pira
com a tinta de meu sangue,
esta letras deixe escritas:⁹⁵

Ó vaga, ó curiosa planta,
se horror buscas, deposita

⁹⁵ “da medonha infausta Pira” e “letras deixe escritas”. Correção sobre versos rasurados.

na campa a ideia; e se não
não pares aqui; caminha.

PRIMEIRO POEMA PATÉTICO.

Este da Fortuna infausto
tremendo horror, que não menos
deve à lastima que a Fama
o brasão de ser eterno.

Este das glórias rebeldes
de Amor, fementido prémio,
este de mortal espanto
índice, nota, e compêndio.

Tragédia, cuja memória,
enquanto o cansado alento
da caduca idade exista,
será da piedade objeto.

Este, enfim, de toda a humana
desdita, o mais raro exemplo,
a rogos de íntimo influxo
lastimosamente escrevo.

Áurea Deidade do altivo
bifronte harmónico outeiro,
nem Épico, nem alegre,
nem fausto ritmo pretendo

Triste cadência me inspira,
e de Euterpe ao instrumento
permite só que eu entoe
o rouco som de meus versos.

E tu Ídolo sublime,
adorado Nume, emprego
de meus sentidos, divina
suspensão do pensamento,

Tu venerado prodígio,
em cujo faustoso templo
toda a humana rebeldia
se vê posta de joelhos,

[188]

Tu que digno culto alcanças,
pois desprezando o de Vénus,
ilustremente recolhes
o da casta Irmã de Febo,

Toma por voto este assunto,
por ver se algum dia os ecos
das mágoas fazem piedoso
esse semblante severo.

Bem que em ser pena amorosa
teu patrocínio receio;
pois sempre em ouvir suspiros
foste pedra, bronze, e ferro.

Vença pois o uso a nova
oblação, com que eu atendo
ao culto; se é que a desgraça
consiste no que padeço.

A tragédia não é minha,
é meu só o rendimento;
a nudez do sacrifício

Ihe valha por privilégio.

Pelos três do mês segundo,
anos quinze vezes cento
e cinquenta e dous, do Orbe
reparado, andava o tempo.

Quando já comprime as ondas
esse Galeão soberbo,
cuja pompa serve aos Mares,
não só de horror, mas de peso.

Com a ilustre antonomásia
desse Grande, a cujos ecos
pasmaram de Síria os montes,
lavra o escumoso elemento.

Tudo era bonança; estava
dormido o Bóreas, quieto
se via o padre Oceano,
o Céu manso, o Ar sereno

Brandamente respirava
doce o Zéfiro, e não menos
um e outro bordo altivo
movia o salgado argento.

[189]

Quando lá nos fundos Mares,
em cujo medonho seio,
da nadante Monarquia
existe o imortal governo.

As escamosas Deidades

de todo o profundo pego,
sobre os náuticos futuros
chama Neptuno a conselho.

Já, pois, divide das águas
o salobre magistério,
o que serve ao Irmão de Jove
de trombeta, e de correio.

Com a forte mão aplica
ao grosso lânguido beijo
a asquerosa imunda boca
do retorcido instrumento

Da língua o búzio ferido,
todo o cristalino Reino
da grande Madre de Aquiles
convoca o áspero acento.

Deixam os marinhos Deuses
à voz do pregão supremo
as transparentes alcobas
dos húmidos aposentos.

Para os líquidos palácios
do que põem o duro freio
ao curvo monstro, caminha
o sagrado ajuntamento.

Quási pendente de um trono
dado o corpo ao braço esquerdo,
nele se avista das ondas
o Monarca sempiterno.

O grande Tridente empunha,
a cujo farpado ferro
se patenteiam das águas
os arcanos mais austeros.

De larga espadana mostra
cingido o verde cabelo,
e a nunca enfeitada barba
lhe veste o cerúleo peito.

[190]

Tem a Régia majestade
entregue ao medonho gesto,
em cuj[o] semblante
palpita mudo o respeito.

Venerandamente grave,
para que tomasse assento
a sacra Prole, já dava
sinal o braço direito.

Sossegados, pois, os Numes,
de seu fundo pensamento
começa a explicar as cifras,
com voz grave, e tom horrendo.

Moradores dos cerúleos
páramos (diz) cujo Império
se estende do claro dia
ao sepulcro, mais ao berço

Vós bem tendes visto como
há tantos anos que temos
dissimulado a loucura

dos mortais atrevimentos.

Bem vedes, como saindo,
lá dos montes derradeiros,
onde o Mundo acaba, giram
todo o Africano deserto.

Bem vedes que esse gigante,
que com vulto corpulento
o Polo Antártico assombra
medonhamente soberbo

Esse que jamais sabido
foi nunca aos grandes engenhos
de Plínio, Pompónio, Estrabo,
tem eles já descoberto

Bem vedes que pondo as proas
além de seu corpo imenso,
tem profanado atrevidos
do Roxo Mar os segredos

Bem vedes que um Mundo, e outro
tem corrido, tão ligeiros,
que em sua carreira alcançam
os mesmos raios de Febo.

[191]

Vedes, enfim, que deixando
sepultado o Sol no Tejo,
vem da Aurora a ver no Hidaspe
o risonho nascimento.

Isto estais vendo nos outros

cada dia, e eu o vejo,
e em cada instante irritado
o discorro, e o compreendo

Sem que de tanta ousadia
tenhamos dado ao Universo
satisfação, que ficasse,
por memória, e por exemplo.

Lá vem agora oprimindo
o Mar largo aquele lenho,
que tantas vezes às águas
tem dado espantoso medo.

Nele vezes infinitas
tem fiado o Luso Império
de seus venturosos Fados
todo o naval desempenho.

Nele vem os atrevidos,
temerários pensamentos,
que já de todo o Oceano
tem sido comum flagelo.

Nele vem, enfim, aquele
Sepúlveda, cujo ferro
das marítimas entranhas
tem rasgado o fundo seio.

Pois como de nossas iras
pode haver melhor objeto?
onde fique despicado
da vingança todo o emprego?

Saia pois o inchado Bóreas,
o Austro, o Noto, e batendo
as ondas, de tanta mole
só deixe os rotos fragmentos.

Não fique entre as ondas bravas
dessa montanha de abeto
mais que as partes, que levantem
padrões de um triste escarmento.

[192]

Disse; e qual de um alto poço
reflete o profundo acento,
ferido do áspero arrojo
de algum rústico penedo.

Tal no sublime escrutínio
se ouve brandamente quieto
um leve rumor, que abrange
todo o sagrado aposento

Mas Proteu, que alcançava
os refohados desejos
de Neptuno, como antigo
vate do inconstante pego

Postos nele os fitos olhos
mui bem sabe, não ser zelo,
mas só ciúme o motivo
que altera os seus pensamentos.

Sabe como quem desata
a mais ocultos enredos
do Fado, entre as fantasias

de sábios conhecimentos

Como quem na Hidromancia
é tão fundamente destro,
que abre dos mesmos influxos
os mais ocultos cadernos

Sabe que tem suportado
com antigo sofrimento
seus ombros a Lusa carga
de tanto alado arvoredado

Sabe que somente agora,
lá por mais altos pretextos,
de tanto horror, fatigados
gemem seus ombros do peso.

Sabe que arde em chamas vivas
a frialdade de seu peito,
sem que a matéria das águas
de Amor lhe apague os incêndios.

Sabe que de tanto fogo
há sido porfiado objeto
aquela Ninfa, que entregue
se acha ao arbítrio do vento

[193]

Aquela que vem agora
estragar os privilégios,
que há tanto tem alcançado
em Gnido a Madre de Anteros

Sabe que o adorado Nume

de seu fundo rendimento
ouviu sempre os holocaustos
nos altares do desprezo.

Sabe que pondo de parte
de um Deus os merecimentos,
lhe tinha um mortal atado
o doce no de Himineu

Sabe, enfim, que é esta injúria
a brasa, que lá por dentro
lhe queima as torpes imagens
do preguiçoso sossego.

Ao passo que estes motivos
foi Proteu discorrendo,
todo o conclave esperava
que ele votasse primeiro.

Nos resolutivos casos
de polícia, e de governo
tinha mais, do que Neptuno,
com todos, maior respeito

Certo nesta autoridade,
pretende mude de intento
o grande Nume, inclinado
a seu maduro conselho.

Eu (responde o sábio vate)
me persuado que não temos
justificados motivos
de acabar com este lenho.

A ousadia Lusitana
tem a posse, há muitos tempos,
que a seu ilustre semblante
vivam os mares sujeitos.

Vós outros o haveis sofrido
tantos anos, que este peso
nestas ondas, o costume
já natureza o tem feito.

[194]

Estas são somente as causas,
porque encontra o Mar sereno,
e as velas lhe incha a Fortuna
de tão venturoso alento.

Esta dita quási a vistes
lograr, a quantos soberbos
pinhos, até'qui medido
tem esses golfos imensos.

Inteiras selvas cruzaram
as ondas; e vós atentos
vendo estáveis tanta mole
ou medrosos, ou suspensos.

Pois se pode a injúria tanta
Sufocar-se o sofrimento,
como se não dissimula
um agravo tão pequeno?

Mas infâmia, que despique
é tão leve assunto, tendo
já passado as nossas iras

por mais sublimes empregos.

Não se envileça a vingança,
que um furor de um braço excelso
somente os cumes assombra
dos Ródopes, e dos Hemos.

Assim disse; e já a seu lado,
cingido o cerúleo pelo
de verde junco, se via
encostado o manso Tejo

Defendia o seu juízo,
porque entende os privilégios,
que tem, se a Ninfa habitar
o seu cristalino seio.

Junto está a Neptuno o Indo,
de palmas todo coberto,
e enramada de Aloé insigne
a parda luz de seu gesto.

Dói-lhe que os Penates mude
para o Lusitano Reino
a mais fermosa Deidade
de todo o frio elemento.

[195]

Incita a Neptuno a ira,
pois um finíssimo extremo
mais quer o objeto perdido,
que vê-lo em poder alheio.

Posta a solução a votos,

Ouviu-se a piedade, tendo
uma vez da tirania
a justiça vencimento.

Despediram-se as Deidades,
e ficou Neptuno aceso
em chamas de ira, fiando
de seu poder seus intentos

Enquanto, pois, se altercava
esta disputa no meio,
lá do mais alto oceano,
ia a Nau o Mar rompendo.

Tão suavemente divide
o cristal azul, que adverso
parece não ter das águas
o irado motor eterno.

Já assombrando as velas vinham
do Mar Roxo o inchado estreito
dando horror a urna infame
do Profeta fraudulento.

Pasmado a máquina tinha
de Adem o bárbaro Reino,
de Dófar a fronte insigne,
por seu soberano incenso.

Tinha atrás de Rosalgate
deixado os tristes desertos,
e da grão terra de Ormuz
os frontispícios soberbos.

De Carmânia os habitantes,
de Diu os muros excelsos,
de Guzarate as campanhas,
de Jáquete os arvoredos.

À vista da grande Goa
havia passado, e ao fero
semblante de Calecut
tinha dado espanto, e medo.

[196]

Lá deixava as saudades
em Cochim, daquele belo
tesouro, que lhe usurpava
de seu riquíssimo Império.

Descuidada do perigo
caminhava; e o sábio velho
vate do Mar, tinha posto
nele um profundo desvelo.

Alcançava de Neptuno
a cavilação, e atento
ao voto que tinha dado,
cuida em frustrar-lhe os desejos.

Nessa parte aonde a Arábia
feliz, e o Africano extremo
abre, em garganta medonha,
a boca do Mar vermelho.

Bem ante as ondas purpúreas
daquele Arábigo frete,
da Ilha Socotorá

se estende o fértil terreno

Com poder da Nigromancia
trata o Mágico Proteu
de erguer nela a perspectiva
de um pomposo sítio ameno.

A aparente fermosura
viu o Piloto, e querendo
dar descanso à Nau, da Ilha
demanda os verdes outeiros,

Vestidos se vem dos troncos,
cuja gala, cujo asseio
brandamente meneava
o doce assopro do vento.

De alegres plantas vistosas
se veem seus contornos cheios,
onde o namorado Apolo
penteia os áureos cabelos.

Não de natureza esquiva
crecem os verdes loureiros;
pois já benignos escutam
as ígneas vozes de Febo.

[197]

Por entre os pés retorcido,
docemente discorrendo,
dece, afagando as raízes,
um cristalino ribeiro

Dossel lhe fabrica a copa

do agradecido arvoredado,
em paga de seu cristal
lhe estar servindo de espelho.

Brilhante alcatifa forma
a mole relva, e no meio
de aromáticos arbustos,
se tece um frondoso leito

Aqui (na enseada de Zoco
já entregue a Nau ao ferro
da forte âncora) passava
Sepúlveda, e os companheiros.

Pela mão a bela Ninfa
leva ufano; e o movimento
melindroso dos filhinhos
conduz o sacro Himineu.

Da cristalina riqueza
tomam doce provimento,
e espalhados na montanha
gozam do bosque sereno.

O rumor, que as águas fazem
por entre os redondos seixos,
o sussurro, com que a aura
abana os ramos espessos

O hálito, que respira
o manso Favónio fresco,
o doce canto das aves,
das flores o suave cheiro

Preguiçosos os sentidos
tinham já; quando Morfeu
acabou de expor nos olhos
os vapores sonolentos.

Recostado o Herói insigne
jaz; enquanto vão batendo
o mato os sócios armados
atrás dos corsos ligeiros.

[198]

A seu lado achara esposa,
e as prendas d'alma estão vendo
como a um profundo letargo
tem já entregue o sossego.

O grande vate dos mares
observado havia o mesmo
naquele sítio, onde o estava
esperando há muito tempo

Tomando a encurvada efígie
de um prudente, antigo velho,
que do sábio desengano
mostra o venerando aspeto

Fiado a um bordão seguro
o trémulo corpo, e ao peito
entregue o cândido golfo
da barba, e mais do cabelo.

Medonhamente aparece
à vista dos pensamentos
do Varão, que o sono guia

pelos campos do conceito

Ó tu (lhe diz) a quem tanto
Até'gora o Fado austero
tem exposto das venturas
sempre os tesouros abertos.

Ó tu, que de tantas glórias
que hás tido neste Hemisfério
conduzes ao pátrio ninho
o mais venturoso prémio.

Ó tu, que aqui hás tomado
ditoso porto, de excelso
sagrado Nume influído,
escuta-me um pouco atento.

Detém Sepúlveda o curso,
não passes adiante; enleio
de teus gloriosos sentidos
seja este distrito ameno.

Constitui nesta Ilha
um domicílio perpétuo,
saudáveis são seus contornos,
o Céu manso, o Ar sereno.

[199]

Seus moradores defendem
a lei do sacro evangelho,
e entre montes inda a mão
da polícia os magistérios

Nada ao regalo da vida

serve aqui de horror, emprego
pode ser a suave estância
de todo o contentamento.

Fuge⁹⁶ à inconstância dos Fados,
que irados daqui os vejo;
e da terra do Natal
teme os perigosos ermos.

Olha que quer a Fortuna
Tirar-te em um só momento
quantas venturas gloriosas
te há dado por tanto tempo.

Repara que o Desengano
sou que te falo; e está certo
que ai de ti infeliz, se agora
deres a esperança ao vento.

Disse; e já o fictício corpo,
lá quási no último acento,
ficou em vapor tornado,
ficou em sombra desfeito.

Qual de tenebrosa noite
da roxa Aurora aos luzeiros,
de repente se desata
o pardo horror macilento.

Da imagem triste oprimido
desperta o infausto mancebo,

⁹⁶ Foge.

e entregue à torpe fantasma
confuso fica, e suspenso.

Qual o estrondoso alarido
de um vago trovão horrendo
deixa os tímidos mortais
alienados de si mesmos

Assim Sepúlveda fica,
quanto mais se vê desperto,
cheio o ânimo confuso
de horror, de assombro, e de medo.

[200]

Pensativo determina
dar com tudo, infausto enterro
àquele fúnebre sonho
em seu profundo silêncio

Mal o rosto o dissimula,
pois estão, enfim, gemendo
entre o pavor do semblante
os suspiros do receio

Ouve-os Leonor; e procura
vendo-os já tão inquietos
saber da escondida causa
os declarados efeitos.

Suplica que lhos decifre,
e empenha para isso o incêndio
distilado de seus olhos,
em dous brilhantes chuveiros.

Ai amada (lhe responde

o amante esposo, escondendo
daquele infeliz letargo
todo o discurso funesto.)

A imensa felicidade
de gozar-te é todo o emprego
da minha ânsia, e a minha dita
se torna contra mim mesmo.

Não tem constância a ventura
mortal; e assim considero
que os caminhos da subida
são as vias do despenho.

Ver-me na maior altura,
é maior susto: que perto
vive o estrago, se declina
tudo em chegando ao aumento!

Não me esquecem, se o permite
a sagrada lei que tenho,
esses auspícios, que a sorte
mostrou ao levar do ferro.

Ocultou-se o Sol, estando
Até'li o Céu sereno,
e um Caos de pardas sombras
enlutou o campo etéreo.

[201]

Soaram no Ar de um corvo
os roucos fúnebres ecos,
e flebilmente pulsava

muda a halitação⁹⁷ do vento.

Fazendo tálamo doce
do mais infeliz pinheiro
duas pombinhas estavam
praticando os seus requebros.

Quando um gavião medonho,
vindo afiando os cutelos
das garras, o touro infausto
deixava sanguinolento.

E bem vistes (ai esposa)
como deram, lá no meio
dessa praia, os Maçaricos
sinal de um triste sucesso.

Bem vistes ao inchar da vela
a horrenda voz, com que o fero
Mar bramiu, como se irado
desse em vão n'algum rochedo.

Tudo presságios são tristes,
e suposto que os não creio,
a mesma dita me influi
o cuidado com que os temo.

Caro esposo (a bela Ninfa
diz, em seu colo tecendo
os doces braços, saindo
mares dos verdes luzeiros.)

⁹⁷ Sic.

Caro esposo, da memória
riscai esses pensamentos;
também pode ser triunfo
vós, a vós próprio vencer-vos.

Não sirva só para Marte
esse generoso peito,
empregue-se em dominar
também as armas de Vénus.

Não esforceis as indústrias
do Fado; pois tem por certo
que não podeis ser vencido
salvo se for de vós mesmo.

[202]

Os acasos da Fortuna,
as contingências do tempo,
nunca em peitos generosos
tem carácter de mistérios.

Só espíritos humildes,
cheios de indigno receio
é que observam dos auspícios
os mal seguros sucessos.

Dar crédito às esperanças
da vindoura ação, é erro
pois se é desgraça a adianto
se é dita assustado a espero.

Que mais mal pode fazer
do dano o estrago tremendo,
que em fatigados avisos

não tenha o cuidado feito?

Vós com a ideia requintes
dais à dor, se é que contemplo
que inda é mais, do que a ruína
o susto, maior tormento

Alegrai-vos, e pois já
o claro senhor de Delfos
os encrespados cavalos
vira para o pátrio Tejo

Vamos seguindo seu curso,
e parta o breado lenho
dessas montanhas undosas
os verdes páramos crespos.

Disse; quando ao mesmo sítio
chegam os novos monteiros,
carregados dos despojos
daquele oriental terreno.

Menos assustado estava
o varão, porque os afetos
da amada esposa, lhe tinham
influído novo alento.

Tudo se embarca, e levando
da amarra os robustos dedos,
boa viagem, boa viagem
repete o confuso acento.

[203]

O pano já se desfralda,
assopra o Zéfiro, enchendo
da branca pompa de linho
os côncavos pavimentos.

Pouco, a pouco se desterra
a vista do vale ameno,
e aos olhos já se alongavam
os mal distintos outeiros.

Pondo nas costas convexas,
da Ásia o vulto corpulento,
tinha a Nau metido a proa
frente do Africano Império.

Já passando vai a linha,
que em curso firme, e direito
toda a orbicular figura
parte do grande universo.

Vai deixando à dextra parte
de Melinde o amigo Reino,
e da traidora Mombaça
o curvo bifronte esteiro.

Quíloa daquela costa
da África empório primeiro,
e adiante a rica Sofala
ia a Nau pomposa vendo.

Ametade, pois do golfo
de Zanguebar, e os desertos

de mil, e quinhentas milhas,
vencia o volante abeto.

Quando já no grande cabo,
que à Ilha de São Lourenço,
ocidentalmente afronta,
metia o rosto soberbo.

As indómitas correntes
daqueles Mares, vencendo
viam do Monomotapa
os rudos bárbaros ermos.

Mas o impaciente Neptuno
sofrer o ardor não podendo
de seu ciúme, desata
de uma vez o irado incêndio

[204]

Já ao forte jugo aplica
os dous Delfins, e regendo
o escamoso carro, lavra
os campos do inchado argento.

Lá pois onde o Oceano
encrespa um golfo, em que os ferros
da loucura humana, nunca
lançarão os pensamentos.

Onde indignado sacode,
lá de longe as velas, tendo
por guardas de seu distrito
o espanto, o pavor, e o medo

Entre as verdinegras ondas,
sobre uns ásperos rochedos
se abre a medonha garganta
de um cavernoso aposento

Nesta estância desabrida,
negada a todo o comércio,
vive Éolo, que dos Ares
tem o imortal regimento.

Aqui guia o Deus das águas
o curso fatal: suspenso
ficou o bárbaro Nume
do inopinado cortejo

Feita a Régia cerimónia
lhe diz Neptuno: Ó supremo
motor de toda a turbada
fúria do leve elemento

Não estranhes que eu profane
o sagrado horror, que observo
entre a rota escuridade
destes quebrados penedos.

De teu poder necessito,
e em um coração excelso
os caracteres do rogo
bastam para valimento.

A meus créditos importa
que um monstro alado que o negro
semblante do Mar agrave

[205]

por todo esse golfo imenso

Sejam seu sepulcro as ondas,
e diante os rústicos ermos
onde agora vai, encontre
o seu curso derradeiro.

Não pretende o rudo Éolo
saber o motivo, atento
somente a deixar o Nume
de Neptuno satisfeito.

Nas fechaduras da bruta,
pesada porta, onde os férreos
cadeados tem de um Abismo
guardado medonho centro

Mete a forte chave, a cujo
rumor se viram gemendo
daquela máquina dura
os seguros fundamentos

Corre o ferrolho, onde estavam
o Austro, o Bóreas, e o Euro
com medonhos assovios
mostrando o laço violento

Pelos Ares se desatam
em terremotos horrendos,
e a ofendida Divindade
lá vai em seu seguimento

Isto se passava aonde

vive Éolo, quando o peso
da Nau sofriam as águas
com benévolo sossego.

Já o luminoso rosto,
no cerúleo monumento
da líquida Dóris, ia
sepultando o ardente Febo

Cerrou-se a luz; e o Piloto,
que viu encobrir, com feio
triste manto, a noite, manda
vigiar os marinheiros.

Vinha o vento refrescando,
por cuja⁹⁸ sinal decendo
vão das gáveas os batidos,
inchados, volantes lenços.

[206]

Não eram bem enrolados
os panos quando batendo
sobre a máquina de pinho
vem o domínio dos ventos.

Rompem o velame, abalam
o casco, e os membrudos lenhos
de um e outro masto grande
despedaçam pelo meio.

Grita a companhia toda,
soluça o Mar, em chuveiros

⁹⁸ Sic.

se derrete o céu, vomita
sombras o noturno Érebo.

Rasgam o Ar os gemidos
dos bravos trovões; o imenso
Jove dos potentes raios
o arrojo vibra tremendo.

Dos relâmpagos as luzes,
com resplandores funestos,
alumiam dos perigos
somente o conhecimento

Dormente tinha o acordo
o espanto: tal é o horrendo
pavor, que para os suspiros
faltavam inda os alentos.

Já parece que deciam
à funda cova do Inferno,
já parece que tocavam
nos globos do Firmamento.

Corria a Nau ao arbítrio
do Austro; o grande madeiro,
das tormentas açoutado,
parece um leve instrumento.

Já da bela dama tinha
os sentidos, neste tempo
infaustamente ocupado
quási um mortal desalento

Assim o amante sem que
lhe supra o valor, que excessos
de amor, inda mais que os próprios
sentem martírios alheios.

[207]

Não cessava a tempestade,
nem a confusão, nem menos
da Morte o estar por minutos
o semblante aparecendo.

Em cada boca, que abria
o despenhado elemento,
das eternas sepulturas
mostrava os dentes abertos.

Do temporal aos estrondos,
se imaginava que os dedos
pondo a Parca na tesoura,
batia os medonhos eixos.

A toda a inchada borrasca
estava Neptuno atento,
como quem já dela tinha
fiado o seu desempenho.

Corrido se achava o Bóreas
de ver que ainda no meio
de tanto horror se mantinha
o redondo pinho inteiro

Para um só lugar convoca
as seis bochechas dos ventos,
e para tomar mais alma

um breve espaço estão quedos.

Eis que assopram todos juntos,
e logo foram batendo
com a triste Nau nas faces
daqueles duros rochedos.

Já de seu cume caídos
se veem seus ombros soberbos,
e é já um vale de troncos
quem foi um monte de abeto.

Qual rasgado em várias partes
o grande vulto de um cedro,
na pavorosa campina
fica de um raio aos incêndios

Assim feitos em pedaços
da infausta Nau se estão vendo
pela cerúlea campanha
somente os tristes fragmentos.

[208]

Neles pretendem salvar-se
esses, que do bravo pego
não tinham inda engolido
os gorgomilos horrendos.

Qual amarrado aos despojos
dos mastos, qual a um madeiro,
qual a um calibre, qual tinha
posto em um pau o remédio

Quatro tábuas, onde a fúria

do Mar fez menos emprego,
dos esposos, e filhinhos
eram flutuante leito.

Não tratavam de amparar-se,
tratavam só, neste aperto,
de abraçados uns com outros
dar os últimos alentos.

À praia o Mar os levava
de indignado, pois é certo
que amparar a vida a um triste
mais do que alívio é tormento.

Consente-o assim Neptuno,
porque sabe que os severos
Fados os iam guardando,
para mais tristes sucessos.

Na bárbara terra saem:
Ó sacra Musa, se eu devo
a teu soberano influxo
algum pavoroso obséquio

Ampara-me agora; e esforça
a harmonia de meus versos,
que se tu me não ajudas
em tanto horror desfaleço.

Saem, pois, na terra; e saem
alguns de seus companheiros:
triste objeto! o mesmo assombro
foge, por não atendê-lo.

Os soluços dos filhinhos,
da esposa o pranto, o silêncio
do varão, da Nau o estrago,
o assombro dos marinheiros

[209]

A barbaria da praia,
da noite o semblante negro,
o fero ronco dos mares,
o rijo clangor dos ventos,

Dos náufragos moribundos
os mal expressados ecos
tudo à mesma Morte agora
pudera dar sentimento.

Rompeu a Aurora, e maiores
as lástimas foram, vendo
com as luzes as ruínas,
que a sombra tinha encoberto.

Já ante os míseros olhos
ia o Fado expondo o mesmo,
que tinha em ideias tristes
compreendido o pensamento

Nauseado o Mar de quanto
tem seu fundo ventre cheio,
já na bacia da praia
vomita os corpos horrendos.

Vomita as riquezas todas,
que é generoso o desejo
da sua avareza, pois

só as quer para o desprezo.

Se é que para mais requinte
da dor, não há sido engenho;
para sempre expor as mágoas
à vista novos objetos.

Nesta parte está insensível
o varão; mais digno emprego
tem dado aos olhos, e a alma
o rigor do sentimento.

Todo está à amada entregue,
quási defunta; que extremo
menor, nunca oprimiria
um tão generoso peito.

Para maior mal lhe alcança
o Fado a vida; pois sendo
senhor dela, a seu arbítrio
lhe ficasse o seu tormento.

[210]

Já havia tecido os ramos
dos braços no esposo; e os tenros
pimpolhos, a roda estavam
soluçando, e mais gemendo.

Posto o varão entre o triste
espetáculo funesto
deste horror, do centro d'alma
arrancou estes alentos.

Eis aqui Ídolo infausto

de meu sentido, o estupendo
rasgo, que se tinha posto
nas folhas do azul caderno.

Eis aqui toda a figura
que havia a Fortuna aberto,
com negra face, ao arbítrio
da dura pena de ferro.

Eis aqui o caso horrível,
que enviado tinha ao conceito,
sobre as costas dos agouros,
tão tímidos mensageiros

Agora verás (ai doce
manchada glória) se é certo
que quási sempre os auspícios,
mais que acasos, são mistérios.

Agora verás se é forte,
ou fraco o impulso, que temos
para haver de desprezá-los,
ou para haver de temê-los.

Agora verás se nunca
sai o horror, sem que primeiro
traga estrondosos avisos
o batalhão dos sucessos.

Por não dar maior infâmia
aos sagrados magistérios
do vaticínio, inda então
calei maiores portentos.

[211]

Para o crédito bastavam
os latidos cá de dentro,
que um coração pressagioso
quási sempre é verdadeiro.

Tu então que me influíste
pareceu novos alentos,
confortando generosa
as angústias de meu peito.

Foi o valor desatino,
porque um feminil intento
pudesse produzir nunca,
senão da fraqueza efeitos.

Do que a audácia, mais esforço
era somente o receio;
que a essência da valentia
não consiste no despenho.

A fortaleza tem normas,
que não admitem meio,
a prudência as rege; o mais
seja o que for, tudo é medo.

Eu profanei do valor
o propugnáculo excelso,
cuidando que o perfumava
da constância o puro incenso

Que grave pena ao delito
despica (ai triste!) e que menos
se espera do Fado, quando

se acha indignado, e severo?

Que mais podia fazer
que avisar o estrago, crendo
os mortais que os seus avisos
logram poder de decretos?

É possível que pudesse
cabem em meu pensamento
o fugir, donde a ventura
me fez domicílio eterno?

Se quem padece desgraças
muda de Céu, com que intento
me tirei, donde achei sempre
do Fado o rosto sereno?

Que bem disse, quando disse
aquele cómico engenho:
que oh mil vezes temerários,
loucos, oh mil vezes cegos

[212]

São os que não tenho mais
que uma esperança, e sabendo
que a tem ao vento furtado,
tornam entregá-la ao vento!

Mas ai de mim, com que ideias
os fracassos entretenho?
se com elas não restauro,
antes desperdiço o tempo?

Enfim nesta inculta praia

saímos, não por desprezo
do Fado, mas sim por grande
prevenção de seus preceitos.

Não tão pouca cousa somos
que o seu infeliz progresso
nos tenha depositado
no vaso do esquecimento

Que pontualíssimo estive
do estrago ao mortal projeto!
toda a série dilatada
da memória lhe devemos.

Despicada a impiedade
se acha ufana; de desvelos
um século discursivo
tem custado o desempenho.

Em tanta ruína o mais pronto
alívio, que o pensamento
pode oferecer à esperança
é não ter algum remédio.

O arenoso frontispício
destes movediços ermos,
com medonha perspectiva
triste aparece, e deserto.

Ao longe se veem dos matos
a parda fronte; e os espessos
esquadrões do bosque, estão
vomitando assombro, e medo

[213]

Férvido todo o distrito
tiraniza o doce objeto
da suavidade no duro
patíbulo dos incêndios.

Os troncos do ar maligno
se veem torpemente enfermos,
sendo das selvas escuras
vegetáveis esqueletos.

Só dessas noturnas aves
se ouvem clamores funestos,
e das feras ignoradas
os espantosos acentos

Tudo, enfim, são incentivos
de horror, que com ímpio assédio
embaraçam dos recursos
os providos alimentos.

Mas suposto que defunta
jaz quási a esperança, ao menos
exima-se dos desmaios
a escassa luz dos regressos

Demos ao elemento firme
nossas vidas, já que as demos,
inda com mais ousadia,
ao mal seguro elemento.

Menor é hoje a loucura,
inda quando o infausto extremo
da amarga necessidade,

não salvasse o atrevimento.

Escapamos de um naufrágio
para outro; e bem reconheço
valer tanto o ser das feras,
como dos peixes sustento.

Mas enquanto existe a vida,
por mais que seja o aperto,
os meios de conservá-la,
é força que lhe busquemos.

O Fado a livrou de tanto
medonho furor; e é certo
que, ou foi para algum refúgio,
ou foi para mais tormento.

Da indignação da piedade
duvidosos cursaremos,
até vir o último ponto,
ou do estrago, ou do remédio.

[214]

Ai amada; que eu podia
ser só aquele, que menos
instruísse o conforto, em tantos
alentados documentos.

Eu devia ser aquele,
que entregue ao mortal silêncio
de um letargo, desse ouvidos
somente ao meu sentimento

Mas alguma cousa se há

de dever àquele peito,
que há vencido tantas vezes
os monstros deste Hemisfério.

Se as ações da heroicidade
não tiveram privilégios
de glórias, foram inúteis
ao Mundo os grandes exemplos.

Permita-se que a jactância
fale uma vez; e mais tendo
só por ouvintes as torpes
solidões desses desertos.

Disse; e os ais dos circunstantes
somente estão respondendo,
que assombrados pareciam
mudas imagens de gelo.

Pulava o contínuo pranto
dos olhos da esposa, e o terço
cristal líquido, enxugava
aos raios de seu cabelo

Apertados entre a esfera
de seu colo estão bebendo
os filhos, feita em pedaços
a alma em mudos extremos.

Quando os dous amantes tristes,
com lastimosos requebros,
entre si das prendas d'alma
dividem o doce peso.

[215]

Com lastimoso aparato
quantos o rumor violento
do Mar deitou; da Fortuna
seguem o pendão horrendo.

Por todos o horror achava
o número de quinhentos,
e mais trinta entre soldados,
escravos, e marinheiros.

Qual leva ao ombro o vestido,
qual traçada pelo meio
a capa, qual a camisa,
qual a casaca escorrendo.

Assim como, lá de Troia,
entregue a fúria dos Gregos,
vem saindo, os que formaram
de Lácio o célebre Império

Mal vestidos, e assombrados
das armas, e dos incêndios,
e Eneias a suave carga
paterna, às costas trazendo

Assim pela praia ignota,
deixando atrás os fragmentos
de tanto estrago, caminha
o varão, e os companheiros.

Com esta mísera forma
vão seguindo o movimento,
mais infausto, que se há visto

na roda fatal do tempo.

À disposição dos Fados
vão pisando a areia, vendo
cada vez mais da esperança
renacer o impedimento

As toscas bárbaras frutas
dos silvestres arvoredos
lhe vão a cansada vida
miseramente mantendo.

Quando os suspiros não fazem
o mesmo ofício, e o chuveiro
do amargo pranto, se enfada
de servir-lhes de alimento.

O agasalho, em que sossegam
é da terra o duro leito,
quando da cruel fadiga
se veem aflitos os membros.

[216]

Passa um dia, e outro dia,
um mês, e outro mês, e inteiro
sempre o Fado à impiedade,
sem dar algum refrigério.

A fadiga, a fome, a sede,
o ar mau, já tão alheios
os traz de si, que bem podem
desconhecer-se a si mesmos.

Destituídos das carnes,

rotos, míseros, enfermos;
corpos não, mas só parecem
Manes de seus esqueletos.

Cem vezes já em seus orbes
se havia o brandão etéreo
escondido lá no Hidaspe,
e mostrado cá no Tejo
Quando as margens desse rio
que o nome tomou do eterno
espírito, desatado
do Céu, em dotos incêndios

Chegaram, cujas ribeiras
a um venerando velho,
chamado Oinhaca, ofereciam
cristalino rendimento.

Não como bárbaro, como
político, conhecendo
a inaudita desventura
daquele infeliz sucesso

Benignamente acomoda
o infausto esquadrão; querendo
que em seu domicílio achasse
benévolo acolhimento.

A Sepúlveda dizia
descansasse até que o tempo
de algum Navio de Goa
trouxesse à volta do Reino.

Ponderava que adiante
menos seguro aposento
encontraria em Ofumo,
senhor dos seguintes ermos.

[217]

Que era rústico, intratável,
rude, tirano, soberbo,
mais desumano, e terrível
do que o próprio Polifemo

Sepúlveda arrebatado
do mal formado conceito
de chegar a Moçambique,
não aceita estes conselhos.

Passa adiante, embebido,
ou neste infausto desejo,
ou por seguir de seu Fado
todo o mortal movimento.

Chegam, enfim, ao contorno
temido daquele fero
Potentado, filho agora,
não do horror, do fingimento.

Dele o varão persuadido
fez aceitação do mesmo,
que antes com mais segurança
tinha já feito desprezo.

Logo o insolente Dinasta
quisera lograr o empenho,
que na triste companhia

maquinavam seus intentos.

Mas receoso dos brios,
que ouvira dos Lusos peitos,
das mãos pretende tirar-lhes
da vingança os instrumentos.

Intimava-lhe que os cafres
destes tomaram receio,
por isso não eram vistos
com mais carinho, e afeto.

Que as armas lhe desse, e logo
veria, como o respeito,
o agasalho, em seus vassallos
se fazia lisonjeiro.

Sepúlveda se convence
da infame proposta, sendo
os companheiros, e a esposa
de contrário pensamento.

[218]

Fortemente batalharam
com ele todos dizendo
que isto seria do estrago
o mais evidente meio.

Ninguém pôde dissuadi-lo,
logo que o fez num momento
ficou do Bárbaro todo
o desígnio descoberto.

Foram, enfim, despojados

de um tesouro, de tal preço
que julgar-se só podia
por Índia aquele deserto.

Assombrados desemparam
o infame alvergue, antevendo
que inda passaria o roubo
a mísero cativo.

Outra vez no horror se engolfam
do caminho; e neste tempo
somente vivos se achavam
cento, e vinte companheiros.

Rendido a tantos fracassos
o varão quási perdendo
a esperança, naufragava
nas borrascas do tormento.

O velame do discurso
roto se achava, e desfeito
o casco da fantasia
e o leme do entendimento.

Mas firme no estrago a sorte
não manifestava, ao menos,
sequer ao longe um alívio
na esfera do pensamento.

Antes em duro vexame
do Fado os tinha o severo,
indignado, carrancudo,
triste, formidável gesto.

Cansado já, não da fúria,
mas de o ter há tanto tempo
a seu arbítrio, se resolve
do estrago o horror derradeiro.

[219]

Um dia, pois, que engolfados
se tinham mais pelos ermos
ver se achavam à esperança,
ou à vida algum sustento.

Eis que de um torpe esquadrão
de ousados membrudos feios
ímpios Bárbaros se viram
cercados em um momento.

Bastava a incapaz figura
dos vultos, a dar receio,
a dar assombro, e espanto
ao mais destemido alento.

Não desmentia o semblante
a condição: rosto, e génio
tiveram por genitores
a fúria, e o atrevimento.

Trajam tigres esfolados,
da bruta pele tecendo
mangas os braços, da cauda
os cintos, da testa o elmo.

Os pés nus, arregaçados
os pulsos, azuis os nervos,
disformes as mãos, e tudo

de encrespada sombra cheio.

Por bastão o duro tronco
de um choupo, por instrumentos
da Morte, frechas tostadas
ao fogo do lume etéreo.

Abortos do desacato,
infames, rústicos, feros
querem despojar a Dama
do já destruído asseio.

Bem que às telas dos vestidos
o uso tem, e o desprezo
desfiado o ouro; e em partes
o matiz rasgado, e aberto

Nada suspende a avareza
o mesmo enxovalho, o mesmo
destroço, à brutalidade
gala lhe está parecendo.

[220]

Aqui tinha já perdido
Leonor de todo os alentos
com que tinha suportado
aquele infeliz progresso

Raivosa, irada começa
a defender-se, fazendo
de seus dentes, de seus braços
fracos, mas nobres cutelos.

Qual assanhada leoa,

cheia de assombro, com medo
que lhe furtem os cachorros,
se arremessa aos passageiros

Assim Leonor, novas iras
cobrando e o temor perdendo,
enveste⁹⁹ à sórdida chusma
daquele esquadrão funesto

Neste arrojo perigava
a vida, quando no emprego
dos cafres, corria risco
o sagrado encolhimento.

O Varão que com menores
desgraças ficara alheio
do discurso, nesta agora
restaurava o entendimento.

Eficazmente lhe intima
que neste mísero aperto
deixe vencer a vergonha
das armas do sofrimento.

Diz-lhe que de bizzarrias
honrosas já não é tempo,
pois não valem nos distritos
da violência os privilégios.

Qual estava vendo-se hoje
ser maltratada de uns dedos

⁹⁹ Investe.

tão vis, quem nunca ultrajada
foi, nem dos raios de Febo.

Qual estava olhando o infame,
descortês, irado aspeto
com que a tratava a cobiça
daqueles bárbaros Negros

[221]

Qual estava o esposo amante,
quando o seu cioso extremo
cuidou que inda a mesma Aurora
lhe fazia acatamento.

Qual estava ao ver que o débil
coração, não pode ao menos,
com uma morte afamada,
honrar um atrevimento

Qual estava a fantasia
dos sócios, notando, e vendo
que se encostava a impaciência
às mãos do falecimento

Qual estava; a mesma Euterpe
o diga só; que eu não tenho
ideia para alcançá-lo,
nem vozes para dizê-lo.

E menos ao ver que passam
a tanto furor: o alento
se me congela, inda quando
me ponho para escrevê-lo.

Passam, pois, a tanta fúria
que aqueles cândidos membros,
despojados dos vestidos,
já suspiram descobertos.

Aos ais da Ninfa, aos clamores,
ao pranto se viam tenros
daquelas incultas selvas
os mais broncos arvoredos.

Os pássaros, que voavam,
ouvindo os míseros ecos,
sobre a alcândara¹⁰⁰ dos troncos,
se punham mudos, e quedos.

Só a humana ferocidade,
as mágoas desconhecendo,
mais dura se viu, que os bronzes,
mais rija estava, que os seixos.

A tão estupenda vista
pasma a alma, e o pensamento
risca as imagens, por não
se envergonhar a si mesmo

[222]

Assombrados dela fogem;
tal é seu conhecimento
que tem por horror o próprio
simulacro do desejo.

Discorra-o assim a lascívia,

¹⁰⁰ Alcândora.

porém brutos nunca menos
se mostraram, que fugindo
de tão lastimoso objeto.

Por mais vítimas que o gosto
consagre ao delito, sendo
pela fúria ministradas
perdem logo os privilégios.

Sufocadas as potências
da Ninfa ao veemente excesso
da vergonha, o sensitivo
entrou num mortal silêncio.

Parecia na postura,
que formava o desalento,
ou estátua de alabastro,
ou vulto de caramelo

Mas apenas as veemências
do mesmo assombro, rompendo
foram o caos profundo,
que tinha formado o pejo.

Apenas viu como estava
quando se arremessa ao meio
da praia, a cortar vestido
daquele ardente terreno.

Cuida em sepultar-se viva,
porque em letargo perpétuo
de uma vez ficassem juntos
o seu pejo, e o seu tormento.

Caídos tinham os olhos
os circunstantes, abstendo
inda a vista pudibunda
das espécies do conceito.

Mas ao rumor levantados
veem aquele corpo belo,
já até a cintura metido
pela ígnea areia dentro

[223]

A semiforma, que está
tristemente aparecendo
sobre a praia solitária,
parece imagem do termo.

Suspendem-lhe a ação, a cujo
fatal lastimoso tempo
dous filhos, com fome, as vidas
dão, entre os braços maternos.

Já então não alterava
aos dous amantes extremo
algum dador, tinha o uso
natureza as mágoas feito.

As implacáveis fadigas
do trabalho, o moto interno
tinham torpe; e adormecido
já se achava o sentimento

Só pulsava alguma ideia
àquele instante, em que o negro
fio preparava a Parca

para o fatal instrumento.

Vendo pois a Dama triste
que se punha manifesto
na mole interior do corpo
todo o geral desconcerto.

E vendo, enfim, alterados
os íntimos elementos,
que a máquina sustentavam
daquele Mundo pequeno.

Vendo já intercadente
a respiração, e o peso
da forma humana, que estava
tremulamente gemendo.

Vendo que a indómita Cloto
afiava o aspado de ferro
da cruel tesoura, para
dar o golpe derradeiro.

A seus braços convidando
o caro esposo, e movendo
um mar de pranto nos olhos,
lhe pede que esteja atento.

[224]

Aqui tendes os meus braços
(lhe diz) porque entre eles quero
Dar-vos nesta despedida
estes últimos afetos.

Eu morro; e antes que a Parca

termine o instante violento,
concedei-me esta piedade,
já que outro alívio não tenho.

Bem sabeis vós (ai amado)
bem sabeis, que eu a pretendo
confiada na justiça
de tantos merecimentos.
Bem sabeis vós que em Cochim
fui o apetecido enleio
de todos seus militares,
generosos cavalheiros.

Bem sabeis que os sacrifícios,
que me ofereciam no templo
de minhas prendas, lhe davam
o carácter de discretos.

Bem sabeis que em meus altares,
com perene rendimento,
de devotos holocaustos
fumeavam os incêndios.

Bem sabeis que à fermosura
ou à riqueza atendendo,
coravam com o amoroso
os rebuços do avarento.

Bem sabeis que desprezando
todos, fostes vós o eleito,
tendo meu juízo da escolha
grande desvanecimento.

Bem que alcanço que são estas
finezas, de tanto preço,
a de entregar-vos minha alma
só que seja ouvida quero.

Eu vo-la entreguei, de sorte,
que o mais mínimo progresso
da ideia, em nenhum instante,
reservei para regê-lo.

[225]

Testemunha, pois, me seja
todo o Coro sempiterno,
como nunca ofensa alguma
vos fiz, nem por pensamento.

Puríssimo ardeu o círio
nupcial, sempre em meu peito,
e aos impulsos da concórdia
só subiu o fogo honesto.

Estes serão os serviços,
com que eu agora me atrevo
a pedir-vos que me ouçais
em meus braços, meus requebros.

Ai triste, ai perdido esposo
quão diferente os entrego
de algum dia! se é que tendes
na memória aquele tempo.

Quem dissera, vendo a pompa
com que o benigno Himineu
conduziu de seus triunfos

o mais alto desempenho,

Quem dissera, vendo ao Fado
ufanamente soberbo
levar das sagradas Núpcias
o casto brandão aceso

Quem dissera, vendo ao carro
ir tristemente sujeitos
todos esses, que ficaram
despojados, prisioneiros

Quem dissera, vendo a plebe
de Cochim, seguir o extremo
em nós da felicidade,
mostrando-nos com o dedo

Quem dissera, vendo a própria
ventura, enfim, com sossego,
tão ditoso, estar puxando
os áureos cordões do leito,

Quem dissera, que esta suma
de glórias, em tão horrendos
espetáculos, havia
de parar por derradeiro?

[227]

Eu o dissera, se então
aquele veemente excesso
de ditas, não perturbara
o próprio conhecimento.

Se é consequência infalível

que atrás do Verão o Inverno,
e da luz a escuridade
põem sempre o curso do tempo

Que esperava, que esperava
(ai infeliz!) se no mesmo
fiel sempre se mediram
da dita, e desdita os pesos?

Se é tão igual a balança;
como podia ser menos
a desgraça! havendo sido
tão grande o feliz aumento?

Esta praia ímpio teatro
é da desventura, sendo
já da glória, ufano circo
de Cochim o rico Império

Nisto parece que o Fado
se mostrou menos severo;
pois dando a glória à cidade
deu o infortúnio ao deserto.

Lá parece se mitiga
em parte a dor, conhecendo
que deste horror testemunhas
só são estes tristes ermos.

Que fora (ai de mim!) que fora
se o vissem aqueles mesmos,
que o triunfo celebraram?
que sentiram o desprezo?

Como podia a Fortuna
inventar maior tormento
que no altar da vaidade
chegar a pôr o despenho?

Mas ai mísera que ao passo
que estas ideias contemplo,
tudo o que parece alívio,
inda é maior sentimento.

[228]

Se o desafoço das mágoas
na lástima está; que nécio
é o horror que fugitivo
vive do acompanhamento!

Donde há de vir a piedade,
para acompanhar o enterro
da criatura mais infausta,
que a natureza tem feito?

Achá-la-ei por ventura
nesta areia, que fervendo
cospe o vapor, com que os raios,
se forjam no impulso etéreo?

Achá-la-ei entre os troncos,
que gigantes corpulentos,
sobre as serras ameaçam
todo o conclave supremo?

Achá-la-ei na dureza
destes bárbaros rochedos,
em cujas concavidades

habitam monstros horrendos?

Achá-la-ei: mas que digo,
que cuido, que considero,
que imagino, que discorro,
ou que neciamente peço?

Como as alheias piedades
procuro? se em vós só devo
buscar (ai querido esposo)
as paixões, que pretendo?

Em vós, em vós é que busco
toda a piedade; e estai certo
que achando-vos compassivo,
nenhuma desgraça temo.

Não cuideis que a sepultura
as acaba, quando vemos
que a mais infeliz de todas
consiste no esquecimento.

Desta tremenda desdita
queria, se é que eu mereço
alguma cousa, me livre
vosso amante pensamento.

[229]

Devam-vos minhas finezas
este culto, e tão funesto
assunto, em vossa memória
fique eternamente impresso.

Dando pois imortal voto

à minha ânsia, inda não tendo
valor de holocausto, sempre
como sufrágio o aceito.

Avive a constância às aras
ver estes pedaços tenros
de meu coração, seguindo
as partes do meu sucesso.

Se gerados entre a frágua
do mesmo Amor, já desfeitos
entre a horrível oficina
da miséria, e do tormento

Tirana há de ser a ideia,
que apagar no fino lenço
da memória, a triste imagem
deste nunca visto objeto.

Eu de vós não o presumo,
antes consolada entendo
que desta tragédia altares
há de erguer a idade ao tempo.

Imortal a benefício
vosso serei; porque menos
vida, não pede a estatura
de um amor tão corpulento.

Confesse a mesma desdita,
que o nosso ardente desejo
se o fez momentâneo o Fado,
o faz a saudade eterno.

Este é o mais digno sepulcro,
que espero agora dever-vos,
quanto a alma, porque ao corpo
com bem pouco me contento.

Nem a vós vos custará
muito trabalho o fazê-lo,
quando já minha fadiga
nesta areia o tem aberto.

[230]

Nesta pois hórrida cova
seja metido; e no meio
lhe ponde um monte, formado
desses partidos rochedos.

E seja esta perspetiva,
lá ao longe, um mudo freio,
com que suspenda o caminho
o cansado marinheiro.

Rasos de água os longos olhos,
em seu lastimado peito,
com tristíssimo soluço,
gema, e suspire o silêncio.

Escusado ficará
pôr na campa algum leteiro;
sobrarão da mágoa as vozes,
se calar a Fama os ecos.

Mas, ai doce glória minha,
é chegado o instante; perto
das portas da eternidade

caminha o mortal alento.

Abraçai-me eterno ausente
da minha alma; que a não ver-vos,
para nunca mais, da vossa
cara vista me despeço.

Abraçai-me; e este contacto,
tão amante, como honesto
receba da minha boca
tanto suspirado incêndio.

Abraçai-me: Mas ai triste
de todo acabo, eu faleço,
morro, e de balde me animo,
suspiro, soluço, e gemo.

Pelos intrínsecos poros,
já minha alma vem rompendo
essas ligadas clausuras
de meus fatigados membros.

Tomai-a, tomai-a à pressa,
que chega meu bem, ao centro
de vosso peito amoroso
eu a envio, eu a entrego.

[231]

Disse; e o espírito fervente
deu ao amado; rendendo
entre um perpétuo desmaio
todo o vital movimento.

Ficou, qual o roxo lírio,

que o desabrido Dezembro
em tapetes de esmeraldas,
cobre de branco veneno.

Mármore o varão se via,
apenas teve o acerto
de consumir ao cadáver
o rústico monumento.

Nos braços tomando um filho,
quási expirando, funesto
despojo, que tinha o Fado
deixado inda ao sentimento.

Pondo os olhos fitamente
num vizinho bosque espesso,
rodeando os sócios todos
com semblante macilento.

E depois deitando a vista
ao Céu, pasmado e suspenso,
se entrou, onde nunca mais
foi visto dos companheiros.

SEGUNDO POEMA PATÉTICO

Melancólica Deidade
desse monte bipartido,
que em pálidas influências
exalas mudos suspiros.

Inspira-me as tempestades
de teus ais; e o peito frio,
pelo assombro congelado,
arda em métricos gemidos.

Eu canto, ou gemo a tragédia
mais infausta, que há descrito
no Anfiteatro do tempo
a soberba do destino.

Mais quero a veia do pranto,
que a do plectro; porque o ritmo,
mais que na luz que sufoco,
creça no horror, que respiro

Já do Zodíaco o ardente,
incansável peregrino
havia às pontas do etéreo,
biforme monstro subido.

Na triste noturna casa
que impera o gesto maligno
do voraz Planeta, dado
tinha já vinte, e dous giros

Dezassete vezes cento,
com mais vinte e três, torcido
da eclíptica cabalmente
tinha o trilhado caminho.

No celeste caranguejo,
cheio de fúnebres visos,
acabava o plenilúnio
o Nume do globo primo.

[233]

Quando o semideus, que adorna
o topete serpentino
com a rama, semelhante
à que enlaça o verde tirso

Vendo estar quási ultimada
a imagem fatal, que os circos
dos orbes, à luz compunham
de seus trepidantes círios

Vendo endireitar o raio
à planta, de cujo antigo
tronco, sagrado custodia
era, e tinha sempre sido

Vendo preparar o estrago,
que lá desde o seu princípio,
a enfermidade do aumento
traz sempre junto consigo.

Vendo já chegar-se a ruína
que há muito tinham previsto,
nos mapas da contingência

os olhos do vaticínio.

Vendo, enfim, que inda que alcance
este destroço, o escondido
cofre do Fado, lhe oculta,
do efeito o modo distinto

Por ver se o dano embarça,
quer conhecê-lo, seguindo
a esperança de que o sábio
tem nas estrelas domínio.

Onde a máquina da Terra,
com imundo desperdício,
descarrega as fezes torpes
de seus membros mal sofridos.

Terráqueo Anteão se forma,
tal, que o menor requisito,
é de tão heterogéneas
substâncias haver nacido.

Denso mais que a mesma noite;
pois nunca seu centro hão visto
os reflexos de Diana,
nem os fulgores de Cíntio

[234]

Bárbaro como Ampelusa,
pois em seu feio distrito
só se ouvem de Bufos brados,
e de Dragões assobios

Intrincado, qual a Arménia,

que em seu triste labirinto,
apenas se engolfa a planta,
quando se confunde o tino.

Tão áspero, que os penhascos
tem mãos, e braços unidos,
mais para o estranho despenho,
do que para o próprio arrimo.

Tão impuro, que outras aves
se tocam seu cume altivo,
mais que cansadas do voo,
caem mortas do ar maligno.

Tão cavado, que em seus seios
cavernosos de contínuo
soluça em negras voragens
o poço do lago Estígio.

Tão medonho, que na fronte
tem feiamente esculpido,
por guarda, a imagem do medo,
e a fantasma do perigo.

Nas entranhas deste duro
Encélado, repartidos
três fundos tem, de três penhas
três quebrados gorgomilos.

Bósforos, por onde irado
vomita o cremor nocivo
o túmido movimento
do verdinegro Cocito.

Gargantas, por onde expulsa
o côncavo dos Abismos
do trifauce cão Cérvero
os três horrendos latidos.

Casas, que servem de trono,
ou de tumba ao exercício
das três Irmãs, que dispensam
alentos, e paroxismos.

[235]

Triforme horror, que entre os dedos
diversas telas urdindo,
às teias da humanidade
fia, doba, e corta os fios.

À porta, pois, deste assombro
do mesmo Averno, os indícios
do estrago, tinham o Génio
altamente conduzido.

Admiradas as três Parcas
de ver rasgado o aforismo,
que a Morte tinha disposto
no horror daquele edifício

Carregando as sobrancelhas
sobre os olhos, e os torcidos
sangos¹⁰¹ do pelo eriçados,
que é isto? (dizem) que é isto?

Como pode haver discurso,

¹⁰¹ Sic.

tão louco, que haja empreendido¹⁰²
chegar onde, nem o mesmo
Plutão até' qui tem vindo?

Como é possível se atreva
alguém a inquirir o arquivo,
onde estão depositados
da sorte os fatais disígnios?

Como? como? sem que deixe
a execução de improviso,
de mudar em escarmento
discurso tão atrevido?

Dizem: quando abrindo logo
da tesoura os duros fios
a fera Átropos, intenta
reger o mortal castigo.

Porém pondo nele os olhos
suspende o golpe: indeciso
fica o furor, e o respeito
entre o caduco, e o divino.

Fez cortesia da força,
que era o decoro preciso,
pois a violência da Parca
não tem nas almas domínio

[236]

Ele aproveita o cortejo,
dissimulando o delito;

¹⁰² Empreendido.

para que a lisonja faça
de Cloto o rosto propício

Ó inexoráveis Deusas
(lhe diz) cujo ser é filho,
não menos que do potente
Regedor do eterno Olimpo.

Vós, que nos eixos do aspado,
fatal instrumento ímpio,
dos Polos da vida humana
tendes o vital arbítrio

Vós, que igualmente severas
haveis do horroroso ofício,
que é alegoria do tempo,
o trabalho repartido

Vós, enfim, Ó Manes, onde
nunca o semelhante benigno
da piedade em vossa ideia
foi até'qui conhecido

Escutai meu rogo, sendo
valia para os esquivos
discursos, a majestade
da causa, que me há trazido

Eu sou aquele sagrado
Vigiador, que sempre assisto
aos Lusitanos diademas,
como excelso Paraninfo

Eu sou, o que alei um tempo
os pensamentos altivos
do Monarca mais ditoso,
por nunca achados caminhos.

Eu sou, o que abri as portas
do Oriente, e o matutino
berço embalando ver pude
à mesma Aurora dormindo.

Eu sou quem guiou os altos
efeitos, desses auspícios,
que na Lusa Calípolis
tinha a Fortuna escondidos.

[237]

Sou aquele, enfim, que guardo
tronco, e ramo desse invicto
bastam, que de estoque em cetro
muda o Real Planeta Quinto.

Primeira Luz do – segundo –
e Irmão, Desses, que escolhidos
tem a Fama para assunto
de seus voos, de seus gritos.

Entre a majestosa série
de tão régios indivíduos,
nas folhas do azul caderno
medonho aspeto diviso.

Confusamente os estragos
percebo; pois no maligno,
turbado influxo, as imagens

da tragédia não destingo.

Quero reparar¹⁰³ o dano,
porém no horror, que medito
apaga a luz dos remédios,
das sombras o labirinto.

Permiti vós, pois, ó Numes,
que me seja concedido
ver do arcano dos futuros
os mais ocultos resquícios.

Não nécia curiosidade
é que me obriga a pedir-vos
me reveleis os segredos
mais profundos do destino.

Não fantástica jactância
me incita a que os esquisitos
intentos do Fado rasguem
seus nunca rotos sigilos.

O carácter de meu nome,
a honra de meu ofício,
o peso da causa, a ilustre
própria obrigação do asilo

Me move, ó gémeas sagradas,
a implorar que o sacrifício
do rogo abrande a impiedade
de vossos surdos ouvidos.

¹⁰³ Reparar.

[238]

Disse: e elas (ó grandeza
de tão superior motivo!)
medindo a causa derrogam
seus invioláveis estilos

A agreste entrada franqueiam,
cujo parástade esquivo,
nem do próprio atrevimento
até'gora ombreado há sido.

Enfim estão resolutas
de pôr seu rogo ante o juízo
do Fado, aonde o que pede
lhe seja, ou não concedido.

No mais fundo, pois, do horrendo
bárbaro alvergue, em um rijo
penhasco, se ergue a fachada
de um soberbo frontispício.

Dura porta guarda os centros,
cujo bronze, e aço fino
foi em Lipare dos Brontes
severamente batido

Aqui levaram as Parcas
o génio celeste; e abrindo
o forte metal, puseram
patente o infausto edifício

Do Fado o rosto biforme
viram, que está presidindo

à confusão sempiterna
daquele Tartáreo sítio

Do macilento semblante
movendo os dous Basiliscos
dos ígneos olhos, penetra
todo o Averno, todo o Olimpo.

No férreo bastão, que empunha
tem sujeito a seu domínio
a Terráquea redondeza,
e os âmbitos diamantinos

Se firma a planta assegura
Terra, e Céu, se anima os giros
põem logo todos os orbes
vagantes, e movediços.

[239]

Este onnipotente monstro,
quando os fúnebres retiros
vê de tanto horror abertos,
fica absorto, e espavorido.

Mas sossegado das Parcas,
e informado de tão digno
rogo, mostrou de algum modo
seu semblante compassivo.

Já então o sagrado génio
tinha cortês, e submisso
satisfeito à cerimónia
de estar a seus pés caído.

Deu sinal que se levante,
e lá do profundo arquivo
de seu peito, desta sorte
move o vocal alarido.

Qual o som, com que em soberbo,
escumoso precipício
cavam o Mediterrâneo
as sete bocas do Nilo

Ó tu (lhe diz) que pudeste
Ver meu rosto, benefício,
desde que os orbes, são orbes,
nunca a ninguém permitido.

Tu que em tão sublime empresa,
para encontrar-me propício,
era não teu Nume, mas
teu grande assunto preciso.

Verás tudo quanto pedes,
inda que o infeliz registo,
não seja para o remédio,
que é impossível o auxílio

Decretados já da eterna
omnipotência, os avisos
do estrago estão, cujos rasgos
não podem ser desmentidos.

É a tragédia que temes
infallível, foi escrito
seu decreto, sem as forças

[240]

dos condicionais arbítrios.

Com esta salva, aqui tens
aberto o selado livro,
que a pluma das contingências
encheu de incógnitos riscos.

Disse; e uma nuvem de fumo
rasgando de um cristalino
cerúleo corpo, descobre
todo um rotundo obelisco.

Sol foi o espelho de tanta
noite fatal, atrativo
dos orbes; pois nele estava
todo o Mundo refletido

Tanto a certeza do dano
teve absorto o Paraninfo,
como o tinha agora a imagem
deste assombro suspendido.

Assim como quando acorda
na montanha o peregrino,
com os olhos de repente
dá no celeste Safiro

Desta sorte o sacro génio
recebe os cerúleos visos
da enferma luz agitados
contra a treva dos sentidos.

Desta confusão o altera

o Fado, já descobrindo
no transparente universo
os espalhados caminhos.

Bem alcanço (assim prossegue)
que é verboso desperdício
das quatro partes do Mundo
mostrar-te os corpos distintos

Bem sei que do Ar, do Fogo
os magnos constitutivos,
às mensuradas enchentes
do Mar, o centro do Abismo

Dos ventos, trovões, e raios,
chuvas, névoas o princípio,
dos vagabundos meteoros
as trepidações, e os ciclos

[241]

Não incitam teu desejo,
quando te está persuadindo
a alcançar só dos influxos
os passos mais escondidos.

Vira, pois, a vista ao tempo
pretérito, e os olhos fitos
deita bem do mês de outubro
ao dia décimo quinto

Da era de mil seis centos
noventa, e nove, e o nocivo
resplendor, que se desata
vê no horoscopo maligno.

Repara; e olha estendida
apenas com lustros cinco
a porção fatal, que forma
aquele augusto Indivíduo.

Vê mais como infaustamente
ao turbado natalício,
a mesma sombra de humores
venenosos tem enchido.

Atende à medonha imagem,
que deles ergue, e no rio
da nativa formatura,
como o deixa submergido.

Nesse enlutado reflexo
vê como alcanças escrito
todo o curso portentoso
de tão infaustos prodígios.

Vai lendo, e verás que o Tejo,
cujos páramos não são
teatro de glórias, são nela
de horrores somente circo.

A mesma fluida boca,
por onde se não difundido
tantos aplausos, garganta
é só que exala suspiros

Túmulo horrendo (ó influxo
inviolável!) é preciso

[242]

que seja daquele amado,
daquele sempre benigno

Daquele eminente em tudo,
daquele, que teve unido
alto ser, coração Régio,
prendas, gentileza, alinho,

Daquele, que o tronco augusto
plantou no ilustre destrito¹⁰⁴
de Ligne, e Arronches, luz dando
a um, e a outro apelido.

Daquele, enfim, que a ventura
pode alcançar de ser filho
de Pedro o grande: comela¹⁰⁵
fica tudo encarecido.

Mas porque em mortas imagens
mostro o influxo? se dos vivos
originais por minutos
os brados se estão ouvindo?

Saia a ruína, pois a campo,
contra a opinião de haver sido,
sempre menos temeroso
o dano, do que o perigo.

Já na cristalina meta
dos orbes se acha cumprido
e enfim é chegada a hora

¹⁰⁴ Distrito.

¹⁰⁵ Sic.

fatal, do raio inimigo
Dece pois a vista desses
sacros globos, e medindo
a azul campanha do Tejo,
atende ao mortal conflito.

Vês esse ligeiro monstro,
que tantos montes de vidro
com cem braços apartando,
parece um Briareu marinho?

Vês esse alado cometa,
que os âmbitos dividindo
do Ar, com as brancas asas,
parece Avestruz de Linho?

Vês esse coche breado
de Dóris, que traz consigo
os que há pouco enobreceram
de Actéon os exercícios?

[243]

Vês esse, enfim, mais robusto
Bucentauro conduzindo
família ilustre dos bosques
de Diana, ao pátrio ninho?

Pois se é carro triunfante,
que leva o varão mais digno
de lástima, e de memória,
cheio de brutos vencidos

Por instantes está sendo
triste, pesado Escafídio,

que as prendas eternas d'alma
conduza aos campos Elísios.

Disse; quando o Palinuro
do infausto baixel o tino
perdendo ao leme, e os remeiros
destreza, força, e aviso

Austro traidor infestando
o monstro azul, de improviso
ficou carroça da Morte
quem foi florão Neptunino.

Vendo o Tejo o Real despojo
dentro em si mesmo, subindo
de ponto, a inchada vaidade
se pôs mais entumecido

Com tanta soberba o sorve,
que em um instante do altivo
de seus borbulhões o lança
no fundo de seus abismos

As Náíades, que debaixo
lá das ondas descobrindo
claramente estão das águas
todo o campo cristalino

Cuidaram, vendo o naufrágio,
que mais glorioso Narciso
enobrecia as correntes
com segundo precipício

[244]

Que pouco o ardor lhe aproveita!
daquele esplendor antigo,
de Jove comunicado
a seus invencíveis brios!

Com as águas corpo, a corpo
valente Atleta esgrimindo
os fortes braços, não pode
já contrastar o inimigo.

Para apagar tanto incêndio,
como exala o peito invicto,
pareceu à sorte que era
tanto dilúvio preciso.

Enfim já seu mesmo esforço
se faz parcial do perigo;
que é certo que de si mesmo
só podia ser vencido.

Vendo já completo o Fado
de todo o infausto Epiciclo
de seu astro, à Parca ordena
que exercite o seu ofício.

Disse; quando Átropos dura
deixa logo o negro fio
da contextura animada
violentamente partido.

Lá retumbaram os golpes
nos fundos mares; e o aflito
corpo ilustre foi coberto

dos últimos paroxismos.

Foi coberto; e mais de quantas
Deidades, o derretido
aljôfar das águas forma
em seus cândidos arquivos.

Confuso pranto consagram
ao cadáver, tão contínuo,
que de seus olhos pudera
formar-se outro novo rio.

Mas julgando ser mui frágil
o líquido culto, divo
funesto aparato empreendem¹⁰⁶
em seus mesmos domicílios.

De quantos Numes, das ondas
entre os fluidos vazios
vivem, o Mancebo augusto
adorado tinha sido.

[245]

Querem, pois que o triste fasto,
já que ser não pode alívio
da saudade, ao menos alívio
desempenho do carinho.

Convocar mandaram logo
de todo o elemento frio,
para aquele mesmo instante
Ninfas, e Deuses marinhos.

¹⁰⁶ Empreendem.

Entretanto no mais alto
do pego, inchado obelisco
erguem, que em matéria, forma
lugar, exceda os do Egipto

Posto o funeral em ordem,
Dá-lhe soberbo princípio
um Tritão, que oprime a boca
de um ronco clarim torcido

Outro se segue, que leva
o estandarte Libitino
no Tridente de Neptuno
já pendente, já estendido

Coro de belas Deidades,
em tarjas de cristal fino,
do Pentágono sagrado
leva os vultos esculpidos.

Glauco arvora o áureo estoque,
de cuja têmpera os ígneos
fulgores, foram na frágua
dos Esteropes fundidos.

Segundo coro de Ninfas
traz em baixelas de vidro
a gala, cortada a voto
da riqueza, e mais do alinho.

Toda a magnânima série
das virtudes, que hão cingido

seu ânimo excelso, os passos
do funeral vem seguindo,

Da Retidão, da Prudência
da verdade os aforismos,
da Fortaleza, Justiça,
e Modéstia os exercícios.

[246]

E da liberalidade,
da Magnificência os ritos,
deixa o pincel à memória,
e à vista restituídos.

Já sai a douta fileira
dos liberais artifícios,
em que os dotes d'alma foram
com raro engenho instruídos.

Que admirável forma trazem!
nos instrumentos distintos
por onde se diferenciam
seus agentes compreensivos!

A Retórica as figuras,
a Gramática os estilos,
a Arquitetura os compassos,
a Lógica os silogismos.

Pautas a Música, globos,
quadrantes, ângulos, livros
a Astrologia; e enfim cheia
a Aritmética de ritmos.

Bárbaro esquadrão de Focas
se segue todo vestido
de capuzes enlutados
dos mais verdinegros limos.

Roucos tambores fatigam,
a quem deram som esquivo
as conchas das Tartarugas,
as peles dos Crocodilos.

Outra esquadra move o estrondo
do clangor, que deixa limpos
com arrastadas bandeiras
os transparentes caminhos.

Vai logo o vate dos mares
convocando, e presidindo
a todo o escamoso gado
que abala o seu assovio

Um exército de luzes
pardas, e tristes saindo
vem dos pálidos reflexos
de topázios, e safiros.

[247]

As Nereidas as conduzem
mudado o cerúleo riso
de seu semblante no denso
gesto de um caos sombrio.

Já chega o diáfano plaustro,
cuja forma há excedido
as ideias de Vitruvius,

e as fábricas de Corinto,

Mais sólido que o diamante,
mais matizado que o nitro,
enveja de Praxíteles,
admiração de Lisipo

O venerando cadáver
nele descansa: Oh mais digno
do cetro, que da mortalha!
do trono, que do obelisco!

Sobre os ombros verdes, como
feudatários ao domínio
Lusitano, o leva o Tejo,
o Hidaspe, o Ganges, e o Indo.

A seus lados entoando
fúnebres, cadentes hinos
vão as que venceu o astuto,
sábio amador de Calipso

De trás caminha o inconstante
Jove escumoso, que unido
vai a bela Mãe daquele,
que horror foi dos campos Frígios

Enfim o padre Oceano
das vestes Reais despido,
ultimamente acompanha
da pompa o letal destino

Toda a azul circunferência

discorre o aparato, vindo
a parar, lá donde estava
o Mausoléu construído.

Às entranhas pois da agulha
dão o corpo os quatro rios,
de fontes perenes nunca
mais do que agora nascidos.

[248]

À urna, mais do que a tampa
funesto pranto cobrindo,
deu logo a saudade eterna
um geral clamor princípio.

Cingem de pálidos goivos
o sepulcro; e de um florido
Íris cheiroso o coroam,
formado de roxos lírios

Lâmpada imortal consagram
ao cadáver, cujo ativo
resplendor, os raios formam
de um abrasado jacinto

Perene culto lhe ordenam
de aromático exercício,
distilado nas borbulhas
de um sábio Terebinto.

Epitáfio não lhe gravam;
porque a tão sagrado sítio
bárbara curiosidade
não mova o passo atrevido.

Basta para nunca exausta
ser a saudade, o que escrito
tem a lástima, na esfera
da memória, e dos sentidos

Para dar, pois, à loucura
mortal termo, de perigos
estas águas enchem, como
o golfo infeliz de Euripo.

Finalmente circundando
o piramidal jazigo
das chamas fundas, que exalam
os nunca apagados círios

Espalhados pelas ondas
os verdes Manes, cobrindo
os rostos de pura mágoa,
buscaram seus domicílios.

Só fica o túmulo, e só
de seus méritos cingido
foi entregue ao Evo, contra
o poder do lago Estígio.

[249]

Já sem forças neste tempo
se achava o génio divino,
à pena, ao pesar, a ânsia,
e ao sentimento rendido.

Absorto, mudo, e suspenso
desempara o horrendo hospício

do Fado, que até parece
deixava compadecido.

Para prosseguir o curso
outra vez do seu ofício,
batendo as ligeiras asas
se remonta no Ar vazio.

LAUREOLA MÉTRICA

Sagrada Musa, desata
todo el celeste reflujo
de la métrica armonía
por los campos del discurso

Del más cándido más bello,
más limpio, más blanco, y puro
Armiño, no gimo, canto
martirio, laurel, y triunfo.

Tu cualquiera que consagras
inmaculado tributo
al altar de la pureza,
convoca el ansia del gusto.

[250]

Y prepara los asombros
si en las voces, que artículo,
la enfermedad del estilo,
no desmayare el asunto.

Donde con mayor cuidado
sigue en el seno de Luso,
a la Deidad de Pomona
la fatiga de Vertuno.

Donde en dulce primavera,
con el cálamo fecundo,
de los sagrados Elíseos
pinta el suave dibujo

Donde la sacra corriente

del Nabán, ofrece el culto,
lejos seiscientos estadios,
a las aras de Neptuno

Aquella ilustre Nabancia
venerada, aun del insulto
del fatal olvido, ostenta
torres, palacios, y muros.

Las voluntarias rodillas
del obediente concurso,
con gustosa reverencia,
redobla a un joven agosto.

Era el garzón desempeño
de los celestes influjos;
de la pompa, y de la gala
prototipo, no trasunto

De Adonis tenía el genio,
la edad del Troyano Julo,
el corazón de Alejandro,
el espíritu de Curcio.

Ostentaba en sus Abriles,
no el color, si el fruto
de Noviembre, convidando
a la acción, no al anuncio

Pues acertaba tan diestro
de Reinar el arduo punto,
que parece que vivía
con el alma de Licurgo.

[251]

De la venerada Astrea,
la voluntad, no el yugo,
en las aras del respeto
ilustraba el estatuto.

La humana nave batiendo
todo el velamen jocundo
de las dichas, se engolfaba
en sus venturosos rumbos

Cursa, vuela, y conociendo
al Ecuador se detuvo:
en el Arsenal del Hado
encogió el volante orgullo.

Era dicha; y como había
legado al término, hubo
de volverse: o inflexible
ley, del mortal atributo!

Vio a Irene; este el escollo
en que el fatal Palinuro
de la ventura bogante,
la máquina descompuso.

Escollo sí; por fuerza,
con que a las ondas del Mundo
resiste; escollo, en lo altivo,
en lo blanco, y en lo duro

Apenas, pues, impugnado,
por el timón del discurso,

roto en ascuas deja el pecho
transferido en el Vesubio.

Arde; y como la materia
dentro del alma dispuso
la porción de incorruptible,
inmortaliza lo adusto.

Arde; y el sudor, que exhala
el corazón, si hay alguno
incendio, menos activo
le añade mayor impulso.

Del fuego el labio invisible
chupando el húmido curso
de la sangre, el edificio
deja prostrado, y caduco.

[252]

Al lecho se ofrece el cuerpo
más como holocausto injusto
al ardor, que como ofrenda
ya de Esculapio al estudio.

Mas en el ocio peligran
los remedios; pues redujo
a duelo mortal, la idea
de los males el tumulto.

En la intencional campaña
desbocados, iracundos
discurrían pensamientos
la valla de los futuros.

Ni suspendidos quedaban
a cuanto sonó, compuso
en el doméstico circo
la pompa, el fasto, y el lujo.

Arte, poder, y riqueza
el mismo aseo dispuso
que para pulir la gala
concurriesen todos juntos.

De recamados doseles
los retorcidos coluros
cuatro Atlantes sustentaban
tan fuertes, como membrudos.

De la espalda el aire curvó
por los ojos introdujo
que estaba de la fatiga
vacilante, o mal seguro.

Al parástade soberbio
ciñen fabulosos bultos,
nunca jamás desbastados
con cinceles tan robustos.

De dorados artesones
descienden áureos productos
del telar, para surcaren
golfos de matices Turcos

Encelados cristalinos
vibran ardores cerúleos,
en ellos reverberados

[253]

esos espacios rotundos

De bárbaros camafeos
los simulacros ebúrneos
en la variedad, parece
que hasta hermoso hacen lo bruto.

Descubre el pincel asombros
en coloridos dibujos,
de cuanto afanó Timantes,
de cuanto Apeles compuso.

Tan llenos de alma los rasgos,
que avergonzado el estudio
del natural movimiento,
logró hasta el desprecio cultos.

Las más viles producciones
de los orbes, del agudo
plumaje imitadas, fueron
aun Ídolos del discurso.

Al mismo compás describen
de los Dioses los insultos,
donde de la Mitología
renueva el pasmo, el tributo.

Tan propiamente retrata
el homicidio en Mercurio,
que en la idea, más que en Argos
mueve el letargo profundo.

Tan naturales del padre

voraz infaustos alumnos,
que parece los devora
más la vista, que Saturno.

Forcejando la triforme
Hécate, y el Tartáreo Pluto,
aun en el matiz pululan
brazos espaldas, y muslos.

Al lascivo movimiento
del Planeta más jocundo,
en el color, de sus aves
aun se escuchan los arrullos.

Parece que entre las sombras
de la tinta, hace sepulcro
del Orbe, Jove vibrando
el manojó furibundo.

[254]

Parece armado Mavorte
con el estoque en el puño,
y calada la visera,
que amaga el cielo y el Mundo.

Parece que despidiendo
rayos el torpe disgusto
de celoso afán, abrasa
la esfera el rencor de Juno.

Parece, en fin, que en montañas
de cristales, los coluros
quiere trastornar el loco
movimiento de Neptuno.

Pero nada de Britaldo
(este del ya moribundo
joven era el nombre) daba
al ansia sosiego alguno.

Antes los ígneos síntomas
del fiero, aspado verdugo
de la Parca inexorable
eran fatales anuncios.

Esta, pues, ardiente ruina
por los torcidos cañutos
del oído, el monstruo alado
mete con volante impulso.

A Irene llega el estruendo,
penetrando el más obscuro
ceno, del sacro Parterion
el vocinglero tumulto.

Para tanto Mongibello
sobre el informe, preludio
del estrago ser podía,
sino el estallido, el humo.

Inflamada del activo
armonioso contrapunto
de la caridad, se anima
contra el fuego disoluto

Las nunca exhaustas torrentes
de los sublimes influjos
pide Al que mueve la Esfera,

la Tierra, el Mar, el Profundo

[255]

Al Alcázar del enfermo
guía de la¹⁰⁷ planta el curso,
animada en tan celeste,
divino salvoconducto.

Por la puerta, pues, del trono
de la Muerte, entra el más puro
prodigio, que en limpias aras
mereció cándido culto.

No le arrastraba el adorno
el escandaloso orgullo
de la vanidad, sin arte
la modestia le compuso.

De los cuajados rocíos
del Alva, parece tuvo
el suavísimo ropaje
solo el nacimiento suyo.

Humilde besa la tierra,
con tan atento descuido,
que el solo ve, si es extraño,
o natural el coturno.

Rústica prisión enfrena
los crespos motines rubios,
que hasta en ella es recatada
la ciega pasión de un vulgo.

¹⁰⁷ “la” é acrescentado pelo poeta, em errata ao livro impresso.

Blando lienzo surca el Aire,
no vano, sí con oculto
ardor, de buscar lo eterno,
y despreciar lo caduco.

Por contraria acción sus ojos
siguen los mismos impulsos,
contemplando en lo más bajo
distancias de lo más sumo.

La modestia en sus mejillas
nuevos altares dispuso,
colocando la vergüenza,
no en lo blanco, en lo purpureo.

De las lágrimas del Alva,
sus dos cofres rubicundos
nunca jamás descubrieron,
los carámbanos menudos.

Lo modesto, al fin, lo grave
lo compuesto, lo sesudo,
de víctimas reverentes
eran dueños absolutos.

De tanta luz asombrado
trémulo se descompuso
el castillo enfermo, al ansia,
al pasmo, al pavor, al susto:

Tres veces pide socorro
al intercadente pulso
para animarse; otras tantas

se rinde casi difunto.

Dulce el morir le parece,
piensa, pues, que el estatuto
de la Muerte se disfraza
en tan bellísimo bulto.

Rompe tanto laberinto
el bello asombro, difuso
de sus elocuentes labios
todo el arroyo facundo.

O joven (dice piadosa)
destrozado, enfermo, en cuyo
incendio, a mudar de objeto,
fuera el rendimiento, triunfo.

Como es posible que en vano
arda un árbol, tan augusto?
si a beneficio del fuego
pudiera bañarse en frutos?

Como es posible que muera
victima torpe entre inmundos
rayos? pudiendo ser Fénix
entre olorosos arbustos?

Si a la heroicidad se animan
los grandes, como propuso
a un Príncipe tan excelso,
menos acción el discurso?

Si es que solo soberanos

hace el dominio, que absurdo
te arrebatara a que tu propio
ofrezcas el cuello al yugo?

[257]

Si es que alumbran los incendios,
como estando tan adusto
al resplandor de la llama,
no te aparta de lo obscuro?

Las Águilas se examinan
a la luz; pues que tan rudo
estás, que cegando al rayo
quieres parecer espurio?

Dirás que yo soy el objeto:
de la ceguedad anuncio
mayor; pues vive la llama
solo apoyada del humo.

Humo sí; humo, no solo
en lo intocable, incorrupto,
mas en lo frágil, lo raro,
lo aparente, lo caduco

Que piensas que es esta forma,
que llamas bello trasunto
de una Deidad? pues realmente
solo es del Aire un dibujo.

Qué importa que la cabeza
circunde un tesoro rubio,
platas el brazo, bronce el cuerpo,
las plantas hierro robusto.

Si desprendida del monte
de la Muerte, el fiero impulso
de una piedra, vuelve en polvo
cuanto ha soñado un Nabuco?

Si no bastan los estruendos
de la verdad, al agudo
pensamiento embote el mármol,
si más labrado, más duro

Temple el recato al despeño,
lo atento, a lo disoluto,
la pureza, a la lascivia,
lo inmaculado, a lo impuro.

Con piedad religiosa
construía eterno sepulcro
la frialdad del Apenino
a la fragua del Vesubio.

[258]

Al fin desmaye el incendio,
al ver partida en menudos
trozos, la vaga esperanza
en las aras del futuro.

Dijo; y al turbado joven,
puesto en un caos profundo;
se rebelan los sentidos,
comuneros, y difusos.
Violentamente ocupando
los alterados reductos
de la turbación, no puede
ya reducirlos al uso.

Trémulo, absorto, suspenso
los progresos del discurso,
ni puede fiar del cauce
de un aliento tartamudo.

Mas fue poderoso el fiero,
barajado horror, de oculto
rayo movido, a dejar
del alma el tósigo expulso

Alcanza Irene el remedio,
y dejando le al confuso
olvido de sus potencias,
vuelve al claustro pudibundo

Cobró fuerzas el sosiego,
y en los afanes diuturnos
del tiempo, se fatigaron
los alientos más robustos.

En las verdinegras sombras
del balzado Lete inmundo,
torpemente bostezaba
el soñoliento descuido.

Cursó la edad, giró el Evo,
hasta que en el más obscuro
ceno, se quedó el ruido
súpito, extático, y mudo.

Así fue; mas como el Hado
pone en lo rápido el curso,
al voluble movimiento

[259]

su pompa se descompuso.

Nació en medio del letargo
el más execrando absurdo,
que en los altares del vicio
tiene ofrecido el disturbio.

El espíritu de Irene
prudente anciano Mercurio
con doctas normas guiaba
para los celestes muros

Más torpe llama encendiendo
la porción del hielo hirsuto
más aprisa se pegaba
solo por ser más caduco.

Contra cándidas doctrinas
formaba el lascivo estudio
deshonestas consecuencias
de silogismos impuros

Firme en su opinión defiende
Irene el maligno astuto
argumento, y el juicio
queda en sus dogmas seguro

La maldad avergonzada
de la resistencia, trujo
del Abismo el desempeño
de todo el agravio suyo.

A la maligna influencia

de Tesálico conjuro
crece el uterino claustro,
con horror, con ansia, y susto.

Como en las clausulas puede
caber el mortal diluvio,
donde de Irene el juicio
nafragante estaba, y surto?

Dígalo solo el asombro;
que en la explicación no cupo,
ni aun después de recitada
en los teatros del vulgo.

Al joven llegan los ecos,
donde Cupido sañudo,
de oro no, de plomo embebe
flechas en el arco ebúrneo.

[260]

Descompuestos los cuidados
a los venenos cerúleos
de los celos, en venganzas
mudan el fuego recluso.

En el sacrílego brazo
de otro Orestes se dispuso,
pasando el blasón de amigo
al ludibrio de verdugo.

Revelación soberana,
el golpe a Irene introdujo,
que como gloria celebra
lo que estrago se compuso.

La noche arrugaba el manto,
donde encubrían los mustios
 cadáveres de la sombra
los torpes trémulos bultos.

Nunca hasta entonces subieron
a poblar de horrendos lutos
 el coliseo de los aires
vapores más carrancudos.

Rompiendo Cáucacos tristes
de grueso horror, el nocturno
 Planeta se amortajaba
en el manchado capullo.

Asombrados le seguían,
y nunca más moribundos
 entre malignas tinieblas
los trepidantes carbunclos.

El viento inquieto en los troncos
 por el caloso tumulto
del bosque, en horridos silbos
 discurría vagabundo.

De las peñas desatado
el río triste, y confuso
 en lágrimas explicaba
un lastimoso susurro.

Sus márgenes ilumina
Sacra Ifigenia; y el sumo
soberano auxilio implora

[261]

desta suerte: O Tu Profundo,

Máximo, Inmortal, Inmenso,
Móvil sempiterno, de uno
y otro Polo, uno y otro
golfo, uno, y otro Mundo.

Definición Infinita
de Ti Propio: Tu Trasunto
de Ti Mismo, Mente, Idea
de tu saber, sin segundo

Tu, que a Enoc, y Tu que a Elías
del inviolable estatuto
eximiste, y al padre nuevo
del universal diluvio.

Tu, que a Abraham de las insidias
caldaicas, de los insultos
Tartáreos a Job, y a Isaac
del amagado verdugo

Tu, que a Lot de las infames
llamas, a Moisés del duro
Faraón, y a los tres niños
del Babilonio Vesubio

Tu, que a un pastor de aquel fiero
de Israel pavor membrudo
libertaste, y a Susana
del testimonio perjuro.
Por ser esta causa mía
tan parecida a este insulto

te pido, señor, no dejes
mi horror, pues ya es tan tuyo.

No la invicta Laureola
de mi martirio rehusó,
si a la copia innumerable
de sus subsidios acudo

Alienta, pues, fortalece
mi humildad; de excelso impulso,
para que no quiebre, adorna
aqueste barro caduco.

En tu diestra ya consagro
cuanto aliento, obro, discurro:
lo demás quede al arbitrio
de tu inescrutable gusto.

[262]

Hasta la traidora herida
del horror, por más injusto
tormento, con más deseo
en tus manos distribuyo.

Dijo; cuando rompen astros,
nubes, esferas, coluros,
empuñando laureolas,
sagrados, volantes Nuncios.

Del Iris ciñen su frente,
y otra vez en los rotundos
espacios, la forma extinta
cruzan los aires cerúleos.

Casi a este tiempo ocupando
venía con el agudo
instrumento, el cuello fino
el insolente Mercurio.

En esferas de alabastro
acicala el filo, a cuyo
rasgo, quedó destroncado
el torreón del discurso

Solloza en purpúreas fuentes
todo el caudal de un Danubio:
lo que fue mar cristalino
ya es golfo rubicundo.

O Alma: vuela, desata
orbes, cielos: En lo sumo
del Empíreo goza el lauro
del vencimiento, y el triunfo.

ISOCOLON

Amai a Deus; que é razão,
ainda de humano estado,
pois não podeis ser honrado,
sem mostrar que sois cristão.

[263]

Bens, não busqueis, mas perdê-los,
antes que o ardor de buscá-los;
não vai o ponto em ganhá-los,
vai o ponto em merecê-los.

Cargos, nunca com cobiça
sigais, nem com valimento;
queixe-se o merecimento,
mas não se agrave a justiça.

Douto podeis ser, que agudo
é favor de sacro empenho:
de Deus é que nace o engenho
as Letras nadem do estudo.

Eficaz sereis; a mão
mostre a ideia de improviso;
pois sempre o rumor do aviso
foi desar da execução.

Falai sempre com decência,
nem pouco, nem com jactância;
porque ou se mostra a ignorância,
ou põe-se em risco a ciência

Gastai; mas sem o perigo

de ao gasto ser feudatário:
melhor é dar a um contrário,
do que pedir a um amigo.

Humilde, e grave se exponha
o génio; e nunca o defeito
inche no grave o respeito,
core no humilde a vergonha.

Jogo, só aquele se emprenda
que o ardor militar inflama;
pois este assegura a fama
o outro arrisca a fazenda.

Liberal sede sem vício,
nunca espereis recompensa,
pois a esperança é ofensa,
onde é nobre o benefício.

Murmurar profana o templo
do trato; e é indigna ação,
não há mais repreensão
do que a que nace do exemplo.

[264]

Namorar é ação baldada,
que a loucura só destina;
pois casando, fica indina¹⁰⁸,
pagando, fica escusada.

Ofertai tudo; não obre
nada vil o sangue claro;

¹⁰⁸ Indigna.

dai por grandeza ao avaro,
por dívida dai ao pobre.

Pedir não; que é túbio o fogo
o que só a sopros arde;
que há de obrar mão tão cobarde,
que espera o clarim do rogo?

Queixa, bem, ou mal fundada
façais de viva criatura:
queixar, sem causa, é loucura,
tendo-a, só se queixa a espada.

Razão seja o lume ativo,
que guie a ideia imortal:
prezemos o racional
distinto do sensitivo.

Segredo tende; ide atento
sempre em tudo a conservá-lo;
ganha opinião o guardá-lo,
perdê-lo, arrependimento.

Trato, nunca com sujeito
de alta, ou baixa condição;
este arrisca a estimação,
esse aventura o respeito.

Verdade tende inflexível,
de sorte que nunca possa,
por uma mentira vossa,
fazer-se a verdade incrível

Xácara, sarau, ou dança
não useis; que é parte impura,
e se não por ser loucura,
ao menos por ser mudança.

Zelo de honra o génio anime;
neste ponto sempre esteja;
e por isso antes a enveja
vos morda, que vos lastime.

[265]

Omnia, his opusculis meis, scripta, circumspectae correctioni sanctissimae Romanae Ecclesiae submitto; et coram illius venerabili vultu humiliter profiteor, quod illis verbis, scilicet: Fato, Fortuna, Sorte, contingentia, Casu, Omnipotencia, Providentia, Influxu, Divinitate, Ara, Sacrificio, Victima, Oblatione, holocausto, voto, Deitate et Numine, ipso sensu uti volui; in quo a Catholicis, et piissimis viris semper accepta fuere. Ad Plectri que mei ornatum eas tantummodo, secundum Poeticas christianae vetustum morem introduxi: in ipsius Matris permissionem adductus.

Francisco de Pina de Melo

ÍNDICE DE COMPOSIÇÕES

Primeira Parte

Sonetos.....	12
--------------	----

Segunda Parte

Canção Real.....	112
Cenotáfio	117
Soneto alheio.....	122
Glosa.....	123
Soneto de Camões.....	137
Glosa.....	138
Epístola.....	143
Égloga.....	148
Genetliaco de la Señora Doña Teresa de Jesús, Hija de los Duques de Arcos, y Maqueda.....	192
Chorava Alexandre com a notícia, que lhe deu Anaxarco, de que havia mais Mundos por descobrir.....	217

Terceira Parte

Romances.....	222
De Ixião a Juno.....	285
De Endimião a Diana.....	297
Senhor Macías.....	315
Primeiro Poema Patético.....	331
Segundo Poema Patético.....	397
Laureola Métrica.....	424
Isocolon.....	444

